



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES  
BACHARELADO EM DESIGN**

**MARIA ELISA FIDELIS DE OLIVEIRA**

**ORÁCULOS DA CIDADE DO NATAL: Uma tradução da fala popular**

**Natal/RN  
2017**

**MARIA ELISA FIDELIS DE OLIVEIRA**

**ORÁCULOS DA CIDADE DO NATAL: Uma tradução da fala popular**

Trabalho de Conclusão de Curso II, apresentado ao Departamento de Artes do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Design.

**ORIENTADOR: Prof. Dr. Olavo Fontes Magalhães Bessa.**

Natal/RN  
2017

**MARIA ELISA FIDELIS DE OLIVEIRA**

**ORÁCULOS DA CIDADE DO NATAL: Uma tradução da fala popular**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao Departamento de Artes do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Design.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Olavo Fontes Magalhães Bessa – Orientador  
UFRN**

---

**Prof. Silvia Aparecida Oliveira de Alencar Matos – Examinador  
IFRN**

---

**Prof.<sup>a</sup> Lorena Gomes Torres de Oliveira – Examinadora  
UFRN**

“Precisamos estar dispostos a nos livrar da vida que planejamos, para podermos viver a vida que nos espera. A pele velha tem que cair para que uma nova possa nascer”

Joseph Campbell

## **AGRADECIMENTOS**

Aos que ficaram ao lado.

## RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso II buscou colher, entender e analisar histórias da cidade do Natal para a criação de um sistema de cartas esotéricas. Para ocorrer o cruzamento destes dois universos, se fez necessária a leitura do livro do historiador potiguar Luís da Câmara Cascudo, História da Cidade do Natal, onde os "causos" relatados vêm de registros oficiais desde a época da colonização e principalmente da fala popular, seu entendimento, cruzado também com a obra de Joseph Campbell, O Poder do Mito, pode ser decodificado à luz da intersemiótica de tal maneira que se fez possível, após análise dos tipos de carteados esotéricos, relacionar estes causos a sua simbologia. Estas cartas por fim não simbolizam somente arquétipos, carregam com si a cultura da cidade, fatos que ajudaram em sua construção identitária muitas vezes esquecida e levam ainda a palavra de Câmara Cascudo consigo.

**Palavras chave:** Oráculo. Carteados esotéricos. Câmara Cascudo. Tradição Oral. Intersemiótica.

## ABSTRACT

This work of Conclusion of Course II sought to gather, understand and analyze stories of the city of Natal for the creation of a system of esoteric cards. In order to cross the two universes, it was necessary to read the book of the potiguar historian Luís da Câmara Cascudo, History of the City of Natal, where the "causos" reported come from official records from the time of colonization and mainly from popular speech, his understanding, also interspersed with Joseph Campbell's The Power of Myth, can be decoded in the light of the intersemiotic conceptualized with the understanding of Santaella, in such a way that it was possible, after analyzing the types of esoteric card games, to relate these causes to its symbology. These cards ultimately do not symbolize only archetypes, they carry with them the culture of the city, facts, often forgotten, that have helped in their identity construction, and still carry the word of Câmara Cascudo with them.

**Keywords:** Oracle. Esoteric cards. Câmara Cascudo. Oral tradition. Intersemiotic.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Ilustração remetendo ao período da Inquisição.....	16
Figura 02 - Recorte de três Arcanos Maiores do Tarot Rider-Waite-Smith .....	17
Figura 03 - Recorte dos Arcanos Menores de Rider-Waite-Smith.....	17
Figura 04 - Gravura de Madame Lenormand, a criadora do Baralho Lenormand...	19
Figura 05 - Arquétipo A Chave no Baralho Lenormand.....	20
Figura 06 - Comparação das cartas A Torre, a esquerda no Lenormand e a direita no Tarot Rider-Waite-Smith.....	21
Figura 07 - Linha do tempo ilustrativa da ordem de surgimento dos Tarots citados.....	22
Figura 08 - Cartas do Tarot de Visconti Sfroza.....	23
Figura 09 - A esquerda Pamela Smith e a direita Arthur Waite.....	24
Figura 10 - A Esquerda carta 3 de espadas do Tarot Sola Busca e a direita a mesma carta no Tarot Rider-Waite-Smith.....	25
Figura 11 - Cartas na História do Rolando Louco de Amor.....	27
Figura 12 - <i>Bull</i> , por Pablo Picasso.....	32
Figura 13 - Obra de Martin Trady.....	33
Figura 14 - Desenhos de autores desconhecidos feitos com base em linhas.....	32
Figura 15 - Tabela de tipos de material para impressão e suas especificações.....	34
Figura 16 - Demonstração de papel couchê brilho e fosco.....	35
Figura 17 - Verso de cartas de baralho tradicional.....	36
Figura 18 - Mapa Mental desenvolvido.....	38
Figura 19 - Figura 19 - Painel Inspirativo.....	39
Figura 20 - Desenho em nanquim construído com linhas.....	45
Figura 21 - Painel Inspirativo para o Agrupamento 1 [Mãe Natureza].....	47
Figura 22 - Painel Inspirativo para o Agrupamento 2 [Dependência do sol].....	47
Figura 23 - Painel Inspirativo para o Agrupamento 3 [Penitência].....	48
Figura 24 - Painel Inspirativo para o Agrupamento 4 [Medo].....	48

Figura 25 - Painel Inspirativo para o Agrupamento 5 [Benção].....	49
Figura 26 - Painel Inspirativo para o Agrupamento 6 [Imposição].....	49
Figura 27 - Painel Inspirativo para o Agrupamento 7 [Sinal Divino].....	49
Figura 28 - Geração de desenhos 1.....	50
Figura 29 - Geração de desenhos 2.....	51
Figura 30 - Geração de desenhos 3.....	52
Figura 31 - Geração de desenhos 4.....	53
Figura 32 - Geração de desenhos 5.....	54
Figura 33 - Proposta para o Agrupamento 1 [Mãe natureza].....	55
Figura 34 - Proposta para o Agrupamento 2 [Dependência do Sol].....	56
Figura 35 - Proposta para o Agrupamento 3 [Penitência].....	57
Figura 36 - Proposta para o Agrupamento 4 [Medo].....	58
Figura 37 - Proposta para o Agrupamento 5 [Benção].....	59
Figura 38 - Proposta para o Agrupamento 6 [Imposição].....	60
Figura 39 - Proposta para o agrupamento 7 [Sinal Divino].....	61
Figura 40 - Aplicação de desenhos em <i>Mock-up</i> .....	63
Figura 41 - Cartas Mãe Natureza e Dependência do Sol.....	64
Figura 42 - Cartas Penitência e Medo.....	64
Figura 43 - Cartas Benção e Imposição.....	65
Figura 44 - Carta Sinal Divino.....	65
Figura 45 - Verso das cartas.....	66
Figura 46 - Mãe Natureza.....	67
Figura 47 - Dependência do sol.....	68
Figura 48 - Penitência.....	69
Figura 49 - Medo.....	70
Figura 50 - Benção.....	71
Figura 51 - Imposição.....	72
Figura 52 - Sinal Divino.....	73
Figura 53 - Verso das cartas.....	74

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Tabela comparativa de Dimensões de Carteados.....	35
Tabela 02 - Exemplo da tabela de análise de situação mitológica.....	40
Tabela 03 - Exemplificação da tabela de agrupamento de arquétipos selecionados.....	41
Tabela 04 - Respostas da tabela de agrupamentos.....	43
Tabela 05 - Avaliação das propostas.....	62

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>12</b>
2.1 Estudo dos carteados esotéricos .....	12
2.2 O Castelo dos Destinos Cruzados.....	25
2.3 Imaginário da cidade do Natal .....	29
2.4 Materiais e Processos.....	31
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>37</b>
3.1 Empatizar / Inspirar / Coletar .....	37
3.2 Conceituação e Decisões projetuais.....	39
3.3 Idear / Gerar Ideias .....	46
3.4 Avaliar .....	62
3.5 Prototipar .....	63
<b>4 RESULTADOS .....</b>	<b>66</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>75</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>76</b>
<b>ANEXO A .....</b>	<b>80</b>
<b>ANEXO B .....</b>	<b>92</b>
<b>ANEXO C .....</b>	<b>121</b>
<b>ANEXO D .....</b>	<b>129</b>

## **1 INTRODUÇÃO**

Este trabalho de Conclusão de Curso tem como motivação trazer luz aos aspectos culturais da cidade do Natal, Rio Grande do Norte, por meio da tradição oral colhida por Luís da Câmara Cascudo (1947) em seu livro, História da Cidade do Natal, fornecendo aos cidadãos meios de se conectarem com a localidade.

Seu objetivo é a criação de um sistema de cartaz capaz de representar os aspectos culturais e arquetípicos encontrados através da análise da obra de Cascudo (1947). Para tratar da questão da tradução de situações colhidas, o estudo da mitologia através de Campbell e a conceituação de arquétipos por meio de Jung foi de extrema importância para dissecar e entender as conexões a serem estabelecidas entre Cascudo (1947) e carteados.

Durante as pesquisas foi observado através da obra de Durval Muniz (2009), A Invenção do Nordeste e Outras Artes, que a caracterização do Nordeste teria sido “inventada” por diversas circunstâncias vindas a partir de visões originadas no Sudeste do Brasil. Assim foi possível entender que os estereótipos adquiridos ao longo do tempo são o ponto principal a ser evitado para a concretização deste trabalho, já que se pretende mostrar aspectos culturais presentes na cidade do Natal e não os aspectos das visões enraizadas do sul e sudeste do país, que por muitas vezes colocam todas as localidades nordestinas sobre uma única ótica

No capítulo dois, intitulado de “Fundamentação teórica”, são apontados os quatro pilares que fundaram as bases para a concretização do projeto. O primeiro, “Entendimento dos carteados esotéricos” que tratou do levantamento de dados das

ferramentas Tarot e Oráculo e de questões que ajudaram a contextualizar a área de estudo para trabalhar as questões de maneira coesa. O segundo se trata da análise do livro de Ítalo Calvino (1969), uma inspiração para o projeto, devido a sua obra se tratar de uma tradução intersemiótica de uma série de histórias através de um baralho de Tarot, cujos símbolos foram decodificados por meio da bagagem cultural do narrador. O terceiro pilar foi a identificação do que seria o “Imaginário da cidade do Natal”, através da obra de Luís da Câmara Cascudo (1947), o estudo do livro O Poder do Mito de Joseph Campbell (1988) e a conceituação de Jung (2000) acerca dos arquétipos. Este entendimento foi o alimento principal para a criação das cartas. O quarto trabalhou o levantamento de dados acerca da criação gráfica, sobre influências estéticas, tipos de papel e a anatomia dos carteados.

O terceiro capítulo, “Metodologia”, trilhou o caminho que levou aos resultados, trabalhando em cinco etapas, (1) Empatizar / Coletar / Inspirar, que com a abordagem das ferramentas Mapa mental e Painel inspirativo proporcionou a coleta e análise do que foi levantado durante as pesquisas obtidas na fundamentação teórica. (2) Conceituação e Decisões projetuais, executada diante das análises originadas na primeira etapa metodológica. Sendo criada uma tabela de situações encontradas na obra História da Cidade do Natal (1947) que foram analisadas de acordo com a conceituação de mito e arquétipo, para posteriormente serem agrupados por semelhança e apresentados a 5 sujeitos que avaliaram as situações através de “palavras-chave”. (3) Idear / Gerar ideias, criou uma série de painéis inspirativos que alimentaram a primeira geração de ideias a cerca das cartas, seguiu-se para a quarta etapa, (4) Avaliar, que contou com 10 sujeitos para validar os desenhos propostos e intitulá-los e por fim (5) Prototipar, que encarregou-se da aplicação de *Mock-ups*, provendo uma visualização de como os desenhos se aplicariam nas cartas.

O quarto capítulo apresenta os resultados obtidos, sendo os desenhos, devidamente validados pela população, e finalizados. Seguido pelo capítulo quinto com as considerações finais do trabalho.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo são abordados os aspectos de base para a concretização deste trabalho, começando com o entendimento dos carteados esotéricos, partindo para a obra de Ítalo Calvino (1969), *O Castelo dos Destinos Cruzados*, fomentando o processo intersemiótico de interpretação de símbolos. Localizando o imaginário da cidade do Natal com a obra de Luís da Câmara Cascudo (1947), *História da Cidade do Natal*, cujo estudo se deu paralelamente com o entendimento da obra *O poder do Mito* de Joseph Campbell (1988) e sobre arquétipos definidos por Jung (2000). Finalizando o capítulo com as questões referentes aos materiais e processos gráficos.

### 2.1. Entendimento dos carteados esotéricos

Para a execução deste projeto, se fez necessário o estudo do Tarot, sua história, tipologias e sua estrutura, além da base teórica construída com o livro de Carlos Godo (1985), que tratou dos aspectos históricos do Tarot e de outro carteadado esotérico, um oráculo conhecido como Lenormand.

Embora existam diversas fontes bibliográficas abordando a cultura dos carteados esotéricos, achou-se necessário um aporte maior de informação para esclarecer diversas questões, isso se deu através de uma entrevista semi-aberta com o tarólogo e *Spiritual Coach*<sup>1</sup> potiguar Rodrigo Ozório.

---

<sup>1</sup>*Spiritual Coach*: processo metodológico baseado na ideia de consciência, a fim de ampliar a visão e trazer respostas a questões acerca da vida.

A entrevista semi-aberta (ANEXO A - ENTREVISTA COM RODRIGO OZÓRIO) com Ozório se deu em sua residência, onde também atende seus clientes e ministra aulas. As perguntas que guiaram a abrangem os carteados esotéricos, preconceito, religião, tipologias, carteados e demais assuntos que surgiram ao longo da entrevista.

Ozório (2017) fornece o primeiro esclarecimento: Tarot não se joga, se tira e se interpreta, pois se trata de uma ferramenta intelectual, desenvolvida, além das ligações que fogem do alcance da mente humana, com estudos profundos e seriedade. Ele explica que a denominação de jogo banaliza o Tarot, que necessita de uma ética para ser lido e traduzido quando alguém o indaga algo.

Foi exposto durante a conversa que para fazer uso do Tarot, quem se dispõe a isso, além de ter que levar o assunto com muita seriedade, necessita ter uma bagagem cultural. Ozório (2017) explica que prefere dar aulas para pessoas com mais de 18 anos, por se tratarem de pessoas mais calmas e mais dispostas a aprender o real uso da ferramenta, são pessoas mais maduras. Isso nos levou a conversar sobre bagagem cultural, segundo o entrevistado, é necessária uma bagagem para reconhecer e entender a simbologia e saber que o Tarot é uma ferramenta sem filtros e é necessário ter um preparo para a interpretação de símbolos, ou seja, a população comum, que vem de famílias tradicionais, precisa ter experiência de vida.

Por que o tarot, ele não dá uma resposta, isso é muito pobre. Ele dá um panorama de respostas em cima de uma situação que você está avaliando. O tarólogo que está avaliando aquela situação pode ser apto ou não a perceber a quantidade de circunstâncias que ele está mostrando. Por isso que a gente tem leituras diferenciadas, por isso existem bons e maus tarólogos. Tem gente que capta só um pouquinho, tem gente que tem dúvida, que capta errado. É uma ferramenta que precisa de interpretação, é um idioma internacional antigo que mistura vários conceitos e estudos difíceis de fazer. (OZÓRIO, 2017, s/p.)

Além dessa bagagem cultural, ele cita que é preciso desenvolver habilidades, explorá-las e aperfeiçoá-las, sendo elas principalmente a memorização e a capacidade analítica. Segundo ele, o Tarot é um grande quebra-cabeça, no qual o intérprete das cartas deve encontrar uma interpretação que se encaixa. Mas além

dessas habilidades é necessário trabalhar com a intuição e o processo visual pois ao usar a ferramenta estamos lidando com a representação de símbolos.

Ele relata que a banalização da ferramenta fomenta questões de preconceito, desde o momento em que pessoas sem instrução que fazem leituras sem bases éticas ou estudos propícios até questões históricas e religiosas.

Ozório (2017) comenta sobre a instrução quanto ao uso especialmente, do Tarot, a existência de sociedades herméticas, ou seja, fechadas, sem a presença de curiosos, ele cita sua própria formação, em uma sociedade fechada, onde os participantes aceitos devem ter um grau de estudo superior, pois devem deter um conhecimento de mundo, ou seja, bagagem cultural para obter um uso correto das ferramentas esotéricas.

Para exemplificar melhor, ele apresenta a *Golden Dawn*, uma sociedade hermética inglesa do século XIX, onde um de seus participantes mais célebres, Arthur Waite, apresentava um vasto conhecimento e cerca de 50 publicações em torno de tratados e estudos esotéricos. Assim, ele evidencia o grau de instrução mínimo necessário para participar destas sociedades fechadas.

Para Ozório (2017) hoje em dia as pessoas estão mais ligadas a somente ver imagens, sem decodificá-las, sem desenvolver um pensamento mais profundo. Por isso existe esta segregação nestas sociedades herméticas. Não quer dizer que um leigo ou pessoa com menor aprofundamento intelectual não possa fazer leituras. Segundo ele, é como uma leitura, onde um leigo pode entender as palavras, mas não entende as sentenças. “Uma pessoa que não é estudiosa ela vai ler? Vai. Vai ler como quem lê gibi, vai fazer adivinhação boba, é isso. Não vai pegar a essência, o caldo!” (OZÓRIO, 2017, s/p.), resume.

Sobre pessoas que se denominam tarólogos, mas não apresentam o conhecimento e maturidade para o uso da ferramenta, Ozório (2017) comenta que podem cometer erros incorrigíveis que tangenciam aspectos da vida de outra pessoa. E essa ética e maturidade não estão presentes no manual que acompanha o Tarot, o manual é uma defesa do autor e ilustrador, ali ele vai relatar os processos e símbolos, mas não entregar uma chave de decodificação ou manual prático de leitura e interpretação. Mas, com o uso cada vez mais indiscriminado da ferramenta, as editoras se dedicam a fazer algo mais vendável para o público que não tem o

interesse de adentrar de maneira mais madura nessa tradição de leitura, então produzem manuais para guiar a retirada das cartas e suas interpretações, isso não significa que o manual capacita a leitura do Tarot.

No aspecto histórico, Ozório (2017) explica, muito do preconceito vem de tempos passados, uma consequência do grande período temporal em que se deu a Inquisição, quando o que não estivesse dentro dos desígnios do cristianismo era considerado pecaminoso e, portanto, era perseguido. Essa situação deixou marcas que se mantêm até os dias atuais.

Figura 01 - Ilustração remetendo ao período da Inquisição



Fonte: Portal Vermelho (2017)

Segundo Ozório (2017) o preconceito é mais forte no Brasil devido a forte presença da Igreja Católica Apostólica Romana. As pessoas associam esta ferramenta intelectual ao profano. Para ele, este preconceito vem do medo do desconhecido, de não saber do que se trata, de não haver uma explicação clara.

Durante a entrevista, Ozório (2017) ressalta que em muitas situações o uso da mediunidade caminha junto ao Tarot, porém não é uma obrigatoriedade. A mediunidade trata-se da relação que um médium estabelece entre o mundo dos vivos e dos espíritos. Quando o intérprete se conecta com sua mediunidade e fala o que tem de falar, não se faz a leitura das cartas. Nesta situação é evidenciado o uso do Tarot não para a leitura, mas é usado como mecanismo de acesso à mediunidade. Ele afirma que é preciso estudar muito bem para utilizar a ferramenta em forma de leitura, que um tarólogo deve ser um pesquisador.

Ao tocante dos diversos tipos de carteados existentes, Ozório (2017) explica que há diferenças de nomenclatura para designar os tipos de leitura, um tarólogo faz o uso do Tarot, composto por 78 cartas, com diferentes tipos de papel, cor, idioma, tamanho, etc., mas obrigatoriamente para ser denominado Tarot deve conter as 78 cartas divididas em Arcanos Maiores, Arcanos Menores, Realeza. Se não tiver esta caracterização se trata de outra ferramenta dentro da gama de carteados esotéricos existentes.

Figura 02 - Recorte de três Arcanos Maiores do Tarot Rider-Waite-Smith



Fonte - Wikipédia (2017)

Figura 03 - Recorte dos Arcanos Menores de Rider-Waite-Smith



Fonte - Cartas Maiores (2017)

Existe uma grande dificuldade dos leigos em entender as distinções das inúmeras ferramentas interpretativas de cunho esotérico existentes, o que acaba levando ao pensamento de que todos os carteados esotéricos se tratam de Tarot. Ele explica que dentro dessa grande diversidade de ferramentas, o que se destaca além do Tarot é a Cartomancia, onde é utilizado, além das cartas de leitura, o processo intuitivo. Ozório (2017) explica que a Cartomancia é uma experiência que pode incitar o começo do processo do uso do Tarot, é uma leitura intuitiva, baseada no uso de Oráculos, cujo processo de leitura é imaginativo criativo e uma bagagem de símbolos adquiridos durante a vida.

Ainda sobre os carteados, Ozório (2017) cita o Lenormand, também chamado de Baralho Cigano, que se trata do Baralho Inglês de cartas normal associado a figuras vindas da cultura local sintetizando arquétipos, o povo cigano fazia a leitura destas cartas, a partir dessa situação foi associada a palavra “jogar” ao Tarot. A denominação “jogo” é utilizada de forma correta no uso da Cartomancia.

De acordo com Teixeira e Medeiros (2013) a origem do baralho tradicional é incerta, porém a mais acreditada é Chinesa, no século X a.C. Sua difusão se deu na Europa durante o século XIV e despertaram a curiosidade da população devido a sua potencialidade de variação de jogos.

Existem diversos baralhos que contêm a essência do baralho Lenormand, tendo cartas diferenciadas, como explica Godo (1985), existem diferentes baralhos ciganos, que devido a forte questão migratória deste povo, tem diferentes aspectos, derivando de suas lendas, costumes e bagagem adquirida ao longo do tempo.

O Lenormand foi criado por Marie Anne Lenormand no século XIX, que era leitora de adivinhação e fazia o uso de diversas ferramentas, como o Tarot, leitura das mãos, bola de cristal, borra de chá e muitas outras coisas. Ela inventou o Lenormand que se trata de um Oráculo de adivinhação. Daí vem uma diferenciação, de que o Lenormand é uma ferramenta voltada para o propósito da adivinhação e o Tarot é de entendimento espiritual.

Figura 04 - Gravura de Madame Lenormand, a criadora do Baralho Lenormand



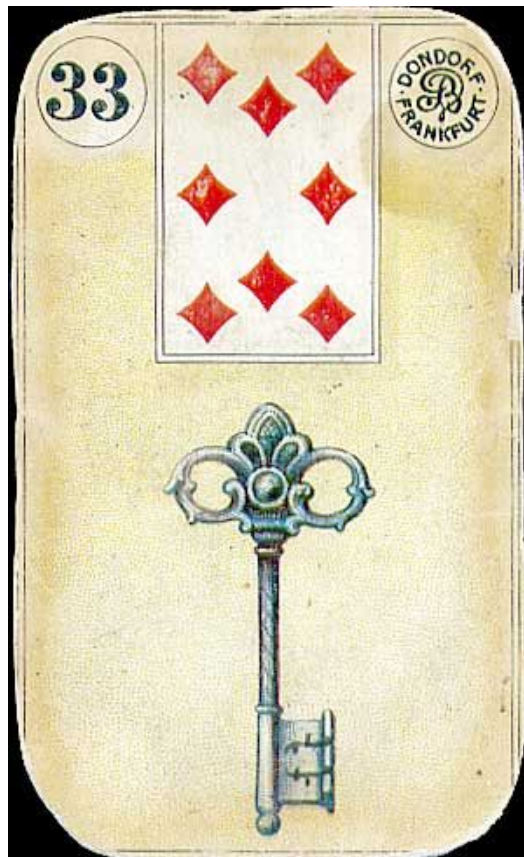
Fonte - *Learn Lenormand* (2017)

A estrutura do Lenormand original, também chamado de Grand Lenormand, é de 52 cartas, porém este baralho foi se perdendo com o tempo, assim com as cartas remanescentes foi criado o Petit Lenormand com apenas 36 cartas, porém, segundo Ozório (2017), sem haver perda da eficiência da ferramenta. E mesmo com essa redução de cartas, na Europa, as pessoas fazem mais seu uso do que o Tarot, justamente por essa redução e pelo manejo mais simples desta ferramenta adivinhatória.

Analisando suas estruturas, os baralhos ciganos derivados do Lenormand se assemelham a alguns aspectos do Tarot. Ozório (2017) analisa um baralho cigano comparando-o ao Tarot, existem arcanos menores presentes, são os naipes (copas, ouro, paus e espada) de Ás a 10 e as realezas (Valete, Dama e Rei), são similares, porém os baralhos ciganos não contém os Arcanos Maiores presentes no Tarot.

Outros tipos de baralhos ciganos, muitas vezes, não têm os mesmos arquétipos encontrados no Lenormand, onde há a presença de arquétipos (assim como no Tarot), como A Chave, O Livro, O Cavaleiro, O Bouquet e A Torre.

Figura 05 - Arquétipo A Chave no Baralho Lenormand



Fonte - Petit Lenormand (2017)

Analisando o Lenormand desta maneira, o Tarot também tem a presença de uma carta denominada de A Torre, porém seus significados são distintos. No Lenormand, esta carta tem o significado de isolamento para a o encontro da sabedoria dentro de si, enquanto no Tarot Rider-Waite-Smith, refere-se a uma grande mudança que se aproxima.

Figura 06 - Comparação das cartas A Torre, a esquerda no Lenormand e a direita no Tarot Rider-Waite-Smith



Fonte - Pinterest (2017)

Ozório (2017) conclui, existem diversas ferramentas com técnicas de leitura diferenciadas devido a suas cartas e quantidades diferentes e que por estas razões não são tipos de Tarot, são ferramentas adivinhatórias com representações em lâminas, como é o caso do Tarot, mas sua estrutura não é a mesma devido aos seus símbolos, dimensões e técnicas diferentes.

Em relação à origem do Tarot, diversas fontes apontam para origens diferentes, por se tratar de uma ferramenta antiga cuja datação remete ao século XV existência, não há uma comprovação vinda de dados históricos sobre sua origem e período temporal de criação. Desta maneira, Ozório (2017) destaca que existem origens místicas e científicas a serem analisadas.

Assim como obtido em pesquisa bibliográfica, no livro O Tarot de Marselha de Carlos Godo (1985), existem diversas teorias para a origem da ferramenta. Algumas linhas de pesquisa apontam para civilizações antigas, como a egípcia, onde algumas tablas, as quais cientistas veem aspectos semelhantes ao Tarot, todavia, sem comprovação de sua veracidade. Porém quando se referencia ao

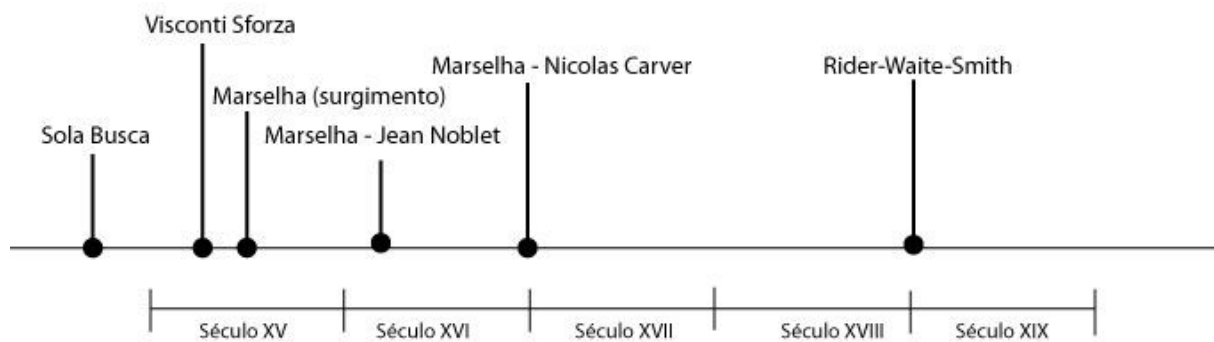
comércio do meio oriente, onde vários países e idiomas diferentes tinham a necessidade de uma comunicação surge a oportunidade para a criação de uma ferramenta, cujos símbolos universais associados a bagagem cultural, que auxiliaria o entendimento de valores e vontades.

Também relacionado à origens místicas, vem a teoria que o Tarot teria sido criado pelos deuses da Grécia, que, no momento em que partiram do mundo deixaram um “jogo” que daria acesso à verdades do mundo.

Ainda existe a teoria de que seria originado do povo cigano que por suas características migratórias e de mescla de culturas teria acesso a uma conexão com as ciências adivinhatórias.

Essas teorias vêm do imaginário, dos mitos que circundam ao redor das civilizações mais antigas devido à falta de documentação histórica comprovada, do misticismo que se gerou a partir do desconhecimento. Porém, quando partimos para as origens científicas, encontramos uma riqueza de dados históricos resulta em uma linha do tempo que nos leva ao Tarot de Rider-Waite-Smith.

Figura 07 - Linha do tempo ilustrativa da ordem de surgimento dos Tarots citados



Fonte - Autor (2017)

Acreditava-se que o Tarot mais antigo e comprovado se tratava do Tarot Sforza, pertencente à família tradicional italiana de Visconti Sforza, este *deck* foi encomendado pelo Visconde para presentear sua filha de 15 anos de idade, as cartas são datadas de meados do século XV. Segundo Ozório (2017), o fato de se encomendar a um pintor a ilustração de um Tarot indicava uma posição social elevada, além do fato de que era necessário ter um nível de cultura para saber de que se tratava de uma ferramenta espiritual, isto já indica que não era uma ferramenta mundana ou de uso comum entre a população.

Seguindo pelo tempo, encontra-se o Tarot de Marselha, que devido a falta de documentações, não se sabe com clareza o ano ou século em que foi concebido, para estudiosos como o filósofo Michael Dummett (1980), o Tarot de Marselha, também conhecido pela designação francesa *Tarot de Marsellie*, tenha nascido no norte da Itália em meados do século XV. Porém diversos baralhos contendo a mesma essência e também denominados de Marselha surgiram entre os séculos XVI e XVII, respectivamente, em meados dos anos 1650 por Jean Noblet, e o recriado por Nicolas Carver, que obteve mais notoriedade sendo datado dos anos 1760. O Tarot de Marselha, é segundo Constantino K. Riemma, estudioso de linguagens simbólicas, foi o baralho mais utilizado no século passado.

Todavia, o Tarot de Visconti Sforza ainda era o mais antigo datado, até a chegada do século XIX, quando o alemão Wolfgang Mayer, conseguiu da família Sola Busca um Tarot datado do século XV, porém mais antigo que o Tarot Sforza, e que estava com o número de cartas completo.

Figura 08 - Cartas do Tarot de Visconti Sforza



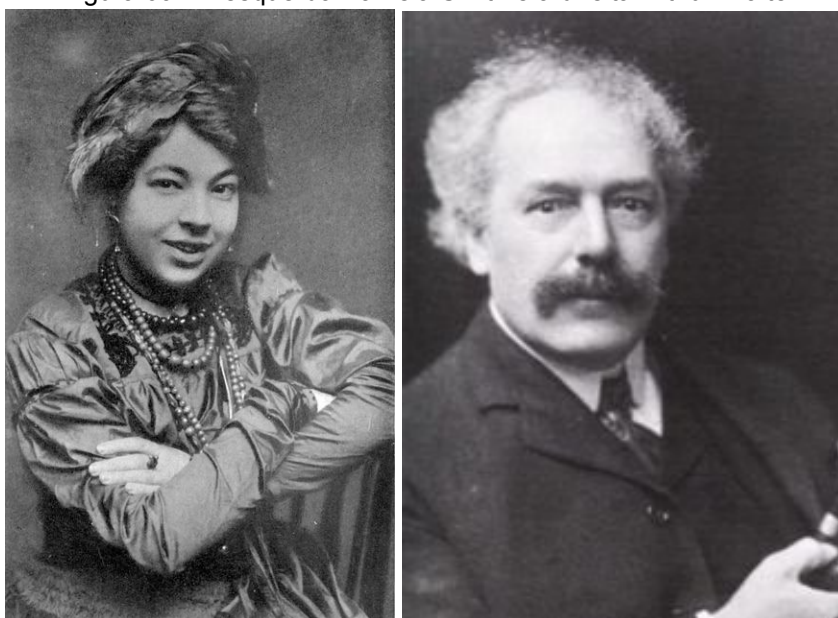
Fonte - *The Worlds of Playing Cards* (2017)

Este Tarot provocou agitação na época por causa de sua estrutura diferenciada, ele trazia os Arcanos Maiores em uma disposição diferente do que havia sido postulado com outros baralhos, nele a carta A Torre é o número 20 e não o 16, O Diabo sendo o 13 e não o 15, e as cartas não apresentam escritos indicativos de numeração ou nomenclatura. É um Tarot que é ilustrado utilizando a história clássica do Império Romano e com personagens históricos da realeza romana.

Ozório (2017) relata que, outro fator importante aos olhos dos pesquisadores da época é sua vinculação com a Dragão Vermelho, sociedade hermética da Veneza Antiga, que cultuava rituais de Saturno para manter saúde e riqueza.

Nesta época em que se deu a descoberta deste Tarot ocorria uma efervescência de curiosidade e de estudos ligados ao Tarot, e foi neste contexto que se deu a criação do Tarot Rider-Waite Smith, que segundo a *Tharosophy Association*, é o Tarot preferido e mais utilizado nos últimos tempos. Se trata de uma ferramenta inovadora, ilustrada pela artista plástica Pamela Smith que trabalhou as figuras com uma linguagem contemporânea para a época, deixando a ferramenta atualizada e fácil de ler.

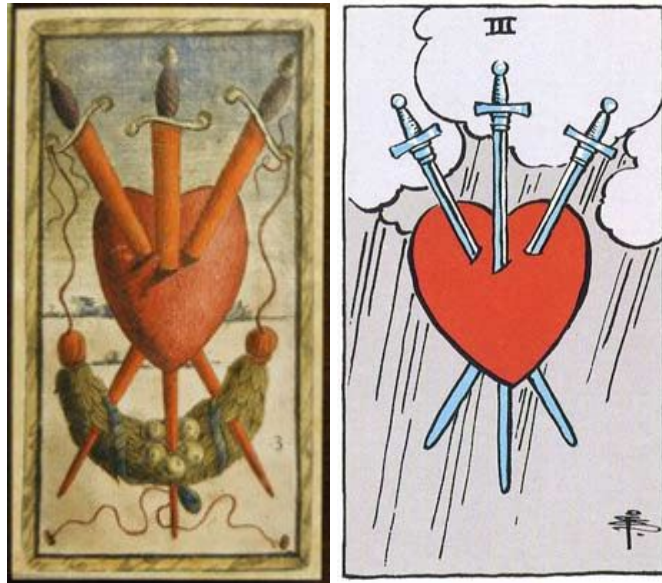
Figura 09 - A esquerda Pamela Smith e a direita Arthur Waite



Fonte - Controversial (2017)

Com a chegada do Tarot Rider-Waite, o Sola Busca foi deixado de lado, porém, no ano de 2016, a editora Lo Scarabeo, dedicada a impressos esotéricos, fez o lançamento de uma nova edição do Tarot Sola Busca, que não estava em circulação devido aos direitos autorais da família. O fato curioso é que o Tarot de Rider-Waite-Smith apresenta diversas cartas similares ao Sola Busca, porém omitindo alguns detalhes, mas contendo os mesmos conceitos, como é possível observar na carta Três de Espadas quando comparamos as duas lâminas. Sendo assim, esta reimpressão do Sola Busca é tão atual quanto o Tarot Rider-Waite-Smith.

Figura 10 - A Esquerda carta 3 de espadas do Tarot Sola Busca e a direita a mesma carta no Tarot Rider-Waite-Smith



Fonte - Clube do Tarot (2017)

Em resumo, com esta entrevista associada às pesquisas bibliográficas foi possível acumular diversas informações acerca do Tarot e de outras tipologias de carteados esotéricos, como o Baralho Lenormand e sua característica de oráculo.

Dentro da questão dos carteados esotéricos, como foi relatado na entrevista com Ozório (2017), existe a ligação adivinhatória e intuitiva atribuída a Cartomancia com o Baralho Inglês, conhecido comumente por baralho tradicional.

## 2.2 O Castelo dos Destinos Cruzados

Ítalo Calvino (1969), foi um dos mais importantes escritores italianos do século XX, devido a obras como O Cavaleiro Inexistente, As Cidades Invisíveis, dentre tantas outras. O Castelo dos Destinos Cruzados se tornou conhecido por ter a característica de trazer a inserção do leitor dentro da narrativa e por sua abertura ao diverso e ao que se encontra “do outro lado”, criando um espaço dinâmico e mutável de constantes trocas de saberes.

Em O Castelo dos Destinos Cruzados, o autor nos apresenta o uso de um baralho de Tarot como ferramenta narrativa para personagens sentados a uma mesa em um castelo que se vêem emudecidos.

As mesmas cartas, porém, servem para várias histórias, e cada uma delas comporta múltiplas interpretações. Qual a mais verdadeira, não importa. Nos relatos da taverna — ou será um castelo? —, o escritor ilusionista embaralha os destinos e se entrega à vertigem dos jogos combinatórios, ao prazer cerebral de colocar as cartas umas ao lado das outras para formar uma espécie de quadrado mágico, sempre aberto, porém, a novas leituras (CALVINO, 2007, p. 95).

Como discorre Moreira (2008) no livro *Leitura e Escrita em Movimento*, Calvino nos leva a um emaranhado de histórias, que são desvendadas pelo narrador usando seu senso comum, mas que também dá margem ao leitor fazer sua própria interpretação dos fatos, embarcando em uma análise intersemiótica dos elementos contidos nas cartas de Tarot.

Somos primeiramente apresentados a um cavaleiro que, depois de uma viagem árdua por um bosque, vê como possibilidade de descanso uma construção, cujo interior o remete a um castelo por seus requintes, mas também a uma taberna simples. Em seu interior observa personagens sentados a uma mesa e se sente convidado a cear com seus participantes. Após o banquete, que seguiu em completo silêncio, o taberneiro os apresenta a um baralho de Tarot e o cavaleiro percebe que perdera a capacidade da fala e que todos os outros também se encontram em mesmo estado.

A partir da distribuição espacial das cartas na mesa, tempo, ação e personagens vão sendo delimitados. E a história do castelo só se completa com a participação de todos os personagens, com a junção de todas as pequenas histórias que, se não se cruzam no campo da diegese, se encontram no campo discursivo. A mesa do castelo vai sendo preenchida com os elementos escolhidos pelo personagem que apresenta sua história. Essa narrativa, no entanto, só se efetiva com a participação do leitor-intérprete, no caso, o narrador. A interação se faz necessária para que a história do castelo possa ser construída, e os personagens que circundam a mesa constroem uma rede cuja centralidade se desloca a cada momento. (MOREIRA, 2008, p.5)

Um de seus participantes se apropria do baralho e começa a dispor cartas na mesa que juntamente com sua linguagem gestual avisa aos outros personagens que contaria sua história a partir do baralho. Assim temos acesso a primeira história contada no livro, *A História do Ingrato Punido*, a medida que o participante começa a depositar as cartas sobre a mesa, criando sua própria organização, o cavaleiro dá



No âmbito do processo comunicativo de Calvino, o nosso foco localiza-se nos caminhos das variantes, nas possibilidades múltiplas de trajetórias. Instiga-nos entender as regras de cada jogo combinatório criado, percorrer o desenho diagramático implícito em cada texto, observar as escolhas, as seleções dentre tantas configurações potenciais, e relacionar posteriormente as similaridades e generalizações do seu projeto como um todo (entendendo todo como integração e não completude (BIGARELI, 2007, s/p.).

Ainda ao analisar o livro é possível perceber que o estilo de narrativa de Calvino é caracterizado, à luz do livro *Obra aberta* de Umberto Eco (1962), como uma obra aberta, onde o leitor tem papel fundamental na estrutura da narrativa.

Quando Calvino nos apresenta o Cavaleiro e este personagem começa sua própria interpretação das cartas dispostas a mesa o leitor tem a possibilidade de divagar sobre seus significados e se a leitura do personagem lhe parece correta. Ele abre possibilidades para que o leitor levante seus próprios questionamentos para que, mesmo que saiba o significado das cartas de Tarot postas à mesa, possa questionar o conhecimento de quem a colocou a mesa.

(...) um texto postula o próprio destinatário como condição indispensável não só da própria capacidade concreta de comunicação, mas também da própria potencialidade significativa. Todo texto quer alguém que o ajude a funcionar (ECO, 1986, p. 37).

A partir do entendimento desta obra de Calvino e a associação com as informações colhidas no estudo dos carteados, podemos observar o processo de reconhecimento de arquétipos e símbolos que os personagens fazem uso para poder narrar suas jornadas. Esse é um processo intuitivo, que vem principalmente da bagagem cultural que fomenta esse reconhecimento de elementos. Levando isso ao contexto do Tarot, é sabido que se faz necessário um entendimento profundo, um estudo e dedicação para interpretar suas cartas e extrair seus significados ocultos, todavia, quando analisamos a situação juntamente com o Baralho Cigano, o Lenormand, entendemos que o processo é muito mais semelhante, há apenas a interpretação das cartas de acordo com a vivência de cada indivíduo, e isso é o que Ozório (2017) postula como um processo de intuitivo natural.

### 2.3 Imaginário da cidade do Natal

Para fomentar o processo de criação das cartas, se fez necessário o entendimento dos conceitos de Mito, arquétipos e o inconsciente coletivo, desta forma se pode compreender suas relações. O mito é muito bem definido na obra de Campbell (1988), O Poder do Mito:

Aquilo que os seres humanos têm em comum se revela nos mitos. Mitos são histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação, através dos tempos. Todos nós precisamos contar nossa história, compreender nossa história ( CAMPBELL, 1988, p. 05).

Por sua vez, podemos então entender a relação entre mitos e arquétipos diante do que é postulado por Ulson (1995 *apud* Savaris, 1999), mitos referem-se a situações arquetípicas nas quais os seres humanos se deparam no decorrer da vida, e que explicam, auxiliam e promovem transformações psíquicas. Mitos se tratam essencialmente de uma forma de expressão de arquétipos, sobre o que é comum no tocante a condição humana. Segundo Jung (2000), arquétipos se tratam de imagens primordiais vindas de repetições de uma mesma experiência vivida ao longo do tempo e armazenada no inconsciente coletivo.

A partir do entendimento da obra O Poder do Mito, e dos conceitos apresentados, é possível ser traçado um paralelo com o livro de Cascudo (1947), História da Cidade do Natal, onde o autor navega pelas eras da cidade, desde os tempos em que a terra era totalmente virgem e habitada por tribos indígenas até meados da Segunda Grande Guerra. Com o entendimento desta obra se fez possível decodificar os mitos presentes na história da cidade, extraindo palavras chave da passagem das épocas, assim criando uma gama de mitos e arquétipos a serem correspondidos nas cartas.

Cabe ser estudado, desvendado em cada rua, em cada passagem, nos lugares mais distantes, de extremos a extremos o que está ocultado pelo tempo. Aquilo que o indivíduo constrói e é esquecido em seu perene percurso de cidadão é fonte rica para pesquisas. As cidades podem guardar surpresas. O mais inanimado prédio, as ruas sem vida, o bairro esquecido, os lugares que perderam seu valor na sucessão das gerações de pessoas que já se adonaram da cidade podem ser revividos em flashes de tempos específicos. Igual a como quem vê fotogramas de uma longuíssima película, a cidade pode ser um filme de inesperadas imagens, de imagens surpreendentes. (ARAÚJO, 2003, p. 70)

Desta forma, a leitura e interpretação simbólica de Cascudo (1943) através do entendimento de Campbell (1988) proporciona a decodificação da relação do passado com “Quem somos”, com a identidade natalense, com arquétipos e situações arquetípicas convergindo para a aplicação em um sistema de cartas, onde cada lâmina possui um significado que pode ser relacionado com o encontrado neste jogo de leitura, interpretação e decodificação.

Muito embora estas duas obras possam fornecer um vislumbre do passado e do “Quem somos”, a voz da população não pode deixar de ser ouvida, visto que na sociedade, fazemos parte de grupos que se diferenciam de outros grupos, e dentro destes há a singularidade do indivíduo, cada cidadão tem sua própria vivência e bagagem cultural. No livro do folclorista potiguar, Luís da Câmara Cascudo, A História da cidade do Natal, podemos encontrar relatos que constituíram a identidade cultural de Natal.

Assim este material de Cascudo foi utilizado como insumo para a criação das cartas de uma maneira que, devido a obra traduzir a fala popular, cruzando os casos com o Livro O Poder do Mito de Campbell (1988), puderam ser identificados mitos pertencentes a cultura da cidade do Natal, a fim de analisar e extrair dados para que semioticamente as cartas reflitam estes sentimentos, situações e momentos encontrados.

Em todo caso, a cidade tem lugar e história. O indivíduo está indiscutivelmente ligado a um lugar de origem, há um tempo que remonta, igualmente, o tempo do lugar, a história de uma cotidianidade. E em relação à cidade essa história vai se espargindo no tempo. São histórias, portanto, que se cruzam: do indivíduo e da cidade (ARAÚJO, 2003, p. 69)

Na obra de Cascudo (1947) somos apresentados a uma variedade de situações mitológicas referentes, principalmente, a épocas passadas da cidade do Natal, e foi possível perceber, ao dialogar com a população a cerca desta obra, que pouco se sabia do que se passou na cidade a não ser do que ainda está muito presente no imaginário ou o que se é passado nas primeiras fases do estudo nas escolas. Conhece-se o fato das invasões holandesas, da criação do Forte dos Reis Magos, da chegada da Padroeira da cidade e da chegada dos americanos na Segunda Guerra Mundial. Mas se desconhecem situações apagadas pelo tempo, a

não ser que o indivíduo conheça as obras de Cascudo que tratam da cidade do Natal.

O que pode ser observado, diante de conversas acerca das situações apresentadas na obra analisada, muitas delas sucumbiram ao tempo e perderam lugar no imaginário natalense, principalmente devido ao desuso da tradição oral, por meio da qual Cascudo se dedicou para coletar dados para seus livros.

O que foi colhido com estas conversas informais que se deram com pessoas que moraram a vida toda na cidade, denotou aspectos desconhecidos que remetiam, principalmente em relação ao passado da cidade. Foi percebido o desconhecimento geográfico, como da localização da Igreja Matriz, da Pedra do Rosário, sobre a razão pela qual a cidade tem o nome de Natal, como se deu a questão da colonização, acerca das comoções religiosas e também de aspectos da urbanização da cidade. Estes fatos, colhidos de maneira informal, renderam uma visualização de que o natalense conhece pouco de sua cidade, e isso serviu de guia para a criação deste trabalho, excluindo a história recente, da chegada dos americanos na Segunda Guerra Mundial e focando nas situações pouco conhecidas e descaracterizadas até o século XX.

As situações mitológicas colhidas para a execução deste trabalho, que se tratam de uma transcrição direta de passagens do livro de Cascudo (1947) pode ser conferida no ANEXO B - TABELA DE SITUAÇÕES MITOLÓGICAS.

## 2.4 Materiais e Processos

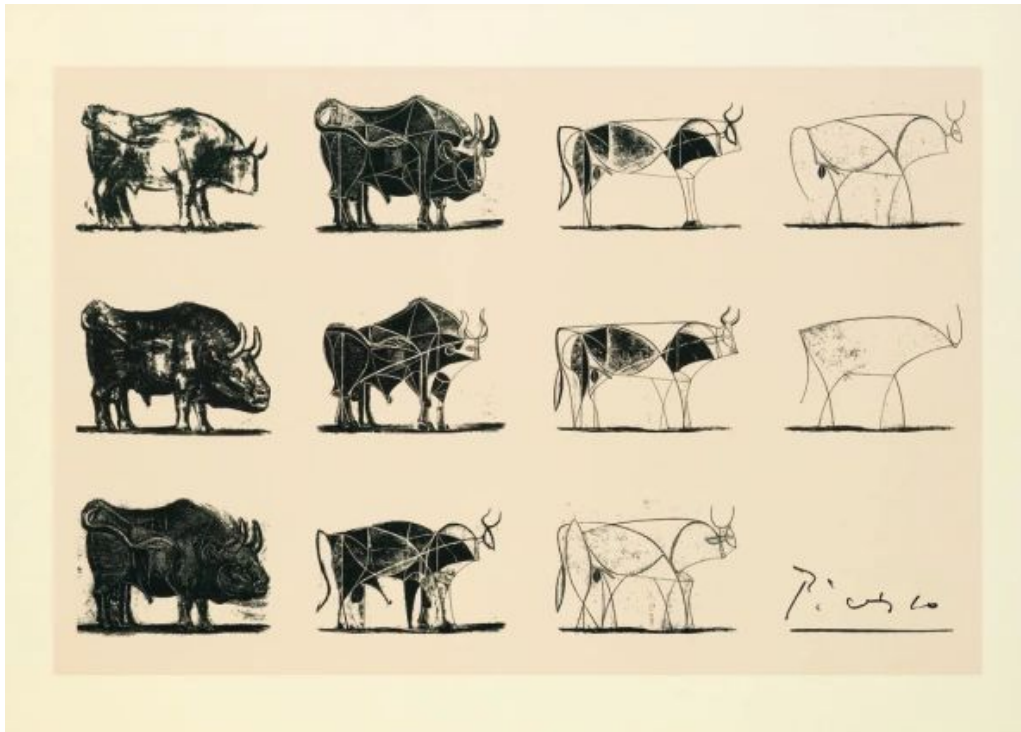
Nesta fase de fundamentação teórica, realizou-se pesquisa referente ao produto final proposto, no levantamento de dados para melhor executá-lo, contendo pesquisas sobre a influência estética que se baseia o estilo artístico do autor, características dos carteados e os tipos de papel usados em sua produção.

Em relação a criação gráfica, aspecto fundamental para a concretização deste trabalho, foi desenvolvido um entendimento acerca do estilo artístico a ser adotado, este foi sendo construído diante de estudos e da bagagem cultural da autora, repletos de influências de movimentos artísticos e artistas atuais.

Como principal influência, observa-se a obra de Pablo Picasso, *Bull* (1945),

uma série de onze litografias, onde o autor apresenta uma “dissecação” do animal, caminhando do concreto ao abstrato.

Figura 12 - *Bull*, por Pablo Picasso



Fonte - Fast Co. Design (2017)

Outros artistas contribuíram com influências sobre o estilo artístico adotado, como o artista plástico Martin Trady, que faz o uso de linhas contínuas para criar formas, objetos e corpos.

Figura 13 - Obra de Martin Trady



Fonte - Pictame (2017)

E obras de autores desconhecidos, coletadas no cenário urbano, que também executaram seus desenhos com base em linhas.

Figura 14 - Desenhos de autores desconhecidos feitos com base em linhas



Fonte - Autor (2017)

Visando expandir o conhecimento a respeito das características dos carteados e formas de impressão foi feita uma pesquisa a empresa Copag, responsável pela produção de carteados no Brasil, o que rendeu um entendimento sobre as maneiras de produzir um carteadado, em sua página na *web*, existem diversas informações sobre impressão, design das cartas e materiais.

De acordo com o que pode ser analisado referente ao material usado na impressão de cartas o Cartão couchê entre 270 g/m<sup>2</sup> e 290 g/m<sup>2</sup> e o PVC, 100% plástico, são os mais utilizados pela empresa e tem qualidades diferenciadas.

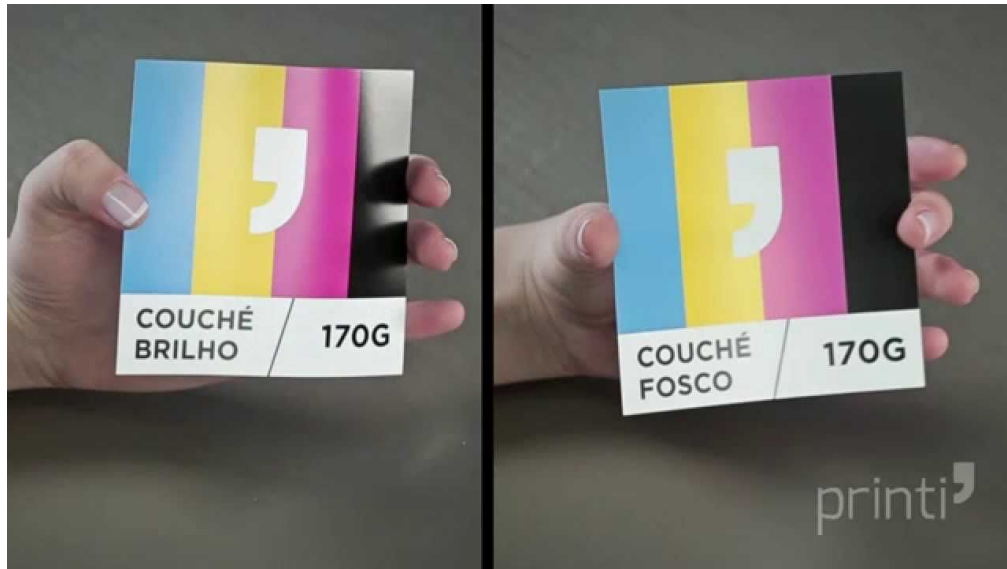
Figura 15 - Tabela de tipos de material para impressão e suas especificações

Tipos de material	Especificações
Cartão couchê Standard	270 g/m <sup>2</sup>
Cartão couchê 139	290 g/m <sup>2</sup>
Cartão	275 g/m <sup>2</sup>
PVC Standard	100% plástico

Fonte - Copag (2017)

De acordo com Nina Rocha, em seu material PAPÉIS PARA IMPRESSÃO GRÁFICA IMPRESSÃO GRÁFICA (2005), a gramatura do papel (espessura), se for mais baixa, embora financeiramente mais acessível, pode comprometer os aspectos de apresentação e conservação do impresso devido a sua maior fragilidade, e não é indicado para trabalhos com dobraduras. O papel Couchê, é caracterizado por ser um material que concede ao impresso brilho acetinado e valorização das cores impressas, é indicado para diferentes tipos de trabalhos, de acordo com sua variação de gramatura, como, capas de revistas, folhetos, cartazes e catálogos. E ainda sim este tipo de papel possui uma variação, podendo ser brilhoso ou fosco, como ilustrado abaixo.

Figura 16 - Demonstração de papel couchê brilho e fosco



Fonte - Printi (2017)

Como foi observado no material colhido da empresa Copag, as cartas podem utilizar o papel couchê em uma gramatura alta, devido a sua durabilidade e características que valorizam o trabalho impresso.

A Copag, em sua diversidade de produtos, também se dedica a confecção de Tarots, ao analisarmos os formatos das cartas impressas pode-se observar medidas variadas. No Tarot IJJ Swiss Tarot Cards, o formato de suas cartas é de 61 x 111 mm, já no Tarot Universal Dalí, as dimensões são de 79 x 140 mm.

Ao consultar a editora italiana, Lo Scarabeo, cuja produção é dedicada a artigos de cunho esotérico, foi observada a variação de tamanho das cartas de Tarot produzidas pela empresa. Analisando algumas de suas publicações de cartas foi averiguado que as dimensões das cartas também variam.

Com as informações coletadas foi possível criar uma tabela comparativa com seus tamanhos para obter uma melhor visualização e entender as limitações das dimensões dos carteados presentes nesta amostra de impressões, indicando que os tamanhos variam entre mínimo 56 x 87 mm e no máximo 66 x 120 mm.

Tabela 01 - Tabela comparativa de dimensões de carteados

<b>Tipo de Carteadado - Nome</b>	<b>Dimensão (mm)</b>
Baralho Tradicional Copag 139 - Jogo	56 x 87 mm
Baralho Tradicional Copag 139 - Extra	68 x 110 mm

Grande	
Baralho Tradicional Copag 139 - Poker	63 x 88 mm
Tarot - IJJ Swiss Tarot Cards	61 x 111 mm
Tarot - Tarot Universal Dalí	79 x 140 mm
Baralho Esotérico - Lenormand	56 x 87 mm
Tarot - Golden Tarot	90 x 130 mm
Tarot - I Tarocchi Rinascimentali	66 x 120 mm
Tarot - I Tarocchi Dei Visconti	66 x 120 mm
Baralho de Cartas Bob Dylan	60 x 90 mm

Fonte - Autor (2017)

Por meio de pesquisas comparativas através de imagens, pode-se perceber que os carteados tem características ímpares que devem ser levadas em conta, um aspecto muito importante é o verso das cartas, que comumente apresenta uma padronagem.

Figura 17 - Verso de cartas de baralho tradicional



Fonte - Mercado Livre (2017)

### 3 METODOLOGIA

O caminho metodológico seguido foi segmentado em cinco fases, a primeira voltada para a coleta e análise da fundamentação teórica, seguida pela conceituação do projeto de acordo com o que foi encontrado a fim de dar suporte para a etapa seguinte, a de geração de alternativas visuais para o que foi colhido ao longo do caminho. Com esta geração de alternativas executou-se a prototipagem para finalizar com a validação feita com a ajuda da população.

#### 3.1 Empatizar / Coletar / Inspirar

A primeira fase da metodologia, nomeada de Empatizar / Inspirar / Coletar, teve o intuito de coletar e analisar os dados obtidos na fundamentação teórica, as ferramentas escolhidas para auxiliar esta fase foram Mapa mental e Painel Inspirativo, que colaborou com a visualização de tais dados, já as ferramentas utilizadas se tratam de poderosas ferramentas imagéticas, criando um panorama que levou ao desenvolvimento do conceito final para as cartas que este trabalho se propunha a fazer.

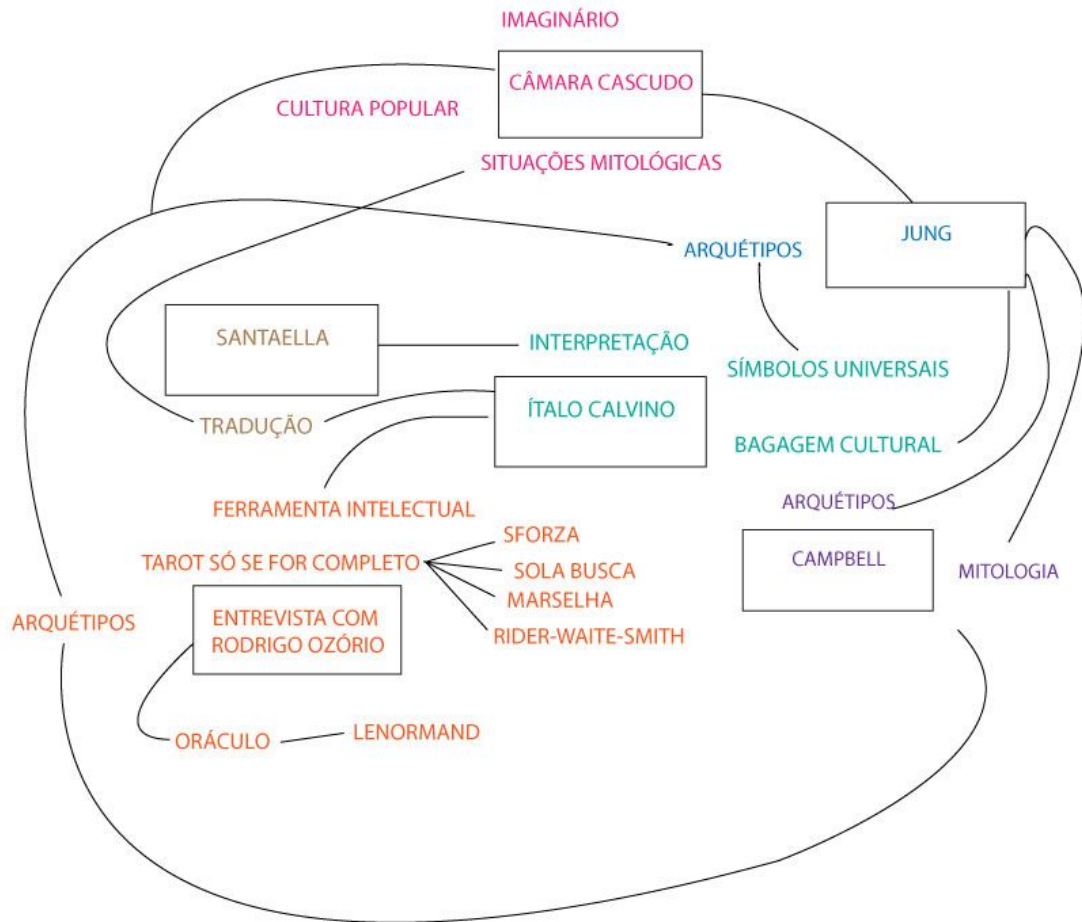
Segundo Tony Buzan (1974), psicólogo e consultor educacional, afirma em seu livro *Use Your Head* que o cérebro humano detém uma capacidade criativa extraordinária e que precisa de ferramentas adequadas para liberar tal capacidade.

De acordo com Walther Hermann e Viviani Bovo (2005) o Mapa Mental é caracterizado como uma ferramenta que gerencia informações e fomenta o desenvolvimento de habilidades analíticas, comparativas, organizacionais, classificatórias, geradoras, dentre outras. Nada mais é do que um diagrama com informações hierarquizadas que proporciona a rápida identificação de relações entre os eixos presentes no Mapa.

Ao coletar e ordenar os materiais colhidos na fundamentação teórica deste trabalho foi possível elaborar o Mapa Mental que possibilitou a visualização mais profunda das ligações entre os aspectos estudados na fundamentação a partir de palavras-chave colhidas com seus estudos, tais aspectos são: Entrevista com Rodrigo Ozório, Italo Calvino, Santaella, Campbell, Jung e Câmara Cascudo.

Figura 18 - Mapa Mental desenvolvido

## Mapa Mental



Fonte - Autor (2017)

A partir do Mapa mental foi criado um Painel Inspirativo, técnica utilizada para visualizar e inspirar o processo criativo através de imagens que simbolizam uma ligação com imagens dos aspectos que se sobressaem e fazem sentido quando agrupados, como resultado apresentado temos os tipos de Carteados (observado na entrevista com o tarólogo Rodrigo Ozório); a Bagagem Cultural ( vindo da obra de Ítalo Calvino, O castelo dos destinos cruzados), Símbolos Universais ( Entrevista com Rodrigo Ozório, e Italo Calvino); Arquétipos (vindos das conceituações de Jung), Mitos (vindos da obra O Poder do Mito de Campbell) e A cidade do Natal e o Imaginário coletado por Cascudo. Assim este painel possibilitou a ordenação e

apresentou os aspectos mais relevantes para serem levados em conta na segunda fase da metodologia, a conceituação.

Figura 19 - Painel Inspirativo

### Painel Inspirativo



Fonte - Autor (2017)

### 3.2 Conceituação e Decisões projetuais

Para criar o conceito do projeto foi necessária a análise dos dados levantados ao longo da pesquisa, levando em consideração os aspectos que delimitariam a concretização do trabalho, tais aspectos eram principalmente a voz da população, os tipos de carteados e o estilo artístico.

Visto que a obra de Cascudo (1947) é embasada na tradição oral se percebeu a necessidade de analisar a obra como um todo e dela retirar trechos que apresentassem características mitológicas, desta maneira foi criada uma tabela de análise (ANEXO B - TABELA DE ANÁLISE DE SITUAÇÃO MITOLÓGICA), onde se extraiu a passagem do texto, o que significava e por fim, a situação mitológica encontrada.

Esta análise da obra se deu através do entendimento do livro Poder do Mito de Joseph Campbell (1988), onde ele disserta sobre a presença da mitologia no universo humano, onde postula que todas as narrativas são oriundas de padrões de mitos, que são a mesma história com variações e adaptações a realidade de onde são difundidas. Em seu livro, Campbell fornece uma informação que valida o que foi observado nas conversas informais com a população natalense acerca da mitologia da cidade do Natal, devido as culturas do entretenimento, do crescimento das áreas da ciência e da religião, os mitos ficaram de lado e não ocorreu o surgimento de novos mitos. Isso associado ao fato do desuso da tradição oral, possibilitou estabelecer a visão que guiou o projeto.

Tabela 02 - Exemplo da tabela de análise de situação mitológica

<b>TEXTO</b>	<b>O QUE FOI IDENTIFICADO</b>	<b>SITUAÇÃO MITOLÓGICA</b>
“A história oficial inicia-se-á com a tentativa de colonização. É um período escuro, irriçado de contradições, ausência de documentos.” Pg. 35	Bagunça/desordem, indagação e despreocupação	Falta
“Varnhagen escreve que Aires da Cunha desprezou o Putigi e foi aportar três léguas ao norte, no rio Baquipec ou Ceará-Mirim, tentando fixar-se, mas os potiguares, ajudados pelos franceses, resistiram, repelindo-os, com perda de vidas para os da armada.” Pg. 36	Estranho, afastamento, relutância, portugueses como ameaça.	Rejeição e defesa
“Andando os filhos de João de Barros correndo esta costa, depois que se perderam, lhes mataram neste lugar os potiguares com favor dos franceses, induzidos deles muitos homens.” Pg.37	União de potiguares e franceses contra portugueses.	Dualismo: revolta/união, inimigo em comum e pacto agonista e antagonista

Fonte - Autor (2017)

Foi gerada uma outra tabela (ANEXO C - TABELA DE AGRUPAMENTO DE ARQUÉTIPOS SELECIONADOS) que trata dos arquétipos que mais aparecem na tabela de análise de situações mitológicas (ANEXO B - TABELA DE ANÁLISE DE SITUAÇÃO MITOLÓGICA). Sua aplicação foi feita a um grupo de foco, que segundo Santa-rosa e Moraes (2006) trata-se de uma união de sujeitos com o intuito de fazer um levantamento de necessidades, esta técnica dedica-se a compreensão das expectativas e desejos em relação ao que se é estudado.

O grupo foi composto por 5 sujeitos que nasceram na cidade do Natal e que assumiram ter conhecimento acerca das obras de Cascudo. Para aplicação deste grupo neste trabalho, os participantes desse tiveram a tarefa de relacionar palavras presentes em um agrupamento de “palavras-chave” (que se tratam das situações arquetípicas, que para facilitar o entendimento do sujeito, foram denominadas dessa maneira simplificada) de acordo com seu entendimento da situação encontrada no livro de Cascudo. Para facilitar a leitura deste trabalho a seguir indica-se entre colchetes o título dado pelos participantes para cada agrupamento.

Tabela 03 - Exemplificação da tabela de agrupamento de arquétipos selecionados

TEXTO	SITUAÇÃO	SITUAÇÃO MITOLÓGICA
-------	----------	---------------------

#### AGRUPAMENTO 1 [Mãe Natureza]

<p>“Havia o sal, colhido nas marinas do outro lado do rio, Igapó, Aldeia Velha, antigas malocas dos potiguares. O peixe salgado e seco foi um dos produtos mais rapidamente divulgados, com mercados abundantes e fáceis.”</p> <p>“Domingos da Veiga, escrevendo entre 1625 e 1630, já dissera que <i>“o rio é o mais fértil de peixe que há no Brasil”</i>. E menciona a exportação:”...<i>vay muito peixe salgado a Paraíba e Pernambuco</i>”</p> <p>Pg.59</p>	<p>Peixe salgado sendo a grande produção do Rio Grande.</p>	<p>Fertilidade, produção, abundância</p>
--	---	--

Fonte - Autor (2017)

Contudo, nem todas as passagens retiradas do texto de Cascudo (1947) entraram nos agrupamentos expostos ao grupo de foco, tais trechos, que embora se tratassem de situações mitológicas, são minuciosamente descritivos e foram tratados como insumo para a posterior criação gráfica das cartas.

Ainda no contexto do grupo de foco, a ficha de entrevista detinha uma pergunta de escrita, na qual era requerido ao sujeito da pesquisa que de acordo com seu repertório de palavras, bagagem cultural e entendimento dos agrupamentos presentes, escrevesse uma palavra que resumisse o que foi lido ou que sentisse a necessidade de expressar podendo ser uma das “palavras-chave” contidas nos agrupamentos.

Entretanto, alguns participantes tiveram dificuldade no entendimento e o aplicador leu as passagens na íntegra, sem dissecações do texto, a fim de obter maior esclarecimento sobre a situação apresentada.

Durante a aplicação desta ficha, quando os participantes foram requeridos a escrever a palavra de sua livre escolha, mesmo a escrevendo, os sujeitos verbalizaram situações que coincidiram com situações mitológicas presente no ANEXO B - TABELA DE ANÁLISE DE SITUAÇÕES MITOLÓGICAS do livro A História da Cidade do Natal. Visto que a bagagem cultural de cada indivíduo faz parte da tradição oral, sua fala foi registrada e submetida a análise juntamente com as palavras selecionadas na ficha de entrevista.

Como fruto da análise do ANEXO C - TABELA DE AGRUPAMENTO DE ARQUÉTIPOS SELECIONADOS, foram extraídas as palavras-chave utilizadas pelos participantes para que na fase de geração de ideias pudessem ser criados painéis inspirativos com o fim de alimentar a produção de desenhos.

No momento da aplicação, os agrupamentos foram apresentados aos participantes sem identificação que pudesse influenciar as escolhas das palavras, apenas com a nomenclatura Agrupamento.

Tabela 04 - Respostas da tabela de agrupamentos

<b>AGRUPAMENTO</b>	<b>PALAVRAS-CHAVE</b>	<b>PALAVRA DE LIVRE ESCOLHA</b>
<b>AGRUPAMENTO 1</b>	Abundância, Água, Alimento,	Fertilidade, Ligação

<b>[Mãe Natureza]</b>	Fatura, Vida, Religiosidade, Produção, Sinal divino, Misticismo, Mãe Natureza, Frutos, Flora, Natureza, Casamento, Sexualidade e Produtos	com a fauna, subsistência, Oxum, Mãe Natureza.
<b>AGRUPAMENTO 2 [Dependência do Sol]</b>	Toque de recolher, Dependência do sol, Reclusão, Horários Rígidos, Vigilância	Dependência do sol, Medo do escuro, Tensão, Prisão, Enclausuramento
<b>AGRUPAMENTO 3 [Penitência]</b>	Religião, Festividades, Devoção, Penitência, Expurgo dos pecados, Sacrifício, Cristianismo.	Religião, Agradecimento, Revés, Penitência, Cultura.
<b>AGRUPAMENTO 4 [Medo]</b>	Medo, Representações do inferno, Morte	Temor à morte, Medo, Controle,
<b>AGRUPAMENTO 5 [Benção]</b>	Surgimento, Aparição, Fé, Chegada, Desígnio do divino, Fé	Aparição, Benção, Devoção, Religião, Benção
<b>AGRUPAMENTO 6 [Imposição]</b>	Apaziguamento, Proteção e ataque, Tensão, Rixa, Convencimento, Calmaria, Temperança	Imposição, Convencimento, Dominação, Diplomacia, Imposição

Fonte - Autor (2017)

Diante do que foi apresentado aos sujeitos que participaram da pesquisa, diversos relataram situações que lembraram durante o preenchimento da ficha, quando questionado sobre uma palavra que resumiria o Agrupamento 1 [Mãe natureza], escreveu “Ligação com a fauna” e apresentou uma explicação sobre como se sentia em relação ao Agrupamento 1. Ele narrou que tinha duas visões diferenciadas, uma onde ele enxergava aspectos de abundância e fertilidade ligados a natureza em sua forma natural, e outra que se tratava da relação do homem do campo com a religião e com sinais da natureza, principalmente com os animais. Relatou que no dia de São José, a chegada da chuva é um indicativo de que a colheita no inverno será próspera, e que os animais, como urubus (em seus vôos rasantes pelos vales para testar a umidade) e formigas (que carregam suas crias nas costas enquanto migram para lugares mais altos para fugir das chuvas), significando para o participante o sentido de fertilidade e graça.

O mesmo citou em referência ao Agrupamento 3 [Penitência] a relação de festividades católicas com a devoção extrema e alegou que conhecia situações de penitência e sacrifício, que de seu conhecimento, tais cenários remetem a agradecimentos e de pedidos de graça.

Voltando ao Agrupamento 1 referente a ficha, um sujeito escreveu Oxum, ao responder o questionamento sobre uma palavra de livre escolha, pois narrou que se lembrou diretamente deste Orixá que se trata de uma figura feminina, uma entidade cultuada no Candomblé e na Umbanda, ligada às águas doces, riqueza, amor e prosperidade. Esta situação aponta para a questão dos arquétipos universais e da bagagem cultural de cada indivíduo que fomenta o processo de interpretação de cada um.

Outro sujeito, relatou para o Agrupamento 4 [Medo], que acredita que as demonstrações de poder, feitas pela igreja, se caracterizam como uma forma de controle através do medo, para manter seus fiéis em uma boa linha de conduta.

E em relação ao Agrupamento 6 [Imposição], um dos sujeitos relatou a questão dos Jesuítas e sua catequese como uma convencimento forçado a aceitar os padrões da igreja católica.

Diante destes dados obtidos de maneira informal, a partir do estabelecimento do diálogo com os sujeitos do grupo de foco, voltou-se para a tabela completa das situações analisadas direto da obra de Cascudo (1947) (ANEXO B - TABELA DE ANÁLISE DE SITUAÇÕES MITOLÓGICAS) a fim de buscar correspondências em situações dali extraídas.

Além dos 6 agrupamentos previstos, foi adicionada a situação correspondente ao dia de São José, como narra Cascudo (1947, p. 139) “Março era mês de São José ou o da Boa-Morte. No dia do santo, 19, há missa. No sertão observa-se se chove. Choveu no dia de São José há inverno regular. A coincidência do equinócio explica.”, esta situação está ligada ao misticismo, religiosidade e ao sinal divino, mas também, pelo que foi obtido na narrativa de um dos sujeitos como sinal divino, fertilidade e graça. Assim gerando ao todo 7 conjuntos de arquétipos vindos das situações mitológicas colhidas. [Sendo o 7º Agrupamento o Sinal Divino].

Um outro fator a ser considerado foi o estilo artístico escolhido para a realização do projeto. O estilo desenvolvido trata-se do uso de linhas contínuas para

a criação de formas, dependendo muitas vezes do poder de interpretação vindo de quem observa a composição que se apresenta de forma abstrata, sem indicações em seus detalhamentos. Porém representando questões de sombra, luz, volume e perspectiva, para ajudar o processo de interpretação do observador. Este tipo de desenho tem o intuito de fomentar a relação do observador e sua interpretação com a obra, para tirar suas próprias conclusões e significados dela.

Figura 20 - Desenho em nanquim construído com linhas



Fonte - Autor (2017)

O estilo artístico foi desenvolvido de acordo com o conhecimento adquirido em relação ao uso dos materiais, onde os desenhos foram feitos, majoritariamente, com canetas a base de tinta nanquim e como suporte para a arte, uma variedade de gramaturas de papel.

Como observado no livro Fundamentos do Desenho Artístico (2012), o uso do nanquim por meio de canetas ou penas, é indicado para a criação de traços finos e limpos, e para a criação de tons, sem a necessidade de líquidos, a mistura do tipo de traçado com o próprio papel é capaz de gerar diferentes tonalidades de cinza

De acordo com o que foi observado na fundamentação teórica acerca da criação gráfica, analisou-se os materiais indicados para a impressão dos carteados.

Com as informações colhidas, para a impressão das cartas o papel Couché 290 g/m<sup>2</sup> brilho foi indicado devido a sua alta qualidade em impressão, durabilidade

e por ser comumente utilizado na fabricação de carteados. Para o manual de uso, por se tratar de um impresso com dobraduras (visando ser compacto e ter de consulta rápida), o papel Couche também é indicado, porém em uma gramatura mais baixa, de 90 g/m<sup>2</sup> e sendo fosco, para evitar a interferência do brilho na leitura de textos.

Referente à dimensão das cartas os dados levantados sugerem que há a diferenciação de acordo com o propósito do baralho, o Tarot tem um tamanho em média de 66 x 120 mm, porém as cartas do baralho tradicional levantadas na pesquisa vão até 60 x 90 mm. Levando em consideração a proposta de criação de um oráculo e conhecendo que essa área esotérica fez e faz uso do baralho tradicional de jogo, a primeira escolha seria o tamanho máximo para carteados tradicionais (de acordo com a pesquisa levantada), o formato de 60 x 90 mm. Porém, quando observamos o estilo artístico que será aplicado, quando o desenho for reproduzido nas dimensões propostas, as linhas serão reduzidas e perderão suas características ilustrativas, tornando-se pouco eficazes para satisfazer ao seu intuito.

Entendendo que este trabalho se trata da criação de um sistema de cartas esotérico e admitindo a grande variedade de formatos dos carteados esotéricos existentes, propõe-se a criação das cartas no tamanho de Tarot, que por mais que não se trate de um Tarot propriamente dito, ainda apresenta aspectos presentes neste tipo de carteados. Desta forma as dimensões escolhidas referem-se a média de tamanho encontrada nas pesquisas, 66 x 120 mm.

Também foi definido que as cartas apresentariam uma borda que serviria como moldura para os desenhos, tal borda deveria seguir o estilo artístico das ilustrações. No verso da carta seria empregado o uso de um padrão ou esquema de linhas que ficasse de acordo com os padrões estéticos dos desenhos.

### 3.3 Idear / Gerar Ideias

Na fase Idear / Gerar ideias, diante do que foi colhido nas fases anteriores da metodologia, foi possível elaborar uma série de painéis inspirativos, de acordo com

as palavras-chave retiradas da participação do grupo de foco, para que pudessem ser criados os primeiros desenhos.

Figura 21 - Painei Inspirativo para o Agrupamento 1 [Mãe Natureza]



Fonte - Autor (2017)

Figura 22 - Painei Inspirativo para o Agrupamento 2 [Dependência do Sol]



Fonte - Autor (2017)

Figura 23 - Painel Inspirativo para o Agrupamento 3 [Penitência]



Fonte - Autor (2017)

Figura 24: Painel Inspirativo para o Agrupamento 4 [Medo]



Fonte - Autor (2017)

Figura 25 - Painel Inspirativo para o Agrupamento 5 [Benção]



Fonte - Autor (2017)

Figura 26 - Painel Inspirativo para o Agrupamento 6 [Imposição]



Fonte - Autor (2017)

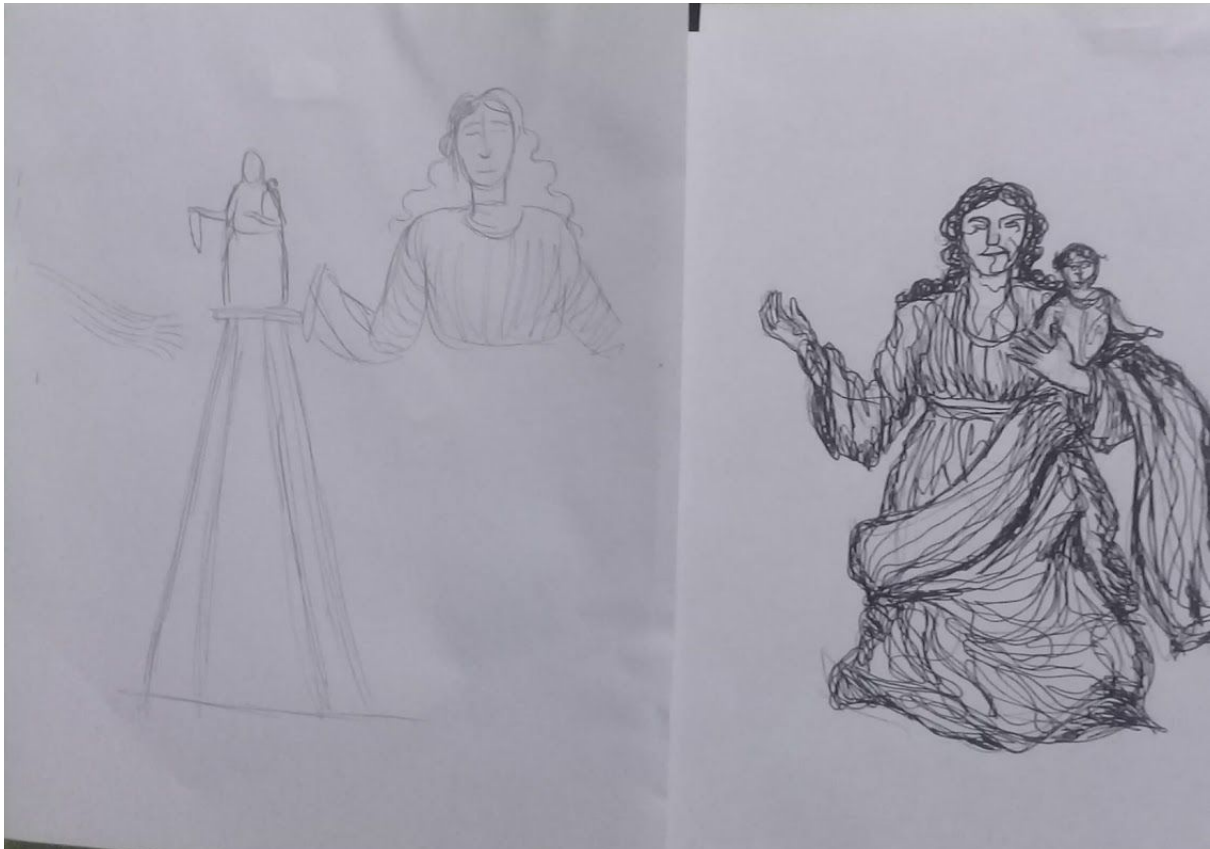
Figura 27 - Painel Inspirativo para o Agrupamento 7 [Sinal Divino]



Fonte - Autor (2017)

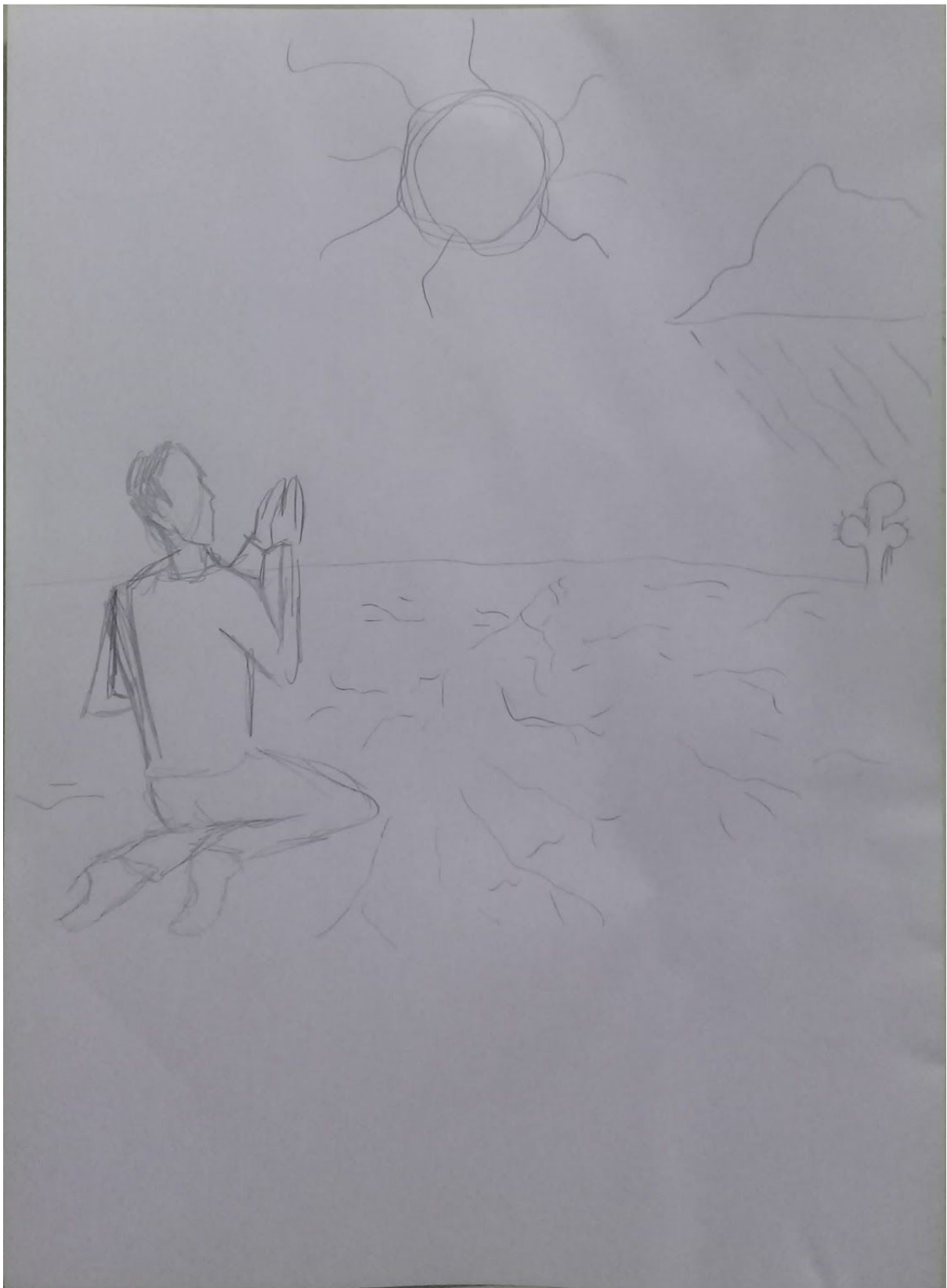
Baseados nos painéis inspirativos concebidos ocorreu a o processo de criação e seleção de alternativas, criando dos primeiros esboços dos desenhos a serem aplicados no sistema de cartas afim de estudar a composição dos mesmos.

Figura 28 - Geração de desenhos 1



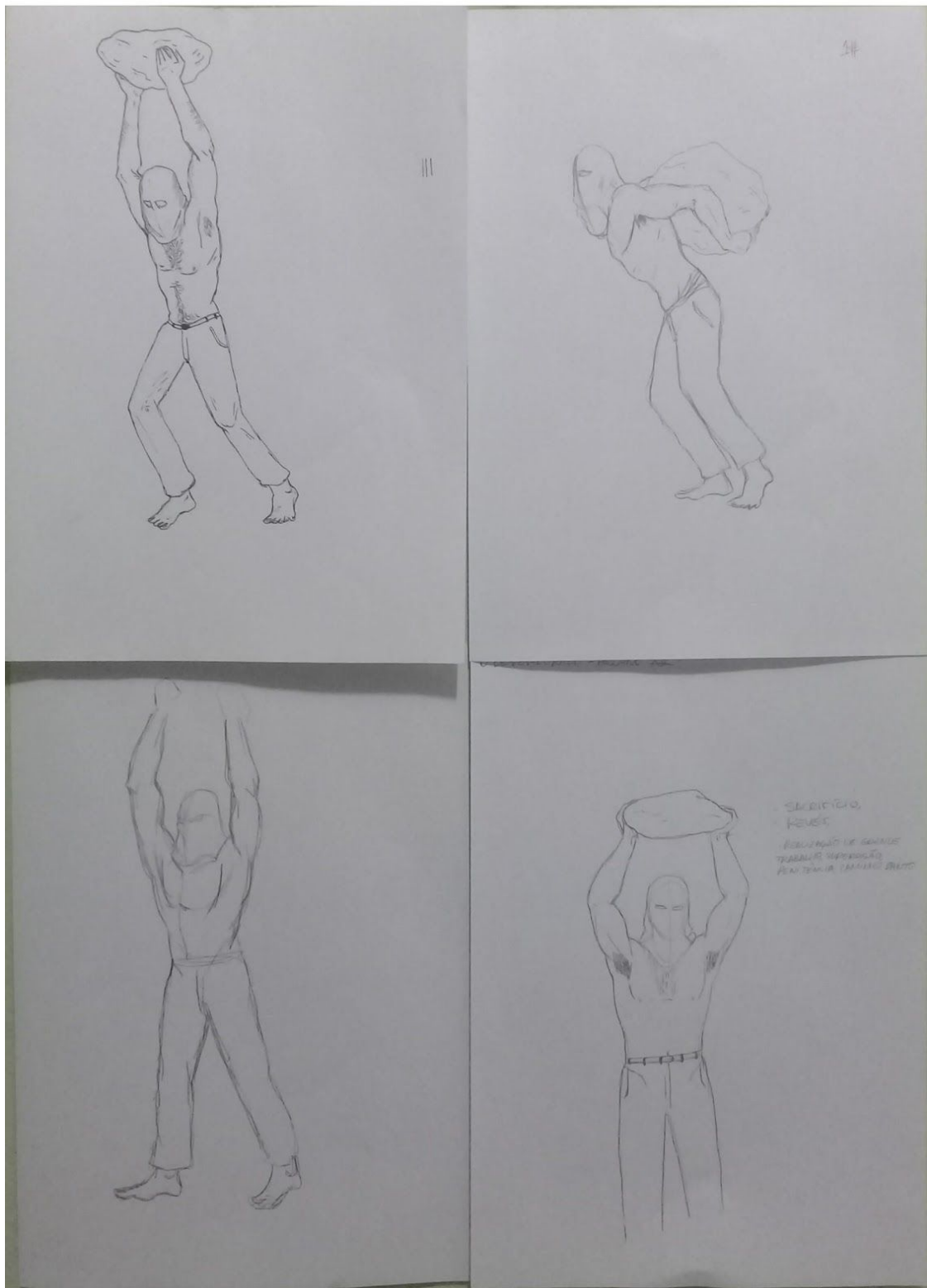
Fonte - Autor (2017)

Figura 29 - Geração de desenhos 2



Fonte - Autor (2017)

Figura 30 - Geração de desenhos 3



Fonte - Autor (2017)

Figura 31 - Geração de desenhos 4



Fonte - Autor (2017)

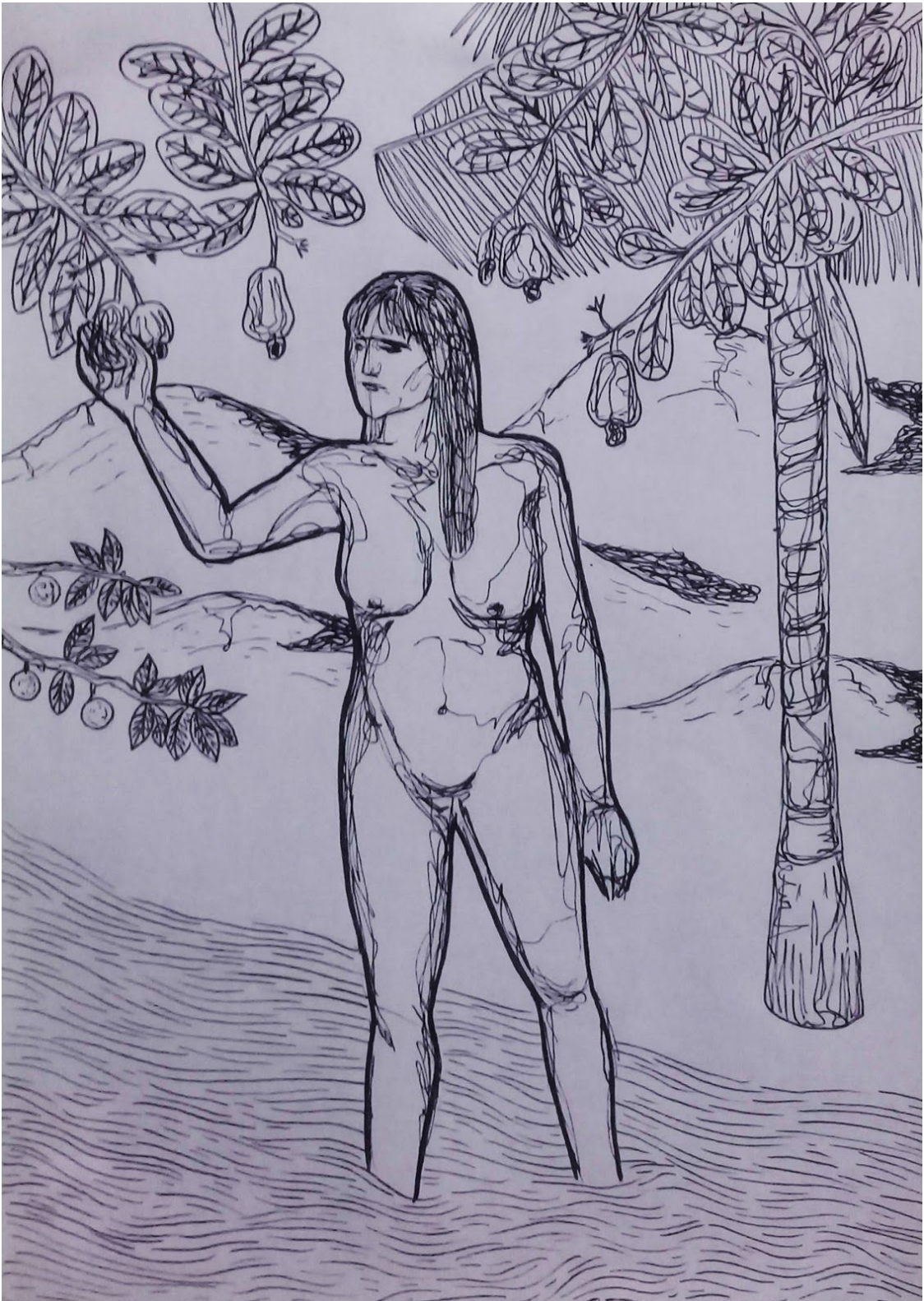
Figura 32 - Geração de desenhos 5



Fonte - Autor (2017)

Diante do refinamento dos traços e da construção de desenhos que atendessem ao estilo artístico proposto as alternativas para as cartas, vindas da análise dos painéis inspirativos que por sua vez surgiram do ANEXO E - RESPOSTAS DA TABELA DE AGRUPAMENTOS E PALAVRAS-CHAVE, foram escolhidos os desenhos propostos para as cartas.

Figura 33 - Proposta para o Agrupamento 1 [Mãe natureza]



Fonte - Autor (2017)

Figura 34 - Proposta para o Agrupamento 2 [Dependência do Sol]



Fonte - Autor (2017)

Figura 35 - Proposta para o Agrupamento 3 [Penitência]



Fonte - Autor (2017)

Figura 36 - Proposta para o Agrupamento 4 [Medo]



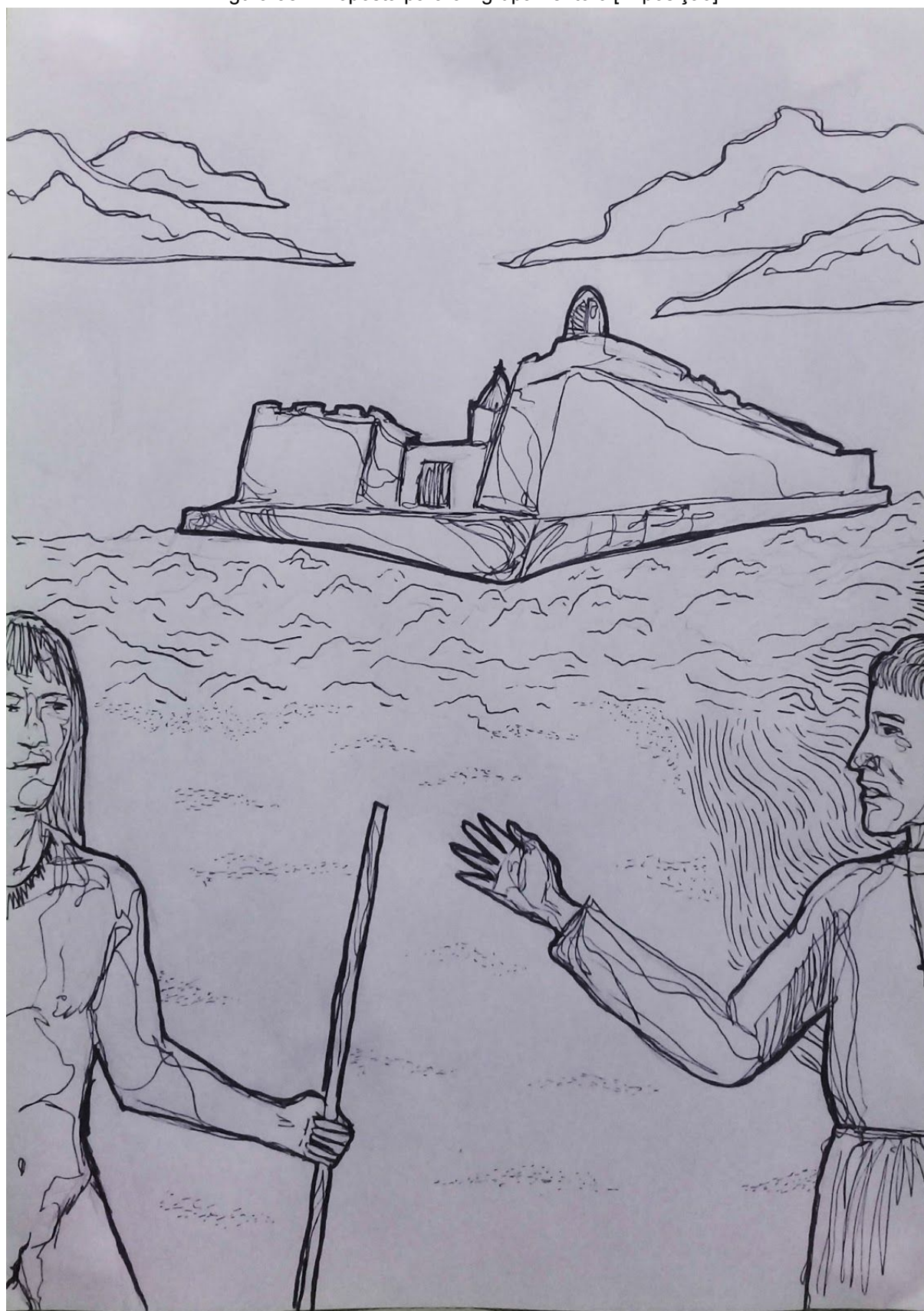
Fonte - Autor (2017)

Figura 37 - Proposta para o Agrupamento 5 [Benção]



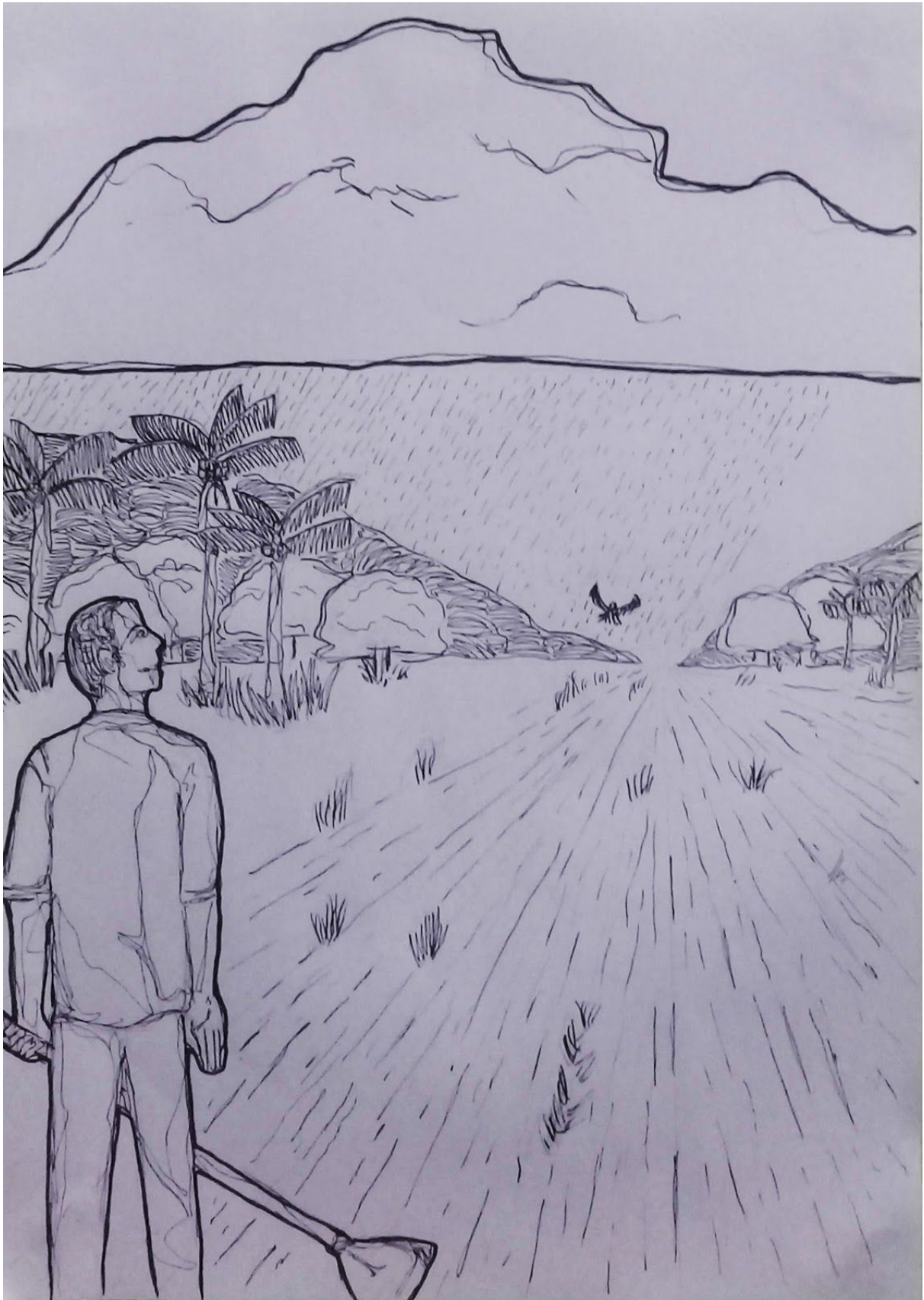
Fonte - Autor (2017)

Figura 38 - Proposta para o Agrupamento 6 [Imposição]



Fonte - Autor (2017)

Figura 39 - Proposta para o agrupamento 7 [Sinal Divino]



Fonte - Autor (2017)

### 3.4 Avaliar

Após a conclusão dos desenhos, as alternativas foram apresentadas a 10 sujeitos que alegaram, por meio de uma conversa presencial, o conhecimento da história da cidade do Natal e de obras de Luiz da Câmara Cascudo.

A estes sujeitos, foram apresentadas as passagens presentes no ANEXO C - TABELA DE AGRUPAMENTO DE ARQUÉTIPOS SELECIONADOS, e os desenhos criados seguindo a ordem da tabela referida, para que diante de seu entendimento próprio, os participantes avaliassem se as alternativas e os agrupamentos se relacionavam.

Além disso, foi requerido aos participantes, dentro das palavras obtidas na aplicação dos agrupamentos de arquétipos selecionados, a escolha de um título para as cartas.

Com resultado desta aplicação foi criada uma tabela apresentando o número de pessoas que avaliaram positivamente o desenho proposto e o título que proposto e a quantidade de pessoas que relacionaram os arquétipos como título.

Tabela 5 - Avaliação das propostas

<b>Propostas</b>	<b>Número de pessoas cuja avaliação foi positiva</b>	<b>Título Proposto (quantidade de repetições)</b>
Proposta 1	9	Mãe Natureza (5) Fertilidade (2), Subsistência (1) e Oxum (1)
Proposta 2	9	Dependência do Sol (3), Medo do escuro (2), tensão (3) e enclausurar (1)
Proposta 3	10	Penitência (6), Revés (3) Religião (1)
Proposta 4	10	Medo (5), Controle (3) Temor a morte (2),
Proposta 5	10	Benção (6), Aparição (3), Religião (1)

Proposta 6	9	Imposição (5), convencimento (3), dominação (1)
Proposta 7	10	Sinal Divino (4), Fertilidade (3), Misticismo (3)

Fonte - Autor (2017)

Como resultado obtido apresenta-se a relação entre proposta e título: Proposta 1 - Mãe Natureza; Proposta 2 - Dependência do Sol; Proposta 3 - Penitência; Proposta 4 - Medo; Proposta 5 - Bênção; Proposta 6 - Imposição; Proposta 7 - Sinal Divino

### 3.5 Prototipar

Para a realização de uma projeção de como será o resultado do trabalho ocorreu a aplicação dos desenhos em *mock-ups* de carteados. Para Tolstedt (2002 *apud* MACARRÃO JUNIOR, 2004), *mock-up* é um desenho tridimensional, que oferece o benefício adicional de análise, verificação e teste do tamanho do produto, sua forma, posicionamento e ajustes com as demais peças que compõem o ambiente onde o produto será aplicado.

Os *mock-ups* utilizados foram produzidos com os desenhos selecionados e proporcionam uma visualização do produto final de acordo com o que foi conceituado ao longo do trabalho, como pode ser observar na figura abaixo.

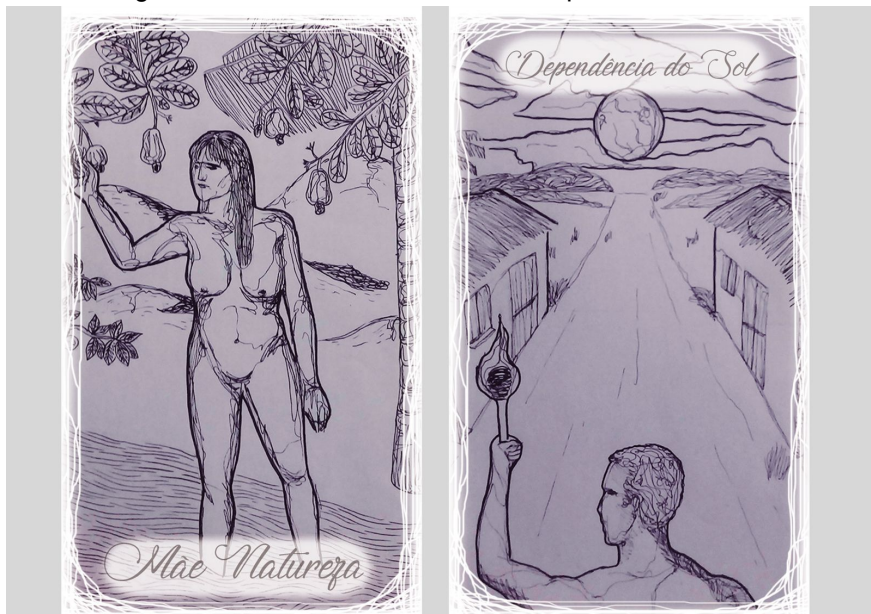
Figura 40 - Aplicação de desenhos em *Mock-up*



Fonte - Autor (2017)

Foi realizada uma segunda aplicação, contendo os elementos a serem adicionados aos desenhos, como a relação da borda, título e o verso das cartas.

Figura 41 - Cartas Mãe Natureza e Dependência do Sol



Fonte - Autor (2017)

Figura 42 - Cartas Penitência e Medo



Fonte - Autor (2017)

Figura 43 - Cartas Benção e Imposição



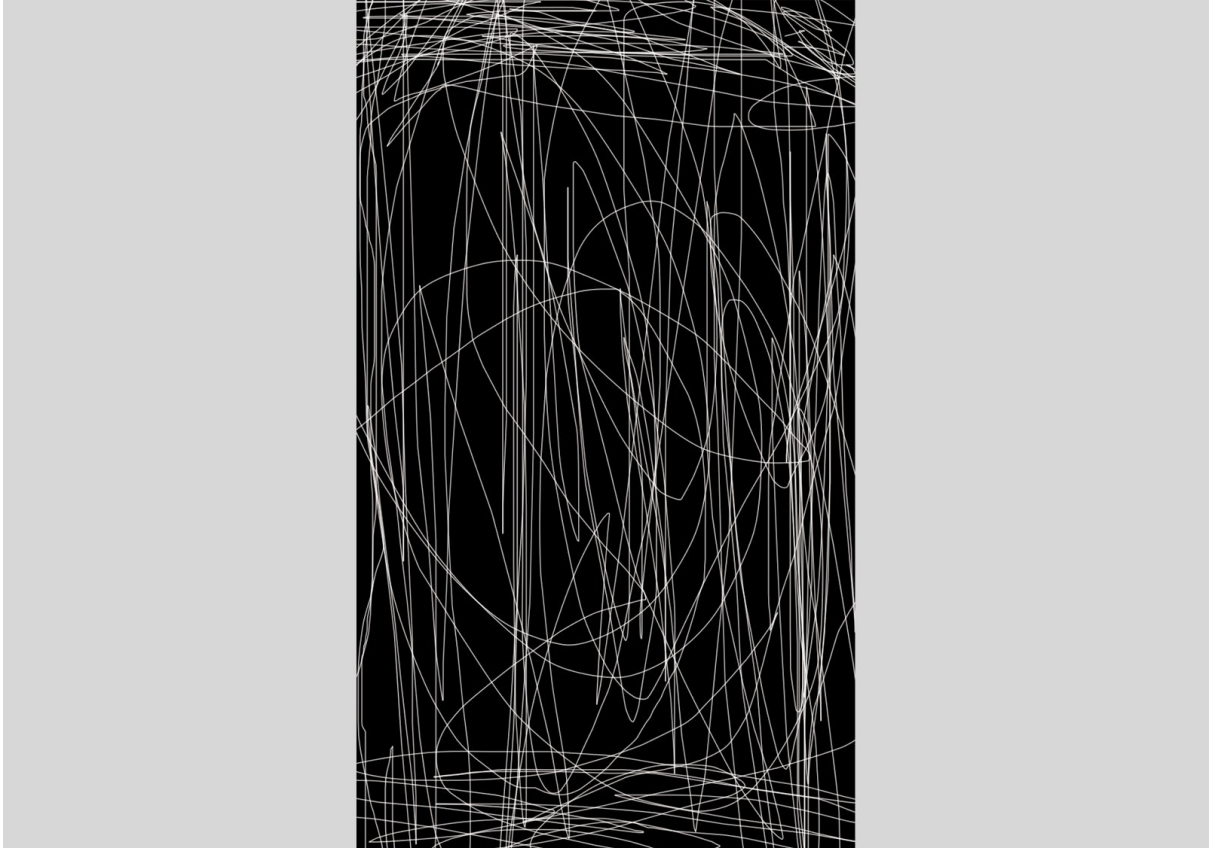
Fonte - Autor (2017)

Figura 44 - Carta Sinal Divino



Fonte - Autor (2017)

Figura 45 - Verso das Cartas



Fonte - Autor (2017)

#### **4 RESULTADOS**

De acordo com os materiais levantados, suas conceituações e fundamentações, com os dados e análises presentes no caminho metodológico, obteve-se como resultado a produção de 7 cartas embasadas de acordo com os arquétipos levantados através da análise de situações mitológicas presentes no livro de Luís da Câmara Cascudo (1947), A História da Cidade do Natal.

Através da participação da população quanto ao reconhecimento da relação das imagens propostas às situações levantadas, apresenta-se abaixo os resultados extraídos.

Figura 46 - Mãe Natureza



Fonte - Autor (2017)

Figura 47 - Dependência do Sol



Fonte - Autor (2017)

Figura 48 - Penitência



Fonte - Autor (2017)

Figura 49 - Medo



Fonte - Autor (2017)

Figura 50 - Benção



Fonte - Autor (2017)

Figura 51 - Imposição



Fonte - Autor (2017)

Figura 52 - Sinal Divino



Fonte - Autor (2017)

Figura 53 - Verso das cartas



Fonte - Autor (2017)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso criou um sistema de cartas esotéricas após obter o entendimento dos carteados, de situações mitológicas, arquétipos e fazer uma análise e tradução do livro de Luís da Câmara Cascudo (1947), A História da Cidade do Natal, para as cartas.

Foi necessário estudar os carteados esotéricos para entender como se dá o uso e interpretação de símbolos universais e como eles se apresentam em diversas culturas, e só foi possível com o entendimento dos conceitos de mito, apresentado por Campbell (1988), e arquétipos, por Jung.

Durante o caminho trilhado pela metodologia, pode-se perceber que a participação da população foi de extrema importância para a concretização deste trabalho, visto que, a bagagem cultural de cada indivíduo é responsável pelo que é passo para o futuro como reflexos da história de um lugar. Agregando os aspectos levantados no livro de Cascudo e tendo a participação de sujeitos para validar os desenhos propostos, de acordo com seus entendimentos, pode-se criar este sistema de cartas de maneira que pudessem apresentar um imaginário ligado à cidade do Natal.

A execução deste trabalho permitiu compreender que, muitas vezes, a identidade de uma cidade é deixada de lado devido a “invasão” sofrida por estereótipos, que mesmo vindo de visões de outros lugares, são reforçados pela própria população da cidade ao não procurar conhecer as obras do grande folclorista potiguar que é Cascudo e entender o ambiente ao redor. Entender onde vivemos é essencial para conhecer “Quem somos”.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**ACLETIC TAROT.** Disponível em: <<http://www.aeclectic.net/tarot/>>. Acesso em: 10 out. 2017.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes.** São Paulo: Cortez Editora, 2009.

ALPHA EVENTOS. **O que é Spiritual Coaching?** 2013. Disponível em: <<http://eventosalphablogspot.com.br/2013/01/o-que-e-spiritual-coaching.html>> Acesso em: 19 nov. 2017.

ASTROCENTRO. **Baralho Cigano. 2014.** Disponível em: <<https://www.astrocentro.com.br/blog/tarologia/carta-torre-baralho-cigano/>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

BIGARELLI, Maria Sílvia. Processo de Criação e Jogos Combinatórios: Procedimentos Comunicativos em Italo Calvino. 2007. 292f. Tese (doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp040514.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2017

BITTENCOURT, Renato Nunes. Stuart Hall e os signos da identidade cultural na pós-modernidade. **Revista Espaço Acadêmico.** v. 13, n. 154, p. 129-138. 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/23100/12542>>. Acesso em: 14. maio. 2017.

BUZAN, Tony. **Use your head.** 3 ed. Londres: Book Club Associates. 1984. Disponível em: <<https://thuvienebook.files.wordpress.com/2013/07/tony-buzan-use-your-head.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2017.

CALVINO, Italo. **O castelo dos destinos cruzados.** São Paulo: Companhia das Letras, 1969.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito.** Nova York: Doubleday, 1988.

**CAMOIN.** Disponível em: <<https://pt.camoin.com/tarot/-Inicio-pt-.html>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Cidade do Natal.** Natal: Civilização Brasileira, 1947.

CONTROVERSIAL. **Arthur Edward Waite: Written and compiled by George Knowles.** Disponível em: <<http://www.controversial.com/Arthur%20Edward%20Waite.htm>>. Acesso em 27 set. 2017.

COPAG. **Cartas personalizadas.** Disponível em: <<http://copag.com.br/servicos/cartas-personalizadas/>>. Acesso em: 18 out. 2017.

COPAG. **Baralhos**. Disponível em: <<http://copag.com.br/produtos/>>. Acesso em: 18 out. 2017.

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira; GUIRAUD, Luciente. Possibilidades e Limites de História de Vida por Meio de Depoimentos Oraís na História da Formação de Professores. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 28, p. 671-687, Set./Dez. 2009.

DUMMETT, Michael. **The game of tarot: from Ferrara to Salt Lake City**. London: Duckworth, 1980.

FLORNOY, Jean-Claude. **Le Tarot**. Disponível em: <[www.letarot.com](http://www.letarot.com) - site do restaurador>. Acesso em 14 set.2017.

GODO, Carlos. **O tarô de Marselha**. São Paulo: Pensamento, 1985.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HERMANN, Walther; BOVO, Viviani. **MAPAS MENTAIS: Enriquecendo Inteligências**. Campinas: IDPH, 2005. Disponível em: <[https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20655/20655\\_5.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20655/20655_5.PDF)>. Acesso em: 02 nov. 2017.

HUMAN-THEMOVIE. Disponível em: <<http://www.human-themovie.org>>. Acesso em: 12.03.2017.

HYPENESS. **O tocante depoimento da brasileira que não tem dinheiro para um chinelo, mas vai todas as noites pra escola**. Disponível em: <<http://www.hypeness.com.br/2015/11/o-que-podemos-aprender-com-a-brasileira-que-nao-t-em-dinheiro-para-um-chinelo-mas-vai-todas-as-noites-para-a-escola>>. Acesso: 13.03.2017.

INTERNET SACRED TEXT ARCHIVE. **TRUMPS MAJOR: Otherwise, Greater Arcana**. Disponível em: <<http://www.sacred-texts.com/tarot/pkt/pkt0102.htm>>. Acesso em: 18 out. 2017.

JOGA POKER. **O baralho de poker**. Disponível em: <<http://www.jogapoker.com.br/o-baralho-de-poker/>>. Acesso em: 03 out. 2017.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000. Disponível em: <<http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/05/jung-c-os-arquetipos-e-o-inconsciente-coletivo.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

LOBATO, Vivian da Silva. EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E HISTÓRIA: POSSÍVEIS ENLAÇES. **Revista Margens Interdisciplinar**, Abaetetuba, v. 8, n. 10, p. 77-96. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/viewFile/2706/2832>>. Acesso em: 11.03.2017.

LO SCARABEO. **Tarocchi**. Disponível: <[http://shop.loscarabeo.com/index.php?id\\_category=12&controller=category&id\\_lang=3](http://shop.loscarabeo.com/index.php?id_category=12&controller=category&id_lang=3)>. Acesso em: 16 ago. 2017.

LUDOVICUS - INSTITUTO CÂMARA CASCU DO. **O colecionador de crepúsculos**. Disponível em: <<http://www.cascudo.org.br/biblioteca/vida/biografia/>>. Acesso: 11.04.2017.

NAIFF, Nei. **Tarô, ocultismo & modernidade – estudos completos do tarô, volume I**. São Paulo: Elevação, 2002.

NICHOLS, Sallie. **Jung e o Tarô – Uma Jornada Arquetípica**. São Paulo: Cultrix, 1997.

MACARRÃO JUNIOR, Leonardo. **IMPORTÂNCIA DO USO DE MOCK-UPS E DE TÉCNICAS DE PROTOTIPAGEM RÁPIDA E FERRAMENTAL RÁPIDO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DE PRODUTO NA INDÚSTRIA AUTOMOTIVA**. Disponível em: <<http://www.mecanica-poliusp.org.br/05pesq/cont/pdf/714.pdf>>. Acesso: 01 nov. 2017.

MEBES, G. O. **Os arcanos maiores do tarô**. 6 ed. São Paulo: Pensamento, 2010.

MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. Saber narrativo: proposta para uma leitura de Italo Calvin. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 12, p. 112-117. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/4383/4192>>. Acesso em: 15.04.2017.

MORONI, Janaina Luisa da Silva; AZEVEDO, Jussara Moreira de; AYMONE, Jose Luis Farinatti; HOFFMANN, Anelise Todeschini. Design caleidoscópico: uma metodologia de ensino para geração de idéias visuais. **Educação Gráfica**. v. 15, n. 02, p. 107-123. 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/148904/000817161.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20.05.2017.

PAULILO, Maria Angela Silveira. A Pesquisa Qualitativa e a História de Vida. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 2, n. 1, p.135-148, Jul./Dez. 1999. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/ssrevista/n1v2.pdf>>. Acesso em: 18.05.2017.

PINTEREST. **Rider waite tarot**. Disponível em: <<https://www.pinterest.de/explore/rider-waite-tarot/>>. Acesso: 25 set. 2017.

POLETTI, Júlia; KREUTZ, Lúcio. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. **Conjectura: Filosofia e Educação**, Caxias do Sul, v. 19, n. 2, p. 199-203, maio/ago. 2014. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conjectura>>. Acesso em: 20.05.2017.

REIS, Paloma. **Ilustrador faz releitura de cartas de Tarô com temática nordestina**. Disponível em: <<http://www.sobreatatame.com/ilustrador-faz-releitura-de-cartas-de-taro-com-tematica-nordestina/>>. Acesso em: 09.04. 2017.

REZENDE, Nina. **Papéis para impressão gráfica**. Cabedelo: IESP, 2005. Disponível em: <[http://www.iesp.edu.br/iesp/downloads/professores/nina/download\\_iesp/grafica1/Papéis05.pdf](http://www.iesp.edu.br/iesp/downloads/professores/nina/download_iesp/grafica1/Papéis05.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2017.

SANTA ROSA, José Guilherme da Silva. **Pesquisa e desenvolvimento de ambiente virtual de aprendizagem de histologia: uma ferramenta complementar de ensino-aprendizagem**. 2010. 193f. Tese (doutorado) - Programa de Pósgraduação em

Educação em Ciências e Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:  
<[http://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/LucianoMA\\_da\\_capa\\_ate\\_cap2.pdf](http://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/LucianoMA_da_capa_ate_cap2.pdf)>. Acesso em: 21 ago. 2017

SOLA-BUSCA TAROT MAYER 1998. **Sola-Busca Tarot by Rinascimento Italian Style Art**. 2017. Disponível em:  
<<https://solabuscatarot1998mayer.wordpress.com/sola-busca-waite-smith-tarot/>>. Acesso em 10 out. 2017.

SYMBOLON. **Mitos e arquétipos**. Disponível em:  
<<http://www.symbolon.com.br/artigos/mitosearquetypeip.htm>>. Acesso: 02 nov. 2017

**Trionfi**. Disponível em: <[www.trionfi.com](http://www.trionfi.com)>. Acesso em: 22 set. 2017.

TEIXEIRA, Ricardo Cunha; MEDEIROS, Marylene; PACHECO, Nádia; FELICIANO, Raquel. **Catálogo de Atividades e de Jogos com Cartas**. 2013. Disponível em:  
<<http://sites.uac.pt/lea/files/2014/01/am-13-14-13A.pdf>> Acesso em: 21 ago. 2017.

TEMPLO DO SOL. **O Baralho Cigano – Baralho de Madame Lenormand**. Disponível em:  
<<http://www.templodosol.com.br/o-baralho-cigano-baralho-de-madame-lenormand/>>. Acesso em: 03 abr. 2017

THE NEW YORK REVIEW OF BOOKS. **Origins of Tarot**. Disponível em:  
<<http://www.nybooks.com/articles/1981/05/14/origins-of-tarot/>>. Acesso em: 14 set. 2017.

US GAMES SYSTEMS INC. **Original Rider-Waite: Tarot Set**. Disponível em:  
<<https://www.usgamesinc.com/Original-Rider-Waite-Tarot-Set/>>. Acesso em: 13 out. 2017.

WAITE, Arthur Edward. **As ciências ocultas – compêndio de doutrina e experimentação transcendental**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.

WANG, Robert. **O tarô cabalístico – um manual de filosofia mística**. São Paulo: Pensamento, 1998.

## ANEXO A - ENTREVISTA COM RODRIGO OZÓRIO

Legenda: E: Elisa / R: Rodrigo Ozório

**E: Primeiramente, vamos começar com questionamentos de cunho mais pessoal, gostaria de saber como foi o seu primeiro contato com o Tarô. Como surgiu seu interesse?**

R: Meu contato começou há exatos 30 anos, tenho 44 anos, e foi aos 14 anos, passei em frente a uma banca de revista e vi aquelas edições simples de papelão, só os arcanos maiores, e foi a primeira vez que minha intuição me disse que eu gostava daquilo. Isso aqui faz parte da sua vida, não sabia o que era, não tinha ouvido falar daquilo. Minha família católica apostólica romana, então esse tipo de ferramenta não fazia parte da minha cultura nem do meu convívio.

Não exitei, juntei grana da minha merenda escolar porque sabia que provavelmente aquele era um assunto que meu pai e minha mãe não aceitaria e não me daria, então eu mesma comprei minha ferramenta. E comecei a ler e desvendar, a usar como a maioria das pessoas começa, as pessoas começam intuitivamente pelo guia do que genericamente representa cada arcano, comecei a mecher nessa ferramenta. Com base numa resposta ou indagação daquilo que eu queria, uma investigação que eu necessitava, eu ia lendo carta por carta, o que ela significava e tentava traduzir então o que significava dentro.

Hoje eu sei que é um processo errado, mas é o processo intuitivo natural, é a descoberta do começo de você mexer com a intuição pra achar uma resposta dentro desta ferramenta intelectual, que é isso que o Tarot é, uma ferramenta intelectual. É uma ferramenta que você precisa da intelectualidade, de conhecimento, dominar as ciências herméticas, que a gente engloba ocultismo, alquimia, cabala, ciências estudadas a milênios, pra você poder acessar realmente a base deste conhecimento. Tanto saber como combinam os símbolos e aí achar as respostas, é um alfabeto ou uma semiótica.

Mas aos 14 anos eu não tinha ideia disso. Era um Tarot de marseille, como se diz no Brasil, ou Marseille, como se diz no mundo. E eu segui meu caminho tentando fazer isso dessa forma intuitiva.

Aos 18 anos eu já tinha comprado um tarô completo de marseille, nunca gostei muito do tarô de marseille (risos), mas era o que tinha e não sabia que tinham outros, que haviam tantos, achava que era só aquilo, que aquelas eram as imagens do que era tarot e tarot era aquilo, não era outra coisa.

Aos 18 anos, nesse eventos que a vida promove a gente, conheci uma chilena na praia de pn, que vamos dizer, que por sincronia da vida, começou a conversar comigo sobre o tarot que ela lia tarot no chile. E eu “Que massa!”. E aí foi a primeira vez que eu pude encontrar alguém num ambiente considerado seguro para minha família, pois estava na praia com os meus amigos num domingo de tarde, conversar com alguém que tinha acesso a uma cultura que eu não tinha. E tive algumas noções do que era aquilo, de como eu poderia usar, tive a oportunidade que ela lesse para mim, a primeira vez que uma pessoa mexesse no tarô de forma séria, eu tinha 18 anos de idade.

Passou o tempo e me aperfeiçoei, óbvio que queria testar o que tinha visto, aprendido, comecei a pesquisar livros, a ler sobre filosofia de tarô, a entender estes arquétipos, o caminho da alma humana, que é o que representam os arcanos maiores. E eu fui aprofundar meu estudo pra ver se eu melhorava na prática.

Com 27 anos eu tava formado em arquitetura, e pude ver que tinha espaço pra dizer na minha família que agora eu quero fazer o que tenho vontade. Já cumpri e agora é minha vez de alçar voo. E eu tive acesso a sincronicamente, conhecer uma grande pesquisadora do tarot, novamente uma chilena, que me deu a oportunidade a partir desse encontro, de com o passar do tempo me iniciar em uma tradição hermética, de pesquisa de ocultismo, de todas essas ciências, na qual fui testado pra ver se entrava, por que como é hermética, não é aberto. Ai sim, tive o parque de diversões, a disneylândia de toda a criança pesquisadora , por que eu tinha todas as pessoas que dedicam sua vida a estudar os tratados delas, as orientações que me faziam. E eu mergulhei em anos de muito estudo dessa ferramenta, mas nunca com o cunho de virar um tarólogo profissional como sou hoje. Era com o cunho de tratar melhor a ferramenta, por que eu amava fazer aquilo

e porque sentia que fazia bem e as pessoas diziam que eu fazia bem, então era quase como identificação, afirmação de um caminho que eu tava descobrindo. Fiquei 5 anos estudando, me aperfeiçoando, quando sai daí, voltei pras minhas carreiras normais.(risos)

E a vida me impulsionou a fazer leituras para as pessoas, nessa trajetória de leituras há 10 anos atrás comecei com meus clientes, tanto pessoas a me pedirem para ensinar que eu comecei a ensinar tarot para as pessoas, e foi um grande desafio, porque eu aprendi dentro de uma tradição hermética os processos de aprendizados estavam vinculados a uma metodologia de desenvolvimento psíquico, intuitivo, de tudo que fazia parte de um cronograma que eu dava conta de estudos mágicos, é assim que se chama. E eu tinha que desvencilhar o conhecimento disso, por que ensinar isso a uma pessoa que não é da tradição a ler tarot, ela não precisa desenvolver coisas que lá eu desenvolvi. Precisei fazer, criar uma metodologia, como ajudar alguém a amplificar a intuição sem vincular coisas da minha tradição. Esse curso foi se aperfeiçoando, quando vejo eu tenho 44 , são mais de 20 anos sendo tarólogo profissional, atendendo pessoas, e mais 10 anos dando aula.

A minha histórias com o tarot eu gosto de dizer que “Eu não escolhi o Tarot, gosto de dizer que ele, que quando olhou pra mim, me chamou numa banca aos 14 anos”, e eu fiz o que era proibido, sem pedir consentimento, eu comprei, foi bem traumático pra minha família católica apostólica romana; claro que aos 18 já tinha assumido, e eu lia na frente de todos, e eles se rebelaram, tinham medo daquilo, eu não tinha me crismado, então não tinha reforçado meus votos católicos.

E o que eu era? Isso na década de 80, começo da de 90. A sociedade era diferente, a globalização era menos, a internet era menor, tudo era menor. nesse processo de jornada há uns 6 anos atrás me associei a uma associação internacional inglesa, chamada *Tarosophy Association*, que não é um órgão regulamentador. Mas tem cunho de orientar e formar novos profissionais e intercambiar conhecimentos, de suas técnicas diferentes ou tradições herméticas, individual ou particular. Dentro do lema de restaurar a dignidade desta ferramenta.

Hoje não consigo ver minha vida sem Tarô.

O que eu trabalho 24h? É nisso!

Sou naturalmente daqui de natal, mas passei 15 anos fora do brasil, viajando, me aperfeiçoando, voltei há seis anos.

Mas minha vida com o tarot começou assim, não muito diferente da maioria das pessoas no mundo. É uma viagem e você não aterrissa nunca mais, é pra vida toda estudando. A vida toda é assim, de reinvenção. Costumo dizer aos meus alunos, que quanto mais velho é o aluno, melhor é o tarólogo, se vo9cê é uma leitora assídua, quanto mais velha você fica, mais experiente você é como leitora. Não tem idade pra fazer, mas quanto mais velho melhor. Comigo só estuda com mais de 18 anos, com 18 anos é pra tá pensando em beijar na boca e não em arquétipo internacional (risos), não tem cabeça pra entender o mundo, é pra curtir ainda.

**E: Então começa a ter mais bagagem digamos assim. Uma experiência na vida...**

R: Exato, porque o Tarot, ele fala sem filtros, então depende da criança, tem algumas que crescem num contexto familiar que já crescem com um vínculo com a ferramenta esotérica, um preparo com a interpretação de símbolos, fica mais fácil de lidar. mas num contexto geral, a população comum, antes de ser maior de idade, por que a criança ainda está muito inocentezinha. Por que o tarot ele não dá uma resposta, isso é muito pobre. Ele dá um panorama de respostas em cima de uma situação, que você está avaliando. O tarólogo que está avaliando aquela situação, pode ser apto ou não, a perceber a quantidade de circunstâncias que ele tá mostrando. Por isso que a gente tem leituras diferenciadas, por isso existem bons e maus tarólogos, tem gente que capta só um pouquinho, tem gente que tem dúvida, que capta errado. É uma ferramenta que precisa de interpretação, é um idioma internacional antigo, que mistura vários conceitos e estudos difíceis de fazer.

Os alunos precisam desenvolver habilidades básicas, explorando e aperfeiçoando, como memorização, a capacidade analítica, por que se trata de um grande quebra cabeça que em segundos você tem que achar o que se encaixa, e em segundos tem que encontrar a imagem. Isso dentro de um prazo de tempo. O tarot é uma ferramenta que trabalha muito a intuição, o processo visual, porque a toda hora a gente tá lidando com a representação, o design da carta, a influência da cor, causa uma sensação que também é outra influência, outra referência. Vira o cérebro ao avesso.

Achamos muito hoje em dia, pessoas que se identificam com o Tarot, por que é uma ferramenta enigmática, mexe com a intuição das pessoas, ela prende, envolve, tem uma atmosfera deliciosa. Se você é um médium, aquilo já é o suficiente pra você se conectar com seu dom, ai você diz que é tarólogo, atende uma pessoa, puxa 3 cartas, se conecta com sua mediunidade e fala tudo o que tem que falar. Na verdade, você não está lendo as cartas. Não está usando o tarô, foi apenas um mecanismo para acessar a sua mediunidade, não é leitura de carta. Tarot é uma ferramenta intelectual. É preciso estudar muito bem a história da civilização humana.

**E: Então o tarólogo tem que ser um pesquisador.**

R: Necessariamente, na minha tradição hermética, não entra ninguém que não tenha pelo menos uma faculdade, que não domine pelo menos uma ferramenta de interpretação. Ah Rodrigo, mas que elitismo! É assim, é uma ferramenta intelectual. E se falarmos de uma sociedade hermética muito antiga, a Golden Dawn, da Inglaterra do século 19, cê acha que era todo mundo que entrava ali? Aí você pega um deles, o Arthur Waite, ele escreveu mais de 50 livros, de tratados de estudos esotéricos, era uma pessoa qualquer? Ele teve que estudar muito ali, sem falar que era o auge da imprensa o século 19, todo mundo queria publicar, tinha essa motivação. Mas o cara fez. Até hoje quem faz isso? Hoje em dia as pessoas querem só ver as imagens, não querem mais pensar. É intelectual, se não estudar não vai pra frente.

Dá pra ler? Dá! É a mesma coisa se você disser pra mim “Se eu não ler Shakespeare eu não sei falar inglês”, mentira, você pode ler gibi em inglês, pode passar a vida lendo o inglês de um gibi, mas pode nunca acessar o que Shakespeare dizia. Pode entender a palavra, mas não vai entender as sentenças, pois vão ter expressões e metáforas que são de uma ideologia e de uma época que se você não tiver acesso, você não interpreta, passa despercebido. É a mesma coisa com o tarot. Uma pessoa que não é estudiosa ela vai ler? Vai. Vai ler como quem ler gibi, vai fazer adivinhação boba, é isso. Não vai pegar a essência, o caldo!

É também uma ferramenta perigosa, por isso precisa ser ensinada com cuidado, se cair nas mãos de uma pessoa com desvios de personalidade, como sociopatas, ela pode dar muito trabalho. Essa ferramenta revela coisas que estão ocultas e pode usar para fazer o mau para alguém. É obrigação do “mestre” saber quem vai ou não acessar a ferramenta.

Antigamente, como tudo era secreto, já havia um processo de triagem, mas com a *Wicca*, de Gerald Gardner tudo virou tão exposto que virou moda, “Ai eu sou bruxa”, “Ai eu sou isso”, “Aí eu sou aquilo”.

**E: Você já detectou preconceito com o Tarot?**

R: Putz! As pessoas não sabem que é uma ferramenta intelectual, acham que é do mal, por que diz seu destino! Tá tudo errado. tarot não é ferramenta do mal e nem do bem, é só uma ferramenta. Pode usar uma faca pra cortar sua carne e fazer seu almoço, ou pode usar a faca para matar alguém. A faca é do mal? Não, é uma ferramenta, ela não tem querer. Tarot não tem querer, quem utiliza é quem vai determinar como vai usar, para quem, para que.

**E: Isso já volta pra questão de que a pessoa que ensina precisa fazer uma triagem.**

R: Exatamente! E isso gera na população geral o medo. Por que é livre. Não tem conexão com nenhuma religião, não tem nenhum alcorão que diz que o tarot é bom porque está vinculado aos preceitos de.. Não tem! Não tem uma bíblia que diz que tava lá junto com os discípulos e Jesus... Não tem! Ai as pessoas ficam “Ih, isso aí é terra de ninguém” Ficam com medo, fora que, vamos dar nomes aos bois, a gente viveu aí nessa leva de renascença, vamo pegar ai século 16, 17 e 18 e meados de 19, e até hoje tem resquícios do que foi a grande era da inquisição. Isso ai todas as pessoas que trabalhassem não só com tarot, qualquer coisa que não fosse dentro dos desígnios do catolicismo, do cristianismo, era um pecado mortal, eram perseguidas. Esse estigma de uma ferramenta do mal existe até hoje. Ai associe esse fato do estigma ao fato de existirem pessoas que não estudam direito e que vão ler intuitivamente, que propõem fazer leitura profissional sem ter preparo. Aí vão cometer erros, não apenas nos aspectos técnicos da leitura, mas sobretudo, o que mais me preocupa, no aspecto ético de um tarólogo...

Você vê a morte de um paciente, de um parente de um paciente seu, e ele pergunta “Fulano vai morrer? Eu to gastando 7.000 por dia para manter Fulano respirando. recupera-se ou morre?” Ou seja, você tem a morte e a vida da pessoa na sua mão! Se você disser o que está lendo, por que o tarot diz a verdade, diz a resposta, você vai saber se ela morre e quando. Se você disser, foi você que matou a pessoa. Não foi Deus por que ainda não era a hora dela. O parente poderia ter feito ela ficar mais tempo, e você vai ter atrapalhado, talvez, processos espirituais de toda uma gama de pessoas. Se ela tivesse ficado mais tempo viva, pessoas poderiam ter chegado de viagem para visitar, podia ter concluído seu processos. Mas não, você por que é a taróloga, por que tem que acertar tudo diz “Ela vai morrer amanhã, pode desligar!”. não se canta a morte de ninguém no tarot, é uma regra básica e radical da ética de leitura de previsão. Não se separa amor verdadeiro, entre outras. mas a pessoa para ter acesso a isso precisa ter um orientador, ela não vai saber, não vem no livrinho que acompanha a edição do tarot. Esse livrinho, não ensina a ler tarot. Isso vem para o autor da ferramenta dizer por que representou esse arquétipo desse jeito, ele ta defendendo. É monografia dele, dizendo o por que ele produziu esse projeto. Não explica. “Mas não vem com modelinhos de

tirada?”, claro, tem que vender! A editora faz algo para que seja vendável! para que as pessoas querem comprar. Estamos lidando com o mercado, é um marketing de venda, não significa que com o manual se consegue aprender a ler tarot.

Um tarólogo não decide a vida de um cliente. “O que é melhor, Rodrigo?”, as pessoas perguntam assim, “Vou fazer meu curso em Florianópolis ou em São Paulo?” Eu não posso definir isso, a vida da pessoa. Eu já tenho que definir a minha vida e já é difícil. Posso prever se você faz em São Paulo, como se mostra e como é em florianópolis, o que sua intuição te diz? O que você sente? Se ficou em dúvida, vai no velho jogo da sorte, sim ou não, o que você quiser. Mas é pra você escolher. E pessoas foram processadas juridicamente por que prejudicaram a vida de seus clientes, sendo más tarólogas. Ou Cartomantes, por que as pessoas não sabem a diferença.

O que é uma Cartomante e o que é um tarólogo? O nome “ólogo” vêm de pesquisa, o tarólogo é um cara que pesquisar muito pra fazer aquilo, a cartomante faz intuitivamente (risos). É o que todo mundo é antes de estudar, começou a mexer nas cartas, começa a dizer coisas fora da ética, vai ter dúvida, uma leitura mista com outras técnicas, ele não é um tarólogo, um profissional daquilo. Faz intuitivamente mas já mexe. Fora que existem tantas outras ferramentas que são nesse formato de cartas, né. Tarot não é a única, é uma ferramenta chamada tarot e tem essa composição de 78 cartas, pode ser do formato, tamanho, tipo do papel, do tipo do idioma, da cor, do design, do jeito que você quiser. Se tem 78 tem os arquétipos dos maiores e menores e realeza, é tarot. Não teve? Teve menos carta? Não é tarot. É outra ferramenta. “Qual, Rodrigo?”, depende! Existem os famosos oráculos, que são usados só com a intuição, é pegar e ver o que você sente. A gente dá oráculo pra criança, pra ela brincar, e a criança vai usar o imaginativo criativo dela e dentro dessa bagagem de símbolos que ela tem, já tem filtro natural, a criança vai representar e trabalhar com símbolos que ela já conheça. Você não vai impor nada que ela ainda não conheça, como o tarot vai trazer coisas que a gente ainda não conhece.

Você tem Lenormand que é uma outra ferramenta, baralho cigano, que é o jogo inglês de carta normal, o cigano raiz lê com baralho normal de jogo, daí vem a expressão jogar. A gente não joga tarot, é algo mais sério. Você joga carta com uma cartomante, mas não com um tarólogo. Vai ler ou tirar tarot com ele. Mas as pessoas dizem por não conhecer. Tem baralhos criados com influência do lenormand, que não são lenormand por não ter cartas que tem nele. O que dizem baralho cigano, não sei o que. São ferramentas com técnicas diferentes de leituras, cartas diferentes e com quantidades diferentes, então não são tarots, são ferramentas adivinhatórias representadas em lâminas, assim como o tarot. A estrutura é a mesma, são cartas, mas são símbolos diferentes, novas dimensões e outras técnicas.

O Lenormand, tem esse nome, pois foi criado por uma grande mulher do século XIX, uma grande leitora de adivinhação que lia tarot, que lia mão, que lia bola de cristal, borra de chá, muitas coisas. E ela criou um oráculo de adivinhação. Ponto. Lenormand dá pra fazer adivinhação. Tarot tem arcano maior, é pra entender desígnios espirituais. Tarot para adivinhação é a mesma coisa que você pegar um diamante para limpar os dentes. Ta subutilizando a ferramenta.

Ela criou e eram originalmente um conjunto de 52 cartas e ela era muito influente na Paris da revolução francesa e essa mulher por expor tantos podres da época, ela foi presa. E quando foi presa disse que ia escrever e ensinaria a todo bandido, prostituta a ler tarot, eles vão saber da vida de vocês. Ela foi uma bruxa revolucionária importantíssima. Com o passar do tempo essa ferramenta se perdeu, o grand lenormand que são 52 cartas, hoje temos apenas o petit lenormand com 36 cartas apenas, mas é fantástico de fazer leitura. Na Europa por exemplo, as pessoas leem mais lenormand do que tarot, porque são só 36 cartas, tarot são 78, é muito mais difícil. Sem diminuir a maravilha e eficiência da ferramenta.

O baralho cigano é diferente disso aqui (mostra um baralho de tarot), são os arcanos menores do tarot, por que temos os naipes de Ás a 10 e a gente tem as realezas, é parecido, sem arcanos maiores. Então não fala de tarot, é uma ferramenta de adivinhação e não é lenormand, não tem arquétipos como A Chave, O Livro, O Cavaleiro, O Bouquet... A Torre. No tarot só tem A Torre, mas enquanto no Lenormand a torre é subir no ponto mais alto pra ver a situação de cima, no tarot

fala de destruição de paradigmas e renovação. Não tem nada a ver uma ferramenta com a outra e a técnica não é igual. De qualquer maneira a pessoa tem que se preparar.

R: E aí, o que mais?

**E: Acho que você já respondeu muitas das questões (risos). Mas vamos seguir pra origem do tarot.**

R: Ótimo! Eu tava me coçando pra dizer, por que tem coisas novas. A gente tá lidando com uma ferramenta muito antiga, que tem pelo menos séculos, não se sabem, pode ser que tenha milênios! Não sabemos, então é uma ferramenta que falta a ausência de dados históricos que provem realmente sua origem,. por isso você tem, origens místicas e de origens científicas.

De origens místicas, você tem várias teorias, por exemplo, que o tarot vem de civilizações antigas, como egípcios, existem algumas “tablas” que os cientistas acham semelhantes ao tarot mas não tem como comprovar se é tarot então não pode comprovar se era verídico. Você tem referências com a questão do comércio do meio oriente que eram, vários países de idiomas diferentes que pela necessidade de comunicação havia se criado uma ferramenta para facilitar o entendimento dos valores e das vontades. Tem a teoria que vem dos deuses da grécia, que quando foram embora do mundo, do planeta, disseram “Vamos deixar esse jogo pra vocês terem acesso a algumas verdades do mundo, pra ve se vocês aprendem enquanto estão neste vício mundano! Você tem, a teoria que vem do povo cigano, esse povo peregrino que cópula de cultura em cultura e que tem uma vasta conexão com as ciências adivinhatórias.

Vamos pros científicos. O tarot mais antigo comprovado, que está até hoje no museu nacional de paris, que é de uma família tradicional italiana chamada Sforza, de um conde, Visconti Sforza, que não está completo, mas existem as cartas, são de 1400 e tanto, final do século 15, e que ele fez esta ferramenta para dar a sua filha de 15 anos, contratou um artista e disse “Quero dar um tarot para minha filha”,

então daí a gente já vê que o tarot não era uma ferramenta mundana, como você ia ter um tarot, você ia ter que contata alguém pra pintar pra você, já tinha que ter dinheiro. E tinha que ter cultura pra saber pra que serve, mesmo que você não fosse ser um tarólogo na época, mas poder entender que era uma ferramenta que tratava de conceitos espirituais, que era um orientador da vida. Algum conceito essas pessoas tinham e isso era popular, nobre e de acesso apenas a realeza ou a classe dominante. Que tinha poder aquisitivo para poder ter acesso a isso.

Depois disso a gente tem o tarot de marseille, que já é século 16, 1500 e pouco e é um dos tarots mais famoso do mundo até hoje e a gente tinha alguns outros remanescentes, o tarot ancião italiano (mostra um tarot). Mas o mais antigo era o de Visconti Sforza e que tem até hoje no museu nacional de paris. Ficou assim até o século 19, até que um alemão que não me lembro o nome, conseguiu da família Sola Busca, um tarot do século 15 mais antigo que o de Visconti Sforza e que estava inteiro. E essa família permitiu que esse alemão fizesse uma única edição deste tarot nesse século 19, que foi naquele boom da imprensa e que tinha uma grande quantidade de sociedades herméticas do ocultismo, foi um momento de muita produção literária do ocultismo e das tradições herméticas, a Golden Dawn, tava aí. E por tanto, provocou um alvoroço nos pesquisadores da época por que era um tarot muito antigo e diferente. Ele é um Tarot que tem uma sequência dos arcanos menores disposta de outra maneira. O tarot está dividido de 0 a 21, e a numeração de hoje conhecida, nesse tarot é outra sequência. Nele A Torre é o 20 e não o 16, tem O Diabo como o 13 e não como o 15. Então era um tarot diferente, representado utilizando a história clássica do império romano com a referência de alguns personagens históricos, principalmente na realeza, para representar o caráter de cada um além da nomeação diferente e era um tarot vinculado a uma sociedade hermética da venezia antiga, chamada Dragão Vermelho e que cultuava rituais de Saturno para manter a saúde e riqueza para sempre.

Então era uma ferramenta que todo mundo tinha curiosidade. Era a época em que a gente tinha na Golden Dawn, os grandes pesquisadores e tarot que criaram ferramentas famosas até hoje, entre eles o Arthur Waite e a Pamela Smith que fizeram o Reader-Waite, o tarot que é o mais famoso do mundo, preferido dos tarólogos. A *Tharosophy association* faz pesquisa todo ano pra saber o que é mais

preferido, e ele continua o número 1 no ranking em todos os sentidos. Por que ele é uma ferramenta inovadora, por que trouxe com a ajuda da Pamela Smith que era uma artista plástica e bruxa, sensível, culta, ela trouxe em suas ilustrações uma representação mais moderna, ou contemporânea na época, do que é o conceito de cada arcano, deixando a ferramenta atualizada, fácil de ler. É fácil de ler o Reader-Waite. Causou um alvoroço e fez dele o que é hoje.

Mas também temos outros pesquisadores que tiveram acesso ao Sola Busca como o Aleister Crowley que fez o Toth Tarot que é difícil de ler, onde ele bota todo o conhecimento alquímico dele e muita gente não consegue ler, acha que é psicodélico, é um tarot que fala de alquimia, parece que ele tá fazendo uma poção, mistura as cores, tem um design maravilhoso. Esse Sola Busca com essa edição, desapareceu, século 20 ninguém falava mais nele e o tarot de Reader-Waite virou o queridinho do mundo. Muito bem, ano passado a Lo Scarabeo, uma das grandes editoras no mundo, lançou uma nova edição do Sola Busca, por que finalmente a família concedeu os direitos e ele lançou, montaram uma equipe de pesquisadores que foram tentar reproduzir com maior fidelidade possível as cartas encontradas e que tem um estudo, livro, um parque de diversões!

Mas muda tudo, uma ferramenta diferente, mas é tarot!. Ai o Sola Busca, vem e tira do trono o Arthur Waite de ser o baralho mais moderno e inovador. Por que pasme, Waite, meio que, vamos dizer, que se inspirou em algumas cartas, o 3 de espadas do Arthur do século XIX é igual ao 3 de espadas do Sola Busca, ele omite alguns detalhes. Ele modificou, mas dá pra ver que ele reproduziu trazendo com novos conceitos. E isso é o mais atual que temos na tarologia. Cientificamente é isso, tem comprovação que a partir do século XV já existia e era usada essa ferramenta.

## ANEXO B - TABELA DE ANÁLISE DE SITUAÇÕES MITOLÓGICAS

TEXTO	O QUE FOI IDENTIFICADO	SITUAÇÃO MITOLÓGICA
“A história oficial inicia-se-á com a tentativa de colonização. É um período escuro, irriçado de contradições, ausência de documentos.” Pg. 35	Bagunça/desordem, indagação e despreocupação	Falta
“Varnhagen escreve que Aires da Cunha desprezou o Putigi e foi aportar três léguas ao norte, no rio Baquipe ou Ceará-Mirim, tentando fixar-se, mas os potiguares, ajudados pelos franceses, resistiram, repelindo-os, com perda de vidas para os da armada.” Pg. 36	Estranho, afastamento, relutância, portugueses como ameaça.	Rejeição e defesa
“Andando os filhos de João de Barros correndo esta costa, depois que se perderam, lhes mataram neste lugar os potiguares com favor dos franceses, induzidos deles muitos homens.” Pg.37	União de potiguares e franceses contra portugueses.	Dualismo: revolta/união, inimigo em comum e pacto agonista e antagonista
“... necessário povoar esta capitania antes que os franceses a povoem; os quais todos os anos vão a ela carregar de Brasil por ser o melhor pau de toda costa.”	Marcação de território. Propriedade, Invasor, controle da riqueza.	Dominação.
“ Todo século XVI é o conhecimento do traficante francês na capitania. Visitava as enseadas, recebia os toros de pau-brasil, penas, papagaios, curiosidades, trocando-as por espelhos, contas, machados, espadas, anzóis, escambo que desmoralizava o português, tornando-o indesejável aos indígenas.	Troca, escambo. Franceses comercializando com potiguares. Afastamento do português, recusa.	Aliança/ contraste Troca e Interesse
“ A presença francesa nos arredores do sítio onde nasceria a Cidade do Natal tornou-se regular.” Pg.39	Colonização francesa	Apropriação
Referindo-se a “armada” de Mascarenhas Homem atendendo a decreto real, a combater as forças francesas que se instalaram no litoral da capitania.  “ ...em fins de dezembro de 1597, talvez no dia 25, penetrou a barra do Potengi.” Pg. 42	Retomada do controle pelos portugueses.	Controle, dominância, retomada

<p>“O forte se erguia, a setecentos e cinquenta metros da barra, em cima do arrecife, ilhado nas marés altas. É lugar melhor e mais lógico, anunciado e defendendo a cidade futura.” Pg.43</p>	<p>A localização do forte dos reis Magos era estratégica por se encontrar na “boca” do rio e na beira do mar.</p>	<p>Estratégia, lógica, segurança, estabilidade</p>
<p>“O forte construído ficava isolado em seu arrecife cercado pelo mar assim como a guarnição estava circundada pela indíada furiosa.” Pg.47</p>	<p>Barreira de afastamento dos conflitos entre os invasores e os nativos</p>	<p>Tensão, richa, proteção e ataque.</p>
<p>“A conquista pela espada seria consolidada pela catequese dos espíritos. Mosquetes, canhões, lanças, espadas e pelouros nada fariam. Vencido, recuava o indígena como uma onda e voltaria, mais forte, quebrando-se nas muralhas de pedra dos Reis magos. O processo era embainhar a espada e dar a palavra ao padre.”</p> <p>““É a vez dos jesuítas no futuro Rio Grande do norte. Padre Francisco Pinto conquista o tuxaua os potiguares, o Camarão-Grande, Potiguaçu.” Pg.47</p>	<p>Mudança da estratégia bélica para uma estratégia de catequese, introdução aos jesuítas.</p>	<p>Apaziguamento, temperança, convencimento, calma.</p>
<p>Diversos escritos de diversas fontes fazem referência a criação do nome da cidade, existem divergências, mas o que converge é a ligação com a religiosidade.</p> <p>“O Visconde de Porto Seguro ensina: “...se chamou do Natal em virtude sem dúvida de se haver inaugurado o seu pelourinho ou a sua igreja matriz no dia 25 de dezembro deste ano da fundação (1599). Vicente Lemos decide: “A 25 de dezembro do mesmo ano (1599) Jerônimo de Albuquerque, saindo da fortaleza, na distancia de meia légua, num terreno elevado e firme, que já se denominava Povoação dos Reis, demarcou o sítio da cidade que recebeu o nome de Natal, em honra desse glorioso dia, que assinala no mundo da cristandade o nascimento do divino Redentor.”. Pg.49</p> <p>“Há outra versão. O padre Serafuim Leite,</p>	<p>.A origem do nome da cidade tem diversas variações, porém convergem para a religiosidade.</p> <p>Diz-se que o nome vem da inauguração da igreja matriz; ou da demarcação da cidade por Jerônimo de Albuquerque; ou a retomada da cidade;</p>	<p>Origem (Começo, início) Religiosidade, Demarcação</p>

<p>S.J., (<i>História da Companhia de Jesus no Brasil</i>, Lisboa, 1938, I, p.526, nota) cita os nomes acima e concluiu: “Nenhum destes acertou. Chamou-se Natal porque foi esse o tempo em que a armada entrou a barra do Rio Grande do Norte. Apesar da cidade se começar depois, perpetuou-se, no seu nome, a recordação daquele fato”.</p>		
--	--	--

<p>“O chão elevado e firme à margem direita do rio que os portugueses chamavam de Rio Grande e os potiguares o Potengi compreende o pequeno platô da colina que sobe pela rua Junqueira Aires e desce pela avenida Rio branco até o Baldo, praça Carlos Gomes. A demarcação foi feita com os cruzeiros de posse, tão comuns. Uma cruz no norte denominou a rua que surgiu depois, rua da Cruz, Junqueira Aires atual. A cruz ficara chantada ao lado esquerdo da elevação, muito desmontada e trabalhada, começando do <i>square</i> pedro Velho. A cruz sul fincou-se no declive do Baldo, margem de um córrego ainda resistindo e visível, rio do Baldo, o velho Rio da Bica, Rio de Beber, o Tiuru de George Marcgrave, Tiçuru na <i>Descrição de Pernambuco em 1746</i>. É a Santa Cruz da Bica, guardados os fragmentos dentro do Cruzeiro que está erguido na praçuela lateral.” Pg.51</p>	<p>Cruzes eram utilizadas para demarcar os limites da cidade.</p>	<p>Marco, limite, religião.</p>
<p>“Havia o sal, colhido nas marinas do outro lado do rio, Igapó, Aldeia Velha, antigas malocas dos potiguares. O peixe salgado e seco foi um dos produtos mais rapidamente divulgados, com mercados abundantes e fáceis.” “Domingos da Veiga, escrevendo entre 1625 e 1630, já dissera que “<i>o rio é o mais fértil de peixe que há no Brasil</i>”. E menciona a exportação:”...<i>vay muito peixe salgado a Paraíba e Pernambuco</i>” Pg.59</p>	<p>Peixe salgado sendo a grande produção do Rio Grande.</p>	<p>Fertilidade, produção, abundância</p>
<p>“O holandês desembarcou em Genipabu, onde esteve saqueando as raras fazendas e fazendo carnagem do rebanho deparado. “<i>Foi então um matar, cozinhar e assar que,</i></p>	<p>Holandeses começam a invasão saqueando.</p>	<p>lambança (encontrar uma palavra melhor), Cobiça, saque,</p>

<p><i>durante três dias, consumimos mais carne fresca do que no decurso de todo o ano anterior.” Pg.62</i></p>		<p>empanturrar-se.</p>
<p>“De todas as terras do Brasil holandês foi a que mais sofreu e menos teve. Não interessava a população viva ou morta nem massa indígena aliada, exceto a tribo dos Janduís, com o seu soberano centenário de anos e de filhos, apaixonado pelo neerlandês e seus presentes.” Pg. 69</p>	<p>O Rio Grande não recebeu cuidados por parte do novo conquistador, o holandês, porém haviam alianças indígenas por favorecimento com presentes.</p>	<p>Conquista sem cuidado, alianças por interesse  Sedução</p>
<p>“Os Janduís, trazidos e orientados por Jacó Rabi, trucidam os portugueses reunidos no domingo, 16 de julho de 1645, de joelhos, dentro da capela de Cunhaú. matam o padre André de Souveral, de noventa anos. Morreram trinta e cinco pessoas, diz Nieuhof, ou trinta e sete, conforme a mesma fonte (<i>Memorável viagem</i>, 157, 221).”</p> <p>“Num outro documento holandês, depois dos morticínios de Cunhaú e Uruaçu, o <i>Breve discurso acerca da rebelião</i> assim descreve a Capitania: “<i>Os índios brasiliensis e os tapuias mataram todos os portugueses que puderam haver às mãos em uma redondeza de vinte léguas, de modo que aqueles lugares estão muito desolados (desolat); os selvagens tapuias querem agora fazê-lo duramente à sua vontade como donos</i>”</p> <p>Pg. 71 e 72</p>	<p>Ataque a Cunhaú e Uruaçu pelos Janduís aliados aos holandeses, exterminam os portugueses locais, remanescentes com a intenção de reconquistar os territórios.</p>	<p>Aliança, vingança, extermínio.  Retomada</p>
<p>“A imaginação popular empresta ao holandês poderes sobrenaturais e conhecimentos maravilhosos. Tudo quanto possa impressionar à inteligência é <i>trabalho do holandês</i>. O próprio forte dos reis magos, com 35 anos de existência quando o holandês o tomou, aparece nas tradições verbais como <i>trabalho holandês</i>, construído no espaço de uma noite apenas... Ninguém apela para os mapas desenhados pela mão flamenga, fixando os limites da penetração geográfica dos batavos no Rio Grande. Não</p>	<p>Atribuía-se ao holandês um papel de herói romantizado, que de tudo fazia, e sua capacidade era sobrenatural.</p>	<p>Mentira, sobrenatural, capacidade, força, herói  Desejo da mentira, sobrenatural, herói.</p>

<p>foram além de Extremoz nem de Utinga. Em qualquer direção jamais ultrapassaram de cinco a seis léguas, 20 ou 30 quilômetros. Daí para diante é pura invenção graciosa, sem sombra de documento comprovante, história de milagres, conto de fadas, dando ao holandês aquilo que ele não fez...” Pg.73</p>		
<p>“A região do gado era assolada pelo neerlandês e pelo brasileiro, ambos necessitado do alimento. Ambos talhavam a terra, cobrindo-a de chamas e de cinzas.”</p> <p>Quando o holandês teve ciência de que seus chefes haviam capitulado na campina do Taborda em janeiro de 1654 embarcou e fugiu. Antes abateu o que pode. Nem a igreja escapou. Nem o arquivo público. Todos os papéis, datas, chãos, sesmarias, atas, informações, foram queimados. Queimavam julgando fazer desaparecer o passado sujo de sangue e úmido de lágrimas.” Pg. 73</p>	<p>O holandês era bárbaro na visão histórica, consumiam as terras de outros, queimavam e promoviam a barbárie.</p> <p>Destruíram registros e a história datada.</p>	<p>Destruição, despreocupação, barbárie</p>
<p>“Quando terminou a guerra de expulsão dos holandeses a Capitania era uma ruína. raros moradores, casas desmoronadas, campos inutilizados, gado desaparecido, caminhos intransitáveis e, acima de tudo, as reservas morais esgotadas pelo sofrimento, o pavor e o receio da tortura e da morte.”</p> <p>“Os dois trabalhos mais urgentes, além da recondução de colonos, nomeação de autoridades, reconstrução de moradias, eram o forte, meio no chão, e a matriz que foi arrasada.” Pg.77</p>	<p>Capitania arruinada pela saída dos holandeses</p>	<p>Destruição, sofrimento, recomeço, queda</p>
<p>“ De 1685 passava pela cidade renascida um rumor de guerra, cheiro de fumaça acre de carne queimada, de sangue e de terra molhada. O sertão do oeste, a partir do vale do Açu onde as casas de taipa guardavam os primeiros currais de gado. Os indígenas estavam atacando, armados de mosquetes e usando velhas armas tradicionais.</p>	<p>Conflito armado com os índios por causa da dominação da terra, índios queriam permanecer em sua casa e por</p>	<p>Escravidão, luta, destruição gente para trabalhar em suas terras.</p>

<p>Atacando as residências. matando, incendiando. O gado, orgulho do colono branco e mestiço, era peça de caça para o indígena.”</p> <p>“Os holandeses haviam tratado maravilhosamente os indígenas e estes, partidos os amigos, estavam saudosos e desesperados da ausência. Os colonos, na cidade e nos campos, careciam de braços para o trabalho desbravador e conservador das terras. Era terra de mais e gente de menos. O recurso, fatal e bruto, era escravizar o indígena.”</p> <p>“O prisioneiro em guerra justa era escravo. Os colonos tinham esse remédio. Excitavam, riscavam, estimulavam o indígena até que este perdesse a calma e atacasse. Então o colono gritava que os bárbaros estavam acabando com o mundo inteiro. Decretavam o governador geral, ou capitão-mor autorizado, a guerra justa e o colono, com os soldados, ia defender-se, assaltando, matando, escravizando, escravizado, escravizando...”</p> <p>“Essa é a guerra dos cariris porque esses indígenas foram as vítimas e algozes durante mais de dez anos de suicídio desesperado. Não é a história da cidade, mas esta ficou no meio do incêndio estalante.”</p> <p>Pg. 78 e 79</p>	<p>outro lado os colonos queriam</p>	
<p>“A sociedade natalense do século XVII era a sociedade portuguesa rural. O pai de família governava com direito de alta e baixa justiça.”</p> <p>Pg.99</p>	<p>O homem como centro da família e de grande importância social.</p>	<p>Figura masculina forte, justiça, dominância.</p>
<p>“A mulher dirigia a casa. As moças dormiam nas camarinhas e eram analfabetas para que não escrevessem aos futuros namorados.”</p> <p>Pg.99</p>	<p>A mulher com importância na gerência do lar.</p>	<p>Mulher ligada ao lar, submissão</p>
<p>“Os escravos carregavam água do Baldo,</p>	<p>Escravos com a</p>	<p>Escravidão,</p>

<p>lenha dos morros e frutos dos tabuleiros. Mantinham as roças de mandioca, feijão, jerimum, milho, inhame, cará e pescavam de anzol, covo, jequi e despescavam os <i>currais</i> em certas e</p>	<p>função de abastecer as casas com os produtos cultivados e encontrados nas redondezas.</p>	<p>fertilidade do solo, alimentos</p>
<p>“Quase todos possuíam sítios próximos, num raio de quinze quilômetros, criando cabras, porcos, ovelhas e gado. Porcos e galinhas eram também urbanos, andando pelas ruas, fossando uns e beliscando outros, os monturos dos quintais sem muros, raramente defendidos pelas cercas de faxina, coroadas de cascas de ovos e enfeitadas de melões de São caetano, maracujás e chuchus.” Pg.99</p>	<p>Grandes fazendas voltadas para consumo próprio e venda. Alimentos regionais.</p>	<p>Terras produtivas, enfeites, demarcação</p>
<p>“Almoçava-se as nove, jantava-se as três e ceava-se ao escurecer, nas <i>trindades</i>, Ângelaus batido pelo sino da Matriz, quando subia no céu do ocaso a luz da papa-ceia (Vésper).” Pg. 100</p>	<p>Habitos engessados e tradicionais devido a falta de luz</p>	<p>Horários rígidos, dependência do sol</p>
<p>“As transformações vieram lentamente, com a navegação direta, na influência francesa do chapéu alto, do casaco de talho mais apertado. Natal, cidade pobre, não tinha exigências. A obrigação da roupa bonita era dominical, <i>para ver a deus</i>, para assistir às festas religiosas, Natal, com excelência, ou participar das alegrias oficiais e públicas decretadas por El-Rei, nascendo ou casando um dos principais rebentos.” Pg.100</p>		
<p>“A rara saída noturna obrigava a um escravo abrir o préstito conduzindo uma luz, archote de pau resinoso ou lampião de azeite de carrapato. A treva isolava as</p>	<p>Dificuldades pela falta de iluminação, reclusão forçada</p>	<p>Dependência, isolamento, acumulação de alimentos</p>

<p>famílias, tornando-as mais coesas e senhorias, mais intimistas e senhoras de opinião. Ausência de mercado determinava as reservas da <i>despensa</i> e a indústria caseira do aproveitamento da fruta, do leite e das mantas de carne”</p> <p>Pg. 100</p>		
<p>“O sal era nativo. O açúcar é que era caro. Dizia-se o <i>doce</i> como sinônimo. <i>Quer mais doce?</i>, em vez de querer mais açúcar. Usava-se a rapadura comumente, o açúcar de panela, açúcar moreno. Açúcar branco era guardado num frasco para remédio, lambedores (xaropes) para tosse, adoçar chás, uma pedrinha contra o soluço ou quando o menino mastigava pimenta malagueta sem querer.”</p> <p>Pg.100 a 101</p>	<p>O açúcar era raro e tinha alto valor monetário e simbólico</p>	<p>Escassez, valor agregado</p>
<p>“Comia-se muito e comia-se mal, ensinam os doutores. Era porém, gostoso e farto. A bebida era pouca. Os naturalistas e viajantes estrangeiros assombravam-se com a sobriedade nacional. Havia a <i>abrideira</i>, cachinha aperitiva, e fortuito copo de vinho tinto. Água era a bebida durante a refeição. Era, como continua sendo.”</p> <p>Pg. 101</p>	<p>Abundância de alimentos típicos e aperitivos alcoólicos, água como principal bebida nas refeições</p>	<p>Fartura</p>
<p>“As senhoras trajavam com a maior simplicidade. As de mais alta posição ou fortuna usavam ordinariamente chitas, vestidos, quando saiam, seda, cetim, veludo, sarja etc. Nessas ocasiões calçavam sapatos de velbutina, com fivelas, sobre meias mais ou menos caras. Habitualmente, os seus calçados eram sapatos de cordovão, ou chinelas de marroquim e camurça. Estavam muito generalizado o uso das mantilhas. Constituíam ornatos comuns: no pescoço, colares e cordões de ouro, com ou sem enfeites e emblemas; nas orelhas, os brincos e argolas; nos dedos, os grande</p>	<p>As vestimentas dependiam das condições financeiras</p>	<p>Vestuários indicadores de status</p>

<p>anéis. Os penteados em cocó, com um grande pente, segurando os véus, eram preferidos. No interior de suas casas, era comum usarem cabelo solto, com uma fita, a qual prendiam uma flor. Nas viagens a cavalo, traziam chapelina e uma saia larga, roupão, de ganga ou de fazenda de preço, que cobria inteiramente as pernas e os pés.”</p> <p>Pg. 101</p>		
<p>“As mulheres de classe média usavam, chila (algodão liso, fino com quadros azuis de padrões diversos), guingã (chita de ziguezues) e outros tecidos com cores estampadas. Gostavam de pôr um lenço à cabeça e xale aos ombros. As mais pobres vestiam saia e cabeção; as da última camada, roupas de algodão. As crianças usavam camisas ou sungas, (acumulação de jaqueta e calção em uma só peça).</p> <p>Pg. 102</p>	<p>As vestimentas dependiam das condições financeiras</p>	<p>Vestuários indicadores de status</p>
<p>“No tocante dos homens , encontravam se as mesmas diferenças entre mulheres conforme as posses e o ramo da atividade em que se empregavam: desde a casaca de pano fino preto ou azul, os calções abotoados junto ao joelho, meias de seda, colete abotoado acima dos peitos, gravata de meio-lenço envolvendo o pescoço, chapéu alto e sapatos de entrada baixa, até os trajes de couro do sertanejo e as camisas e ceroulas do matuto, com escalas pelo rodaque (espécie de casaca com abas curtas, de duraque ou lila) e pela jaqueta da classe média. Esta usava botas de cano alto e chapéus de baeta preta”.</p> <p>Pg. 102</p>	<p>As vestimentas dependiam das condições financeiras</p>	<p>Vestuários indicadores de status</p>
<p>“Até meados do século XIX o traje comum em casa era o <i>chambre</i> ou chambrão, de chita, com bolsos para o tabaqueiro e o lenço vermelho, imitando Alcobaça, e a ceroula <i>meia coronha</i> amarrada pelos atilhos acima dos artelhos. Assim o</p>	<p>Importância social, comparava-se aos fidalgos da época o uso do chambre</p>	<p>Indicador social, respeito</p>

<p>professor Zé Gothardo dava aulas de humildades famosas e conversava latim. Henry Koster notou que o uso do chambre era sinal de importância social, convencendo-se o portador de ser fidalgo e merecer respeito. <i>“He begins to think himself a gentleman, and entitled, consequently, to much respect”</i>.</p> <p>Pg. 102</p>		
<p>“Quando chegou ao Rio Grande raras eram as pessoas que se vestiam bem, mas ele conseguiu persuadir uma família a mandar comprar no Recife tecidos manufaturados na Inglaterra. Uma vez introduzidas, essas fazendas fizeram sucesso e como ninguém queria ser excedido por outro no curso de dois anos, o uso se tornou geral. Visitamos a Igreja à tardinha. Todas as senhoras estavam elegantemente vestidas com sedas de várias cores, com véus negros cobrindo-lhes a cabeça e o rosto. Um ano antes, as mesmas pessoas teriam comparecido à Igreja de saio de algodão, feitos em Lisboa, panos de tecido grosseiro na cabeça, sem meias e com chinelos nos pés”</p> <p>“A transformação coincide, logicamente, com a abertura dos portos à navegação estrangeira, 1808.”</p> <p>Pg. 103</p>	<p>Influência externa induzindo a mudança de hábitos de compra para se adequar a outras capitais</p>	<p>Mudança de hábitos, adequação, status social</p>
<p>“Depois de corrida a caixa das 9 ninguém será isento de ser apalpado e revistado, e mesmo antes desta hora havendo suspeita”. Era proibido de noite parar nas esquinas, nos quintais e nas ruas, dar assobios ou quaisquer sinais. Seriam presos homens vestidos de mulher e mulher vestida de homem, gente de chapéu desabado, embuçados e mascarados.”</p> <p>Pg.103</p>	<p>Reclusão forçada pois se acreditava que a noite não se teria assuntos a se resolver, e quem estivesse fora deste padrão estabelecido estaria fazendo algo de errado</p>	<p>Toque de recolher, reclusão, vigilância, preocupação</p>
<p>“Nas noites de quinta para sexta-feira aparecia o lobisomem correndo na <i>subida</i></p>	<p>Relatos de aparições que</p>	<p>Lendas, medo</p>

<p><i>da ladeira</i> (Junqueira Aires). No salgado (praça Augusto Severo) ardia o batatão, fogo corredor, assombrando. Vezes, na calada da noite, ouviam-se os tinidos de ferro. Era a burrinha-do-padre, a mula-sem-cabeça, cumprindo a sina.”</p> <p>Pg. 103</p>	<p>mantinham a população dentro de casa ao cair da noite</p>	
<p>“Os bailes vieram depois de 1850. Baile oficial em 1826 no Atheneu e o inesquecido e célebre em 2 de dezembro de 1868, com gelo e bebida gelada, festejando-se a subida do Partido Conservador.”</p> <p>Pg. 104</p>	<p>Os bailes eram um dos poucos divertimentos da época, se tornaram um marco da vida social em Natal</p>	<p>Divertimento, abundância</p>
<p><i>“Quem casaca não tiver</i> <i>Em bailes não vá dançar,</i> <i>Deixe-se em casa ficar</i> <i>Um bobo não queria ser.</i> <i>Tomem este parecer</i> <i>Dois rapazes do bom-tom</i> <i>De paletó só é bom</i> <i>Dançar lá em Acari</i> <i>Porém nos bailes daqui</i> <i>Só quem não tem tom nem som...”</i></p> <p>Pg. 104</p>	<p>O trecho da cantiga relata que era exigido um padrão de vestimenta, um indicador social, dos frequentadores do baile</p>	<p>Rigor, padrão, exclusão</p>
<p>“Não havia cemitério em Natal. Todos os fiéis eram sepultados dentro da Igreja, nos arredores também, junto ao Cruzeiro.”</p> <p>“Resta a tradição que é nobre e linda. Está no mesmo local de mais de três séculos. Aí dormem, anônimos na terra sagrada de milhares de seres que fizeram a nossa cidade, dirigiram o governo e olharam essa mesma paisagem.</p>	<p>Aspectos referentes a fé cristã, fiéis enterrados nos solos da igreja.</p>	<p>Sepultamento, Terra sagrada, religiosidade</p>

Pg. 115, 116 e 117		
<p>“Essa série de remodelações retirou da matriz todos os característicos. É uma Igreja comum e banal, sem detalhes típicos nem fisionomia como tem a de Santo Antônio. A própria frontaria, várias vezes refundida, conserva traços dessas passadas tarefas”</p> <p>“ É um barroco, bonito e comum, que afasta, no tempo, a contemporaneidade com a doce casa de Nossa Senhora do Rosário.”</p> <p>Pg. 115, 116 e 117</p>	Ocorreram diversas remodelações na arquitetura da matriz de Natal, porém manteve o estilo barroco, presente até nos dias de hoje	Reconstrução, barroco, remodelação
<p>“A linha das praias constitui <i>habitat</i> para os coqueiros plantados intencionalmente perto dos núcleos de povoações e outros semeados pelas vagas, nas enchentes maiores de equinócio, carregando cocos e espalhando-os paralelos à pancada do mar.”</p> <p>Pg. 128</p>	Abundancia de coqueiros tanto na linha do litoral, caracterizando a cidade	Flora, natureza, mãe natureza
<p>“Natal possui sua muralha de vinte e uma dunas que a vegetação de cajueiros e manjeriobas restantes fixou contra o vento teimoso. A cinta adarvada corre de leste a sul, pontecendo os tabuleiros despovoados de árvores de sombra e cheios de cajuís, mangaba, ubaias, camboins, araçás, maçarandubas e guajirus.”</p> <p>Pg. 128</p>	Caracterização da flora da cidade, suas dunas, cajueiros e manjeriobas, tabuleiros de cajuís, mangaba, ubaias, etc.	Flora, natureza, mãe natureza
<p>“Na parte baixa da cidade as areias filtram as fontes salobras. mesmo dentro do forte dos reis Magos há uma cacimba, cortada no arrecife, guardada dentro da capela, no meio da praça nobre das armas. Era uma curiosidade para os holandeses água doce no meio d’água salgada.”</p> <p>Pg. 128</p>	Água doce encontrada com facilidade, ajudando a povoação e a prosperar a cidade	Água, vida, abundante
<p>“A população indígena encontrava água farta, escavando-se cacimbas ou nos dois</p>	Relação dos índios com a natureza,	Mãe natureza, abundância

<p>córregos abundantes, o Tiçuru, no Baldo, e o Coemaçu nas Quintas. A caça era fácil e encontradiça nos morros, veados, cutias, jacus, tejuaçus, tatus, uma multidão de aves e lagartos. O rio era piscoso e seu nome, potengi <i>rio-dos-camarões</i>, anunciava o préstimo alimentício.”</p> <p>Pg. 129</p>	<p>rios e caça</p>	
<p>“Para Natal, colonial e provinciana, a presença religiosa era cento por cento Portugal que nos trouxe i catolicismo. As festas eram as mesmas em essência litúrgica, espiritual, intencional. Mas o ambiente mudara e a fisionomia das festas, insensivelmente, era outra.”</p> <p>“Em janeiro havia Epifania, popularíssima ainda hoje na coincidência da visita dos três Reis Magos ao presépio de Belém de Judá. Abria quase o ano, mantida pela devoção das classes mais humildes.</p> <p>As imagens dos três Reis magos haviam sido enviadas pelo rei dom José em 1752. Foram colocadas na capelinha dentro do forte da Barra e cada dia 6 e janeiro duas terças partes da população assistia à missa pela manhã e bênção a tarde.</p> <p>Durante todo o dia o forte ficava dentro do povo, uma maré humana com seus cantos, danças, comidas improvisadas, desafios, brigas, promessas, no rito português, desde a espórtula em dinheiro até a pedra na cabeça, passando pela mortalha e as velas”</p> <p>Pg. 138</p>	<p>A vida social de Natal tinha forte ligação com a religião cristã, as festividades eram, em sua grande maioria, religiosas.</p>	<p>Religião, cristianismo, devoção, festividades,</p>
<p>“março era mês de São José ou o da Boa-Morte. No dia do santo, 19, há missa. No sertão observa-se se chove. Choveu no dia de São José há inverno regular. A coincidência do equinócio explica.”</p> <p>Pg. 139</p>	<p>A coincidência das chuvas no dia de São José era o indicativo de que a colheita no interior seria próspera</p>	<p>Misticismo, religiosidade, sinal divino, mãe natureza</p>
<p>“ocorre a Semana Santa, com o cerimonial impressionante. Quarta-feira de Cinzas era</p>	<p>A vida social de Natal tinha forte</p>	<p>Religião, cristianismo, devoção,</p>

<p>o primeiro anúncio, com a cruz de cinzas riscada na testa.</p> <p>Os dias de Quaresma, ausentes de outros interesses que hoje os assaltam, ocupavam o natalense em absoluto. Jejuns, orações, leituras, seriedade feroz.</p> <p>Domingo de Ramos, alegre. Procissão do fogaréu, à noite, lanternas de papel ou tochas recordando a busca dos judeus e soldados romanos a Jesus Cristo.</p> <p>Dia de jejum complet e consoada à noite, toda família sem fazer ar de riso. <i>“Não ria, menino, Nossa Senhora morreu!”</i></p> <p>Pg. 139</p>	<p>ligação com a religião cristã, as festividades eram, em sua grande maioria, religiosas.</p>	<p>festividades, sacrifício</p>
<p>“Era a queima do judas, pendurados nas árvores. Nunca ouvi dizer que puseram foguetes e busca-pés dentro do boneco de pano. Rasgavam-no ou ateavam fogo, gritando de pura sublimação religiosa em vingar o sofrimento de Nosso Senhor.”</p> <p>Pg. 140</p>	<p>Tradição da queima do boneco de Judas, também tida como uma festividade.</p>	<p>Tradição, religião, escárnio, sublimação</p>
<p>“Junho, mês de São João, marcando o meio do ano, é um desses. As ordenações do Reino dizem sempre pelo <i>São João</i> como melhor e mais claro sinônimo dessa época. A frase ficou no vocabulário e no hábito popular do Brasil.</p> <p>A noite de 23 para 24 de junho era um deslumbramento. Qualquer brasileiro recordará sua noite de São João, canjica, pamonha, fogueiras, bailes, ritos da fogueira, acendê-la, pular-lhe por cima, comadres, compadres, primos, tomados num cerimonial ao redor de suas chamas, dizendo três vezes e mudando de lugar <i>“São João disse e São Pedro confirmou; que nós seríamos compadre; que Jesus Cristo mandou”</i>. E o berro: <i>“Viva Deus e viva nós, compadre!”</i> Baile. Fogos artísticos. Fogos de rua. Rodinhas, craveiros, chuva de prata, estrelinha.”</p>	<p>Festa religiosa católica popular de Junho como uma grande festa popular. Comidas vindas da produção local.</p>	<p>Fatura, agradecimento, algazarra, fraternidade, religião</p>

Pg. 142		
<p>“Banho do rio. na cidade do Natal o banho era no baldo. pais, irmãos, noivos, acompanhavam o banho feminino, cantando com violões, guitarras, violas e flautas.”</p> <p>Pg. 143</p>	<p>Refrescar-se de rio sendo observadas por “homens de respeito”</p>	<p>Poder, cuidado, papel do homem e da mulher no período patriarcal</p>
<p>“E durante a noite, adivinhações e consultas ao santo. Todas na intenção do casamento. O santo áspero, arredio, soberbo de castidade insolente, é um orago de alta percentagem sexual.</p> <p>Coincidência da época de São João com as festas pagãs de séculos passados, cerimônias de pastores, lavradores, gente do campo, aos deuses da fecundação, pedindo pelos campos e meses maiores. Junho é equinócio de verão europeu, de inverno para nós. E convergem cultos orgiásticos, saldos de religiões mortais, boiando na memória do povo, tudo reunido no Precursor, numa festa luminosa de amor e de alegria física.”</p> <p>Pg. 143</p>	<p>Embora a religião cristã vinda de Portugal dominava, existiam “procedimentos” pagãos ligados a fecundação eram misturados.</p>	<p>Fertilidade, abundância, casamento, sexualidade</p>
<p>“Até meados do século XIX, havia em Natal uma cerimônia popular de impressionante aspecto. Não se sabe como começou. A igreja não a autorizou, mas era o povo o responsável pela existência macabra dessa procissão caricata e terrificadora.</p> <p>Pela tardinha, percorria as ruas mais habitadas da cidade um grupo de mascarados, representando possivelmente vestígios de um ritual do populário português, desaparecido em sua expressão característica. Uns três rapazes chefiavam outros tantos, bandos de girtadores. Um masmarro sisudo, andando gravemente, estendia as mangas do hábito desmesuradamente exageradas, para cobrir as <i>almas</i>, vestida de fofos chambres alvadios, com cordões de S. Francisco à cinta. Essas <i>almas</i> rodeavam, espavoridas,</p>	<p>Homens fantasiados demonstrando o poder da igreja, da morte</p>	<p>Morte, medo, expurgo dos pecados, representações do inferno</p>

o altivo frade que, armado de chicote, afugentava a ciranda dos diabos que bailavam em derredor. Os demônios, com chifres, línguas vermelhas feitas de baeta e pequenas asas de papel, empunhavam espetos negros e urravam de meter medo. Satanás dirigia, pessoalmente, a investida sempre corajosa e sempre frustrada. Um mundo miúdo de garotos, atraídos pelo séquito e tremendo de terror incontido, fugia e voltava, perseguidos pelos belzebus, guinchadores e careteiros. A gritaria assombrava as crianças que choravam de pavor. A estridência dos berros levava a assuada como arauto muito antes de ver-se o sinistro cortejo.

A figura principal, que estarrecia a imaginação infantil e perturbava o espírito místico da época, era justamente a *morte*. Enrolado numa mortalha de pano alvíssimo que se arrastava pelo chão, um vulto da *morte* medieval, estilizada, viva n'alma espavorida do povo, caminhava lentamente, com desmarcada estatura, levando um imenso machado ao ombro direito. O tremendo faricoco, onde dois olhos furiosos espreitavam pelos buracos de cagula, chegava sem rumor até a porta que se fechava, rapidamente, logo que sua presença era vislumbrada. Parando por um instante, riscava uma cruz latina no solo e dizia sonoramente: "*Vá se preparando! Vá se preparando! Eu volto breve para vir buscá-lo...*"

Apesar de quase toda a cidade conhecer, um por um os personagens do cortejo, rapazes que tinham aquela mania pseudamente religiosa, o medo era geral. As ruas ficavam com todas as casas fechadas. Era uma provação dispensável aquela cerimônia apavorante. Finalmente, depois de 1840, caiu em desuso e desapareceu para sempre.

A morte andava em cima de pernas-de-pau para justificar a altura descomunal do mais sugestivo títere do grupelho medonho."

Pg. 144		
<p>“O professor Panqueca recordava que um presidente da Província mandara procurar, com antecedência, vagar e teima, todos os fabricantes de busca-pé, tendo prendido uns, multado outros, apreendendo e destruindo os estoques encontrados.</p> <p>Queria Sua Excelência gozar uma noite de S. João sossegada. Foi muito pior. Os busca-pés apareceram aos centos, riscando de ouro ofuscante o escurão da noite memorável do Precursor. Dezenas de pessoas ficaram queimadas, roupas chamuscadas, raivas comprimidas. o presidente jamais conseguiu identificar os conspiradores nem localizar as <i>oficinas</i> secretas onde o terrível foguinho foi manipulado.”</p> <p>Pg. 156 a 157</p>	<p>O uso do “busca-pé”, artifício que trilhava próximo ao chão usado como ferramenta de traquinagem, desafiando até mesmo a autoridades.</p>	<p>Traquinagem, brincadeira, divertimento, inocência</p>
<p>“O padre Antônio Francisco Areias, que tinha nervos vivos, fazia uma <i>prática</i> na capela do Bom Jesus das Dores da Ribeira, numa noite de novena, quando largaram um busca-pé dentro do templo. O orador interrompeu, imediatamente, a falação e voou, com pernas que pareciam ter quinze anos, numa desabalada carreira olímpica atrás do garoto que soltara o busca-pé. Agarrou-o na Tatajubeira, deu-lhe uns safanões, voltou e recomeçou o discurso místico onde o deixara. Nem todos tinham ânimo desportista e a prontidão do padre Areias.”</p> <p>Pg. 157</p>	<p>O uso do “busca-pé”, artifício que trilhava próximo ao chão usado como ferramenta de traquinagem, desafiando até mesmo a autoridades.</p>	<p>Traquinagem, brincadeira, divertimento, inocência</p>
<p>“Numa sexta-feira, durante a Quaresma, com a permissão do Vigário, ou no <i>Mês das Almas</i>, quisesse ou não o reverendo pároco, reuniam-se, depois das 9 e antes das 10 horas da noite, os penitentes. O lugar era na rua Grande, deserta e escura, derredor do Cruzeiro. O sino dobrava, compassadamente e finados. Todas as portas se fechavam. Um medo informe, onímodo, corria pela cidade. Os penitentes compareciam amortalhados de branco,</p>	<p>Pagamento de penitências, vestuário e comportamentos específicos</p>	<p>Penitência, expurgo dos pecados, medo</p>

<p>cobertos por um capuz que deixava ver os olhos. Muitos apenas traziam esse capuz, ostentando o dorso inteiramente nu, porque teriam feito promessa de flagelarem-se. Uns carregavam grandes pedras à cabeça. Outros estavam algemados. Todos irreconhecíveis, disfarçados no capelo daquele feio albornoz alvacento. Na mão, a maioria tinha tiras de couro cru ou pedaços de corda. os padres não tomavam parte. Se houvesse luar, a procissão ainda mais espectral e horrenda surgia. Abria o préstito um penitente com uma imensa cruz, seguindo por outro, que espalhava, aumentando o pânico, o sinistro estalejar da matraca. Deixando a rua Grande (praça André d’Albuquerque) ia a procissão pela rua S. Antônio (Coronel Bonifácio) até a Santa Cruz da Bica, subindo pela rua da Palha (21 de Março e Vigário Bartolomeu), descendo à rua da Cruz (Junqueira Aires), de onde ganhava a Igreja do Rosário, fazendo a volta e regressando ao Cruzeiro da Matriz. Todo esse percurso era interrompido pelas pancadas dos açoites, choros, gritos, gemidos de dor, lamentações, prantos altos. Em cada esquina, um penitente se detinha, erguia a voz, solicitando orações: <i>“Um Padre-Nosso e uma Ave-Maria pelas Almas do Purgatório, pela alma dos que morreram sem confissão, pela alma dos afogados, pela alma dos condenados, pela alma dos que andam sobre as ondas do mar, pelos que estão em perigo de vida”</i>. E o vozeiro se propagava, rezando enquanto as cordas e couros, tangidos com força, riscavam sangue nas costas dos penitentes.</p> <p>Nenhuma janela se abria. Qualquer luz avistada era alvo de pedras furiosas. O capitão Antônio José de Moura, comandante do Campo de Polícia, estava com uma janela aberta, na rua da palha e ficou sem os vidros dos candeeiros, espatifados à pedra.”</p> <p>Pg.</p>		
<p>“O espírito religioso e áspero que as</p>	<p>Rigidez quanto a</p>	<p>Superstição,</p>

<p>animava foi cedendo ao tempo. A superstição afirmava que nenhuma mulher ou criança podia ver a procissão de penitência porque, por mais que olhasse não havia de enxergar senão um rebanho de ovelhas, guiado por um frade-sem-cabeça. As almas do purgatório acompanhavam essa procissão, diziam. O frade-sem-cabeça ainda aparecia, no meu tempo de colégio, nos corredores do atual convento de Santo Antônio.”</p> <p>“Meu pai ainda viu, em 1894, em Natal, mostrado escondidamente por um amigo o capuz usado nas famosas e defuntas penitências da meia-noite. Era branco, pontudo, com dois orifícios amendoados por onde era possível ver. A vestimenta, dos mais rituais, era uma mortalha, espécie de túnica cinzenta ou quase branca, amarrada uma corda à cintura. Por mais estranho que pareça, o penitente voltando de procissão, metia-se num banho morno, tratava as equimoses e entrava numa boa ceia de peixe assado, para reforçar a fibra dolorida pela demonstração de fé e aparente regeneração dos costumes.”</p> <p>Pg. 148 e 149</p>	<p>participação de mulheres e crianças, criação de lendas para assustar e influenciar a permanência nas casas</p>	<p>exclusivo para homens, medo e espiritualidade</p>
<p>“Nossa Senhora d’Apresentação, no seu bento vulto, chegou à cidade do Natal numa quarta-feira, 21 de novembro de 1753.</p> <p>1753 ou 1736? Não há documento dirimindo a questão. Existe tradição oral, narrando o episódio e memórias velhas apontando datas, desacompanhadas dos comprovantes. Dois grandes sabedores da história natalense, Joaquim Lourival Soares da Câmara, Panqueca, 1849-1931, e Fransico Gomes de Albuquerque e Silva, Chico Bilro, 1858 - 1931, diziam que a padroeira chegara em anos bem diversos. 1753 para Panqueca, a data mais popular. 1736 para Chico Bilro.”</p> <p>“Nessa manhã de 21 de novembro, sexta-feira, dia santo por ser o dia da invocação padroeira, quem passeava à</p>	<p>A chegada de Nossa Senhora d’Apresentação se deu de maneira misteriosa, chegando a cidade através do rio em um caixote, como se fosse mandada por alguma força externa para abençoar a cidade</p>	<p>Aparição, chegada, surgimento, fé, admiração, desígnio do divino.</p>

<p>margem do Potengi, ladeado a barraca vermelha onde se aprumava o casario humilde, enxergou, encalhado numa pedra no meio do rio, um caixãozinho de madeira, alcatroado.</p> <p>Podia ser um salvado de naufrágio e, depressa remaram numa baiteira para a pedra que fica alguns metros da praia. Enquanto iam salvar o caixote crescera o número de desocupados e curiosos. o caixão viera, depositado n'areia e aberto logo, na ânsia de ver o tesouro.</p> <p>Encontraram uma imagem, de tamanho médio, uns cinquenta a sessenta centímetros, bem encarnada e vistosa na pintura nova e viva. Trazia Menino-Deus no braço e estendia a mão como se segurasse invisível objeto.</p> <p>-É uma Nossa Senhora do Rosário”...</p> <p>A pedra, onde o caixote ancorou, ainda conserva o nome. É <i>pedra do Rosário</i>. Fica na conforção da Igreja do Rosário. Uma autorização de gente prática cedeu a pedra para que passasse um oleoduto para um depósito flutuante que pertenceu à Companhia Air France. Meio quebrada, sustentando o cano negro, a Pedra do Rosário é visitada pelos raros sabedores de sua ilustre tradição.”</p> <p>“No caixãozinho ou numa faixa, envolvendo o vulto, lia-se: <i>No ponto onde der este caixão não haverá nenhum perigo</i> (Panqueca). <i>Onde esta Santa parar nenhuma desgraça acontecerá</i> (Chico Bilo). Há outras versões. Todas no mesmo sentido.”</p> <p>Pg. 165, 166 e 167</p>		
<p>“Carnes, aves, frutas, raízes, eram vendidas debaixo das árvores frondosas na praça da Alegria, rua Grande e noutros pontos.”</p> <p>“Até o século XVIII quem tinha dinheiro</p>	<p>Grande variedade de alimentos disponíveis para o consumo, criação dos primeiros pontos de comércio</p>	<p>Produtos, frutos, fartura, alimento</p>

<p>possuía reservas alimentícias em casa. A maioria dos moradores era proprietária de sítios ao redor de Natal. Desses sítios vinha a mandioca, milho, feijão, frutas e mesmo a farinha, feita nas casas que serviam a vários proprietários mediante percentagem na farinha ou desmancha. A carne de gado comprava-se mesmo na cidade.”</p> <p>“O consumo de frutas e verduras não era grande. As frutas mais saboreadas eram as nativas cajus, mangabas, jabuticabas, maçarandubas, guajirus, cajás etc. As mangas tinham vindo da Índia, mas foram de rápida aclimação, de meios do século XVIII em diante. O regime era essencialmente carnívoro, carnes assadas e cozidas e o pescado, abundante, no rio e no mar, especialmente apanhado nos currais.”</p> <p>Pg. 187 e 188</p>		
<p>“Na véspera ou antevéspera do enforcamento, acompanhado por um soldado, o preso, olhando o martírio, vinha, com os pulsos algemados, pedir de porta em porta, uma esmola para a missa que seria rezada em sua intenção espiritual. De porta em porta detinha-se o grupo espantoso e o sentenciado erguia a voz miseranda, pedindo: <i>Uma esmola para a missa do enforcado!</i> O enforcado seria ele mesmo.”</p> <p>Pg. 196</p>	<p>Os condenados a força, percorriam as ruas da cidade em busca de cordialidade da população, pedindo ajuda para rezar a missa que encomendaria sua alma.</p>	<p>Enforcamento, pagamento de penitências</p>
<p>“Por que o condenado não podia ouvir a missa inteira? Porque o sentenciado valer-se-ia do santo <i>sacrifício</i> obtendo, no mínimo, um prolongamento de vida. Se estivesse presente quando o sacerdote fizesse a <i>elevação</i>, e pedisse a existência, estaria <i>válido</i>. infelizmente esse recurso oral ante a hóstia não arredaria a corda do condenado pescoço.”</p> <p>“O réu, com o seu <i>vestido ordinário</i>, as mãos fechadas nas algemas, era conduzido <i>pelas ruas mais públicas</i> até o patíbulo. O Sant’Antônio, rua do Sebo (General Osório)</p>	<p>O condenado passava por uma série de situações que limpavam sua alma, como a missa, a caminhada e o recebimento de alimento para que sua alma chegasse ao céu acalentada</p>	<p>Enforcamento, pagamento de penitências, limpeza da alma, sacrifício</p>

<p>na rua da palha (Vigário Bartolomeu), rua Nova (Rio Branco), descendo até a praça do peixe, espaço compreendido no atual mercado público da Cidade Alta, onde a forca se erguia.”</p> <p>“O padre vinha com o condenado desde a prisão e ao pé da forca oferecia-lhe a última dádiva das senhoras católicas da cidade, pão-de-ló e vinho do Porto. O réu mastigava e bebia, inconscientemente, para retardar a subida à forca. Depois, de degrau em degrau, chegava ao alto, com o carrasco, seu companheiro de crime, que lhe pedira perdão, já marcado para o mesmo final.”</p> <p>“Quando dizia “<i>e na vida eterna</i>” o carrasco, que já passara a laçada no pescoço do condenado empurrava-o para fora das tábuas. O próprio peso da vítima o estrangulava. E o algoz ainda ajudava, saltando-lhe aos ombros ou, velozmente descendo, puxando o justicado pelos pés, multiplicando a carga para apressar a asfixia. Quem ficasse na primeira fila da assistência ouvia, no estertor derradeiro, o estralejar das vértebras cervicas que se partiam.</p> <p>Em Natal o aceno o fazia o carrasco sacudir o condenado pena a morte era o juiz municipal tirar o chapéu”</p> <p>Pg. 197 e 198</p>		
<p>“Seu carrasco, Alexandre José Barbosa, o matador de Ana Marcelina Clara, a Hamburguesa, era covarde e trêmulo. No momento de passar a corda no pescoço de Baracho, Alexandre começou a tremer. O caboclo, que ia morrer, interpelou-o ferozmente: “<i>Está tremendo, Alexandre? Você que matou a Hamburguesa não tremeu desta forma</i>”. Arrancou o laço da mão do companheiro e ele mesmo se julgou. Sem esperar o sinal, atirou-se no espaço bradando para o carrasco, lívido: “<i>Não admito que um cabra como você me empurre!...</i>”.</p>	<p>O condenado passava por uma série de situações que limpavam sua alma, como a missa, a caminhada e o recebimento de alimento para que sua alma chegasse</p>	<p>Enforcamento, pagamento de penitências, limpeza da alma, sacrifício ao céu acalentada</p>

<p>Com o salto, a corda partiu-se e o semienforcado foi ao solo vivo, respirando alto. Choro da multidão, vozes de piedade. Substituem a corda. Nova laçada. Novo salto. Nova ruptura. Nova queda. Ao reganhar o patíbulo, bracho dizia ao padre Joaquim francisco de Vasconcelos: “... <i>que morte agoniada...</i>”</p> <p>“Na segunda vez, disse nada sentir. Via uma mulher vestida de branco, nos ares, acenando. Enterraram-no na capela do Rosário. Afirmava que Baracho aparecia em sonhos, pedindo missas, que foram rezadas, avultadamente. Durante anos e anos, um fantasma, com a corda ao pescoço, corria nos arredores da praça do peixe, nas noites da sexta-feira. Hoje tudo desapareceu.”</p> <p>Pg. 206 e 207</p>		
<p>“Naturalmente durante os séculos XVII e XVIII as informações sobre médicos e saúde pública na Cidade do Natal do Rio Grande não são fáceis nem claras. O socorro doméstico seria soberano no uso dos símplices na extensa terapêutica tradicional. Reinava Galeno como a teoria dos humores. A técnica expedida e consagrada era purgar e sangrar. Além disso, dieta, muita dieta. O colonial, como todos os povos primitivos, quase não se alimentava quando adoecia. Dizia-se a esses cuidados, as <i>cautelas</i>. Daí o provérbio: “<i>Cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém</i>”.</p> <p>“Começaram os doutores a mandar os clientes aos banhos de mar, especialmente nos casos de beribéri. As praias eram Areia Preta, Morcego (Praia do Meio), Ponta Negra, Pirangi. A redinha do outro lado, era lugar de folguedo tradicional, conversa, violão e peixada desde o tempo dos presidentes provinciais.”</p> <p>Pg. 245 e 256</p>	<p>O banho de mar era recomendado pelos médicos presentes na época</p>	<p>Saude, mar como remédio</p>
<p>“Entre xarias e canguleiros a rivalidade era</p>	<p>“Gangues” se</p>	<p>Rivalidade, conflito</p>

<p>velha e durou dezenas de anos. Moleques, valentões, meninos de escola, desocupados, praças do Exército e do então Batalhão de Segurança mantinham o fogo sagrado dessa separação inexplicável. Naturalmente as famílias da Cidade e da Ribeira conviviam com afeto. Os meninos, os criados, esses, encontrando gente de um bairro no outro lado, iam às vias de fato, infalivelmente. O grito de guerra, de ambos os grupos era:</p> <p><i>Xaria não desce! Canguleiro não sobe!</i></p> <p>Pg. 286</p>	<p>enfrentam em Natal, estas representavam bairros da cidade que não se misturavam.</p>	<p>interno</p>
<p>“Nesta série de documentos que o Senado da Câmara dirigiu ao Soberano, pedindo a autonomia local, exibia-se a citação dos produtos do seu comércio, carne, peixe e sal.”</p> <p>Pg. 289</p>	<p>Produtos do comércio regional, carne, peixe e sal</p>	<p>Alimento, fatura</p>
<p>“Natal não sabia o que era um cemitério. Enterrava-se o cadáver dentro das igrejas, ao redor delas ou do cruzeiro. A matriz de Nossa Senhora d’Apresentação ergue-se sobre uma base de ossadas humanas, sepultadas durante séculos.”</p> <p>“Em volta das igrejas o povo dizia que a terra era também sagrada. <i>Enterrar no sagrado</i> era sepultar dentro das igrejas”</p> <p>Pg. 321</p>	<p>Terra sagrada ao redor da igreja</p>	<p>Religiosidade, sepulcros</p>
<p>“Em julho de 1935 visitei demoradamente o Cemitério dos Ingleses. Espalhara-se a lenda de ouro enterrado pelos <i>holandeses</i>. Os túmulos foram rebentados, brutalmente, revolidos e dispersos os esqueletos. A ferocidade ávida destruiu tudo. A cupidez analfabeta e sacrílega nada respeito.”</p> <p>Pg. 323</p>	<p>Lendas de riquezas enterradas influenciaram a destruição de túmulos</p>	<p>Lenda, profanação</p>
<p>“Na epidemia de varíola que passava como rajadas de morte deviam sucumbir às dezenas, ignorados os ranchos de palha</p>	<p>Peste assolando a cidade</p>	<p>Doença, devastação, morte</p>

<p>perdidos pelos morros, morrendo de fome, de abandono muito mais que moléstia. Os <i>antigos</i> falam repetidamente nas epidemias de câmara-de-sangue, (disenteria hemorrágica) que matava como a peste. E a febre amarela que nos visitou em 1850 sem que existisse recurso para enfrentá-la? E o cólera-marbo de 1856, tão violento e feroz que a data ficou conhecida como o <i>ano da cólera?</i>”</p> <p>“No ano seguinte desabou a peste sobre a Província, o sinistro <i>ano da cólera</i>. Natal perdeu duzentas e quinze vidas numa população de cinco mil. Ceará-Mirim 824. Um total de 2.563 no Rio Grande do Norte.”</p> <p>Pg. 327 e 329</p>		
--	--	--

<p>“Com ferida aberta, intestinos expostos, André d’Albuquerque foi atirado na <i>prisão escura</i> do Forte que tivera seu quarto-avô como o primeiro capitão-mor. Agonizou a noite inteira. Pediu água para beber e um travesseiro. O comandante do Forte recusou água e mandou uma pedra, <i>que devia ser o travesseiro do patriota, pedreiro-livre</i>. Esse processo de tratar os vencidos de eterna predileção humana excepcionou-se no soldado Inácio Manuel de Oliveira. Esse soldado levou uma bilha de água, uma pequena esteira para forrar o solo enlameado, uma trouxa de roupa, para o homem mais rico da Capitania encostar a cabeça e morrer. Pela manhã, por ordem do comandante do Forte, o soldado Bernardo José d’Araújo prendeu o pé do cadáver com um gancho de croque e arrastou-o para fora do cárcere. Quase nu, sujo de sangue coagulado, com as algemas nos pulsos e nos jarretes, o corpo de André d’Albuquerque, amarrado a uns paus, foi transportado, nos ombros de soldados, para ser sepultado no <i>sagrado</i>, como pedira o vigário. Os moleques, de todas as idades e cores, acompanhavam o cortejo, caminho da matriz, cantando:</p>	<p>Morte de André d’Albuquerque, soldado ajudou a acalantar sua alma</p>	<p>Assassinato, acalento, bondade</p>
--	--	---------------------------------------

<p><i>Morreu pai André</i> <i>Ali no Jereré</i> <i>Ali no Jereré</i> <i>Morreu Pai Andre!</i></p> <p>Pg. 341 e 342</p>		
<p>“As 7:30 da noite de 23 de novembro de 1935 soldados do 21º Batalhão de caçadores, membros da Guarda Civil demitidos, populares filiados secretamente ao Partido Comunista, deflagraram um movimento insurrecional.”</p> <p>“O Governador Rafael Fernandes, com as autoridades, assistia a uma festa escolar no teatro Carlos Gomes. O pânico dominou imediatamente. As descargas, quase ininterruptas, conseguiram o que se diz na técnica - <i>entocar a burguesia.</i>”</p> <p>“O Corpo Policial Militar resistiu por 19 horas. Sem direção sistemática, ocultas as autoridades, espavorido o povo, Natal foi presa fácil. O tiroteio durou toda a noite de 23 para 24. “</p> <p>“Rompido o dique, não é possível saber a direção das águas. As requisições às casas comerciais, a violação dos cofres dos bancos, foram os motivos discutidos e sensíveis às críticas elementares.”</p> <p>“A impressão do movimento se reduz a uma frase de Rocha Pombo, para quem se iludisse com o silêncio de certas horas e o aspecto relativamente sossegado das ruas: <i>Era o sossego do pavor imposto pelo desconhecido</i>”</p> <p>Pg. 360 e 361</p>	<p>Chegada do comunismo causando alvoroço</p>	<p>Pânico, medo do desconhecido, conflito</p>
<p>“Nas festas mandadas realizar pelo Rei de Portugal havia <i>luminárias</i>. Os documentos contam que as luminárias duravam três dias. Era uma quanga de coco, casca de laranja, cheia de azeite de carrapato. Mantia-se uma torcida de algodão ou pedaço de pano velho e acendia-se. Cem, duzentas quengas ardendo devia ser bonito. Bonito ou feio era tudo. E mesmo</p>	<p>Começo da iluminação pública da cidade, Reclusão forçada pois se acreditava que a noite não se teria assuntos a se resolver, e quem estivesse fora</p>	<p>Luz, reclusão, medo, luar, festividades</p>

<p>assim de raro em raro, casamento de príncipe ou quando a Rainha nossa senhora recebia um filhinho.”</p> <p>“Às nove horas da noite um tambor, no Quartel da Tropa de Linha, ruflava. Era a <i>caixa das nove</i>. Raras seria a criatura pacata que saísse depois desse ruflo.”</p> <p>“Quem ia fazer visita noturna levava um escravo com um lampião, abrindo a marcha, clareando o caminho difícil.”</p> <p>“ Em fevereiro de 1883 apareceu uma alma caridosa, o presidente Francisco de Gouveia Cunha Barreto. Mandou vir da Europa cem lampiões com os postes de ferro e inaugurou a iluminação a querosene, atendendo que as <i>trevas são as protetoras da gatunagem e de outros atos proibidos.</i>”</p> <p>“Exigia-se vinte noites iluminadas por mês. Havendo luar, os focos iam morrendo, um a um, meia hora depois do nascer da lua, encarregando-se está, sozinha, dos encargos contratuais, segundo uma das cláusulas.”</p> <p>“Nas festas oficiais e bailes a rigor, com a fachada dos prédios cobertas de luzes multicores, a imaginação recorda as comemorações de outrora, tigelinhas, cascas de laranja, quengas de coco, queimando azeite e trapos, em honra d’El-Rei Nosso Senhor...”</p> <p>Pg. 367, 368, 370 e 371</p>	<p>deste padrão estabelecido estaria fazendo algo de errado</p>	
<p>“Há quem faça bico de beiço, indicando-nos como filhos de uma terra melancólica. Imaginemos, há um século, as alegrias coletivas, os centros de interações sociais, os motivos da satisfação estética dos graves natalenses do século passado.”</p> <p>“Revirem o número de brinquedos para gente grande, farsas de máscaras, comédias, cavalhadas, danças de corda, paines circulados de fogo artificial, contradança, bailes, presépios e fandangos.</p>	<p>Brincadeiras animaram a cidade</p>	<p>Diversão, Brincadeiras</p>

“Máscaras, o simples ato de usar máscara significava divertimento e dos bons.”

“Comédias dispensam relatório. O assunto, rápido e primitivo, não traria aos nossos lábios a sombra de um sorriso. Eram deliciosamente rudes, intempestivas e realistas.”

“Os painéis circulados de fogo artificial eram fogo-de-vista, fogo de artifício, fogo preso dos portugueses minhotos na sua fase inicial e pobre da província.

“O fogueteiro-artista, comumente, circulava o painel com esfinge de santo ou chefe do partido político que vencera nas eleições, com um breve sistema de foguetes, bichas e rodinhas, largando fogo naquela obra de arte. Todo conjunto se inflama, chiando, ardendo, espalhando clarões e fogachos coloridos. Ao final, uma trovoadas pacata de tiros, aparecia, iluminado, o retrato mais ou menos horrendo do homenageado, influência numa das cortes, celestiais ou a do Rio de Janeiro. O povo ria ou batia palmas.”

“Pegava-se um cidadão bem vestido, colete, sapato, bacorinha, sisudo, grave, colarinho duro, e sacudia-se em cima uma lata d’água... Zangou-se? Outra! E um nevoeiro asfixiante de farinha do reino, café pilado, pó de sapato, zarcão, jogado com entusiasmo, com vontade de uma pessoa divertir-se e gozar os três dias livres”

“E havia o jantar, os filhoses indispensáveis, com calda de açúcar, os *sonhos* polvilhados de açúcar, o doce de laranja em casca. Bebia-se conhaque. bebia-se vinho do Porto. Genebra Foking, Ginger-ale. cerveja alemã. Franciskaner, legitima, meladinha de cachaça com mel de abelha. Só não havia coquetel. Ninguém misturava bebida. Misturou morreu, diziam os técnicos.”

Pg. 385, 386, 387, 388		
------------------------	--	--

## ANEXO C - TABELA DE AGRUPAMENTO DE ARQUÉTIPOS SELECIONADOS

Relação de palavras arquetípicas com passagens de texto, a situação encontrada e a situação mitológica

TEXTO	SITUAÇÃO	SITUAÇÃO MITOLÓGICA
-------	----------	---------------------

### AGRUPAMENTO 1

<p>“Havia o sal, colhido nas marinas do outro lado do rio, Igapó, Aldeia Velha, antigas malocas dos potiguares. O peixe salgado e seco foi um dos produtos mais rapidamente divulgados, com mercados abundantes e fáceis.”</p> <p>“Domingos da Veiga, escrevendo entre 1625 e 1630, já dissera que <i>“o rio é o mais fértil de peixe que há no Brasil”</i>. E menciona a exportação.”...<i>vay muito peixe salgado a Paraíba e Pernambuco</i>”</p> <p>Pg.59</p>	<p>Peixe salgado sendo a grande produção do Rio Grande.</p>	<p>Fertilidade, produção, abundância</p>
--	---	--

<p>“Comia-se muito e comia-se mal, ensinam os doutores. Era porém, gostoso e farto. A bebida era pouca. Os naturalistas e viajantes estrangeiros assombravam-se com a sobriedade nacional. Havia a <i>abrideira</i>, cachacinha aperitiva, e fortuito copo de vinho tinto. Água era a bebida durante a refeição. Era, como continua sendo.”</p> <p>Pg. 101</p>	<p>Abundância de alimentos típicos e aperitivos alcoólicos, água como principal bebida nas refeições</p>	<p>Fartura</p>
--	--	----------------

<p>“Natal possui sua muralha de vinte e uma dunas que a vegetação de cajueiros e manjeriobas restantes fixou contra o vento teimoso. A cinta adarvada corre de leste a sul, pontecendo os tabuleiros despovoados de árvores de sombra e cheios de cajuís, mangaba, ubaias, camboins, araçás, maçarandubas e guajirus.”</p>	<p>Caracterização da flora da cidade, suas dunas, cajueiros e manjeriobas, tabuleiros de cajuís, mangaba, ubaias, etc.</p>	<p>Flora, natureza, mãe natureza</p>
--	--	--------------------------------------

Pg. 128		
<p>“Na parte baixa da cidade as areias filtram as fontes salobras. mesmo dentro do forte dos reis Magos há uma cacimba, cortada no arrecife, guardada dentro da capela, no meio da praça nobre das armas. Era uma curiosidade para os holandeses água doce no meio d’água salgada.”</p> <p>Pg. 128</p>	<p>Água doce encontrada com facilidade, ajudando a povoação e a prosperar a cidade</p>	<p>Água, vida, abundante</p>
<p>“A população indígena encontrava água farta, escavando-se cacimbas ou nos dois córregos abundantes, o Tiçuru, no Baldo, e o Coemaçu nas Quintas. A caça era fácil e encontradiça nos morros, veados, cutias, jacus, tejuaçus, tatus, uma multidão de aves e lagartos. O rio era piscoso e seu nome, potengi <i>rio-dos-camarões</i>, anunciava o préstimo alimentício.”</p> <p>Pg. 129</p>	<p>Relação dos índios com a natureza, rios e caça</p>	<p>Mãe natureza, abundância</p>
<p>“E durante a noite, adivinhações e consultas ao santo. Todas na intenção do casamento. O santo áspero, arredio, soberbo de castidade insolente, é um orago de alta percentagem sexual.</p> <p>Coincidência da época de São João com as festas pagãs de séculos passados, cerimônias de pastores, lavradores, gente do campo, aos deuses da fecundação, pedindo pelos campos e meses maiores. Junho é equinócio de verão europeu, de inverno para nós. E convergem cultos orgiásticos, saldos de religiões mortais, boiando na memória do povo, tudo reunido no Precursor, numa festa luminosa de amor e de alegria física.”</p> <p>Pg. 143</p>	<p>Embora a religião cristã vinda de Portugal dominava, existiam “procedimentos” pagãos ligados a fecundação eram misturados.</p>	<p>Fertilidade, abundância, casamento, sexualidade</p>

<p>“março era mês de São José ou o da Boa-Morte. No dia do santo, 19, há missa. No sertão observa-se se chove. Choveu no dia de São José há inverno regular. A coincidência do equinócio explica.”</p> <p>Pg. 139</p>	<p>A coincidência das chuvas no dia de São José era o indicativo de que a colheita no interior seria próspera</p>	<p>Misticismo, religiosidade, sinal divino, mãe natureza</p>
---	---	--

<p>“Carnes, aves, frutas, raízes, eram vendidas debaixo das árvores frondosas na praça da Alegria, rua Grande e noutros pontos.”</p> <p>“Até o século XVIII quem tinha dinheiro possuía reservas alimentícias em casa. A maioria dos moradores era proprietária de sítios ao redor de Natal. Desses sítios vinha a mandioca, milho, feijão, frutas e mesmo a farinha, feita nas casas que serviam a vários proprietários mediante percentagem na farinha ou desmancha. A carne de gado comprava-se mesmo na cidade.”</p> <p>“O consumo de frutas e verduras não era grande. As frutas mais saboreadas eram as nativas cajus, mangabas, jabuticabas, maçarandubas, guajirus, cajás etc. As mangas tinham vindo da Índia, mas foram de rápida aclimação, de meios do século XVIII em diante. O regime era essencialmente carnívoro, carnes assadas e cozidas e o pescado, abundante, no rio e no mar, especialmente apanhado nos currais.”</p> <p>Pg. 187 e 188</p>	<p>Grande variedade de alimentos disponíveis para o consumo, criação dos primeiros pontos de comércio</p>	<p>Produtos, frutos, fartura, alimento</p>
---	---	--

## AGRUPAMENTO 2

<p>“Almoçava-se as nove, jantava-se as três e ceava-se ao escurecer, nas <i>trindades</i>, Ângelus batido pelo sino da Matriz, quando subia no céu do ocaso a luz da papa-ceia (Vésper).”</p>	<p>Hábitos engessados e tradicionais devido a falta de luz</p>	<p>Horários rígidos, dependência do sol</p>
---	--	---

Pg. 100		
---------	--	--

<p>“A rara saída noturna obrigava a um escravo abrir o préstito conduzindo uma luz, archote de pau resinoso ou lampião de azeite de carrapato. A treva isolava as famílias, tornando-as mais coesas e senhorias, mais intimistas e senhoras de opinião. Ausência de mercado determinava as reservas da <i>despensa</i> e a indústria caseira do aproveitamento da fruta, do leite e das mantas de carne”</p> <p>Pg. 100</p>	<p>Dificuldades pela falta de iluminação, reclusão forçada</p>	<p>Dependência, isolamento, acumulação de alimentos</p>
---	--	---

<p>“Depois de corrida a caixa das 9 ninguém será isento de ser apalpado e revistado, e mesmo antes desta hora havendo suspeita”. Era proibido de noite parar nas esquinas, nos quintais e nas ruas, dar assobios ou quaisquer sinais. Seriam presos homens vestidos de mulher e mulher vestida de homem, gente de chapéu desabado, embuçados e mascarados.”</p> <p>Pg.103</p>	<p>Reclusão forçada pois se acreditava que a noite não se teria assuntos a se resolver, e quem estivesse fora deste padrão estabelecido estaria fazendo algo de errado</p>	<p>Toque de recolher, reclusão, vigilância, preocupação</p>
---	--	---

### AGRUPAMENTO 3

<p>“ocorre a Semana Santa, com o cerimonial impressionante. Quarta-feira de Cinzas era o primeiro anúncio, com a cruz de cinzas riscada na testa.</p> <p>Os dias de Quaresma, ausentes de outros interesses que hoje os assaltam, ocupavam o natalense em absoluto. Jejuns, orações, leituras, seriedade feroz.</p> <p>Domingo de Ramos, alegre. Procissão do fogaréu, à noite, lanternas de papel ou tochas recordando a busca dos</p>	<p>A vida social de Natal tinha forte ligação com a religião cristã, as festividades eram, em sua grande maioria, religiosas.</p>	<p>Religião, cristianismo, devoção, festividades, sacrifício</p>
---	---	--

<p>judeus e soldados romanos a Jesus Cristo.</p> <p>Dia de jejum complet e consoada à noite, toda família sem fazer ar de riso.  <i>“Não ria, menino, Nossa Senhora morreu!”</i></p> <p>Pg. 139</p>		
---	--	--

#### AGRUPAMENTO 4

<p>“Até meados do século XIX, havia em Natal uma cerimônia popular de impressionante aspecto. Não se sabe como começou. A igreja não a autorizou, mas era o povo o responsável pela existência macabra dessa procissão caricata e terrificadora.</p> <p>Pela tardinha, percorria as ruas mais habitadas da cidade um grupo de mascarados, representando possivelmente vestígios de um ritual do populário português, desaparecido em sua expressão característica. Uns três rapazes chefiavam outros tantos, bandos de girtadores. Um masmarro sisudo, andando gravemente, estendia as mangas do hábito desmesuradamente exageradas, para cobrir as <i>almas</i>, vestida de fofos chambres alvadios, com cordões de S. Francisco à cinta. Essas <i>almas</i> rodeavam, espavoridas, o altivo frade que, armado de chicote, afugentava a ciranda dos diabos que bailavam em derredor. Os demônios, com chifres, línguas vermelhas feitas de baeta e pequenas asas de papel, empunhavam espetos negros e urravam de meter medo. Satanás dirigia, pessoalmente, a investida sempre corajosa e sempre frustrada. Um mundo miúdo de garotos, atraídos pelo séquito e tremendo de terror incontido, fugia e</p>	<p>Homens fantasiados demonstrando o poder da igreja, da morte</p>	<p>Morte, medo, expurgo dos pecados, representações do inferno</p>
--	--	--

voltava, perseguidos pelos belzebus, guinchadores e careteiros. A gritaria assombrava as crianças que choravam de pavor. A estridência dos berros levava a assuada como arauto muito antes de ver-se o sinistro cortejo.

A figura principal, que estarrecia a imaginação infantil e perturbava o espírito místico da época, era justamente a *morte*. Enrolado numa mortalha de pano alvíssimo que se arrastava pelo chão, um vulto da *morte* medieval, estilizada, viva n'alma espavorida do povo, caminhava lentamente, com desmarcada estatura, levando um imenso machado ao ombro direito. O tremendo faricoco, onde dois olhos furiosos espreitavam pelos buracos de cagula, chegava sem rumor até a porta que se fechava, rapidamente, logo que sua presença era vislumbrada. Parando por um instante, riscava uma cruz latina no solo e dizia sonoramente: "*Vá se preparando! Vá se preparando! Eu volto breve para vir buscá-lo...*"

Apesar de quase toda a cidade conhecer, um por um os personagens do cortejo, rapazes que tinham aquela mania pseudamente religiosa, o medo era geral. As ruas ficavam com todas as casas fechadas. Era uma provação dispensável aquela cerimônia apavorante. Finalmente, depois de 1840, caiu em desuso e desapareceu para sempre.

A morte andava em cima de pernas-de-pau para justificar a altura descomunal do mais sugestivo títere do grupelho medonho."

Pg. 144

## AGRUPAMENTO 5

"Nossa Senhora d'Apresentação, no

A chegada de

Aparição, chegada,

<p>seu bento vulto, chegou à cidade do Natal numa quarta-feira, 21 de novembro de 1753.</p> <p>1753 ou 1736? Não há documento dirimindo a questão. Existe tradição oral, narrando o episódio e memórias velhas apontando datas, desacompanhadas dos comprovantes. Dois grandes sabedores da história natalense, Joaquim Lourival Soares da Câmara, Panqueca, 1849-1931, e Fransico Gomes de Albuquerque e Silva, Chico Bilro, 1858 - 1931, diziam que a padroeira chegara em anos bem diversos. 1753 para Panqueca, a data mais popular. 1736 para Chico Bilro.”</p> <p>“Nessa manhã de 21 de novembro, sexta-feira, dia santo por ser o dia da invocação padroeira, quem passeava à margem do Potengi, ladeado a barraca vermelha onde se aprumava o casario humilde, enxergou, encalhado numa pedra no meio do rio, um caixãozinho de madeira, alcatroado.</p> <p>Podia ser um salvado de naufrágio e, depressa remaram numa baiteira para a pedra que fica alguns metros da praia. Enquanto iam salvar o caixote crescera o número de desocupados e curiosos. o caixão viera, depositado n’areia e aberto logo, na ânsia de ver o tesouro.</p> <p>Encontraram uma imagem, de tamanho médio, uns cinquenta a sessenta centímetros, bem encarnada e vistosa na pintura nova e viva. Trazia Menino-Deus no braço e estendia a mão como se segurasse invisível objeto.</p> <p>-É uma Nossa Senhora do Rosário”...</p> <p>A pedra, onde o caixote ancorou,</p>	<p>Nossa Senhora da d’Apresentação se deu de maneira misteriosa, chegando a cidade através do rio em um caixote, como se fosse mandada por alguma força externa para abençoar a cidade</p>	<p>surgimento, fé, admiração, desígnio do divino.</p>
--	--	---

<p>ainda conserva o nome. É <i>pedra do Rosário</i>. Fica na confortação da Igreja do Rosário. Uma autorização de gente prática cedeu a pedra para que passasse um oleoduto para um depósito flutuante que pertenceu à Companhia Air France. Meio quebrada, sustentando o cano negro, a Pedra do Rosário é visitada pelos raros sabedores de sua ilustre tradição.”</p> <p>“No caixãozinho ou numa faixa, envolvendo o vulto, lia-se: <i>No ponto onde der este caixão não haverá nenhum perigo</i> (Panqueca). <i>Onde esta Santa parar nenhuma desgraça acontecerá</i> (Chico Bilo). Há outras versões. Todas no mesmo sentido.”</p> <p>Pg. 165, 166 e 167</p>		
--	--	--

## AGRUPAMENTO 6

<p>“O forte construído ficava isolado em seu arrecife cercado pelo mar assim como a guarnição estava circundada pela indiada furiosa.” Pg.47</p>	<p>Barreira de afastamento dos conflitos entre os invasores e os nativos</p>	<p>Tensão, richa, proteção e ataque.</p>
<p>“A conquista pela espada seria consolidada pela catequese dos espíritos. Mosquetes, canhões, lanças, espadas e pelouros nada fariam. Vencido, recuava o indígena como uma onda e voltaria, mais forte, quebrando-se nas muralhas de pedra dos Reis magos. O processo era embainhar a espada e dar a palavra ao padre.”</p> <p>““É a vez dos jesuítas no futuro Rio Grande do norte. Padre Francisco Pinto conquista o tuxaua os potiguares, o Camarão-Grande, Potiguaçu.” Pg.47</p>	<p>Mudança da estratégia bélica para uma estratégia de catequese, introdução aos jesuítas.</p>	<p>Apaziguamento, temperança, convencimento, calma.</p>

## ANEXO D - FICHA DA ENTREVISTA

### FICHA DA ENTREVISTA - PARTICIPAÇÃO DO GRUPO DE FOCO

Este trabalho de conclusão de curso tem o intuito de fazer uma tradução da história oral da cidade do Natal em um conjunto de cartas, para isso, se faz necessária a participação da população da cidade do Natal para validação das cartas propostas.

Diante dos textos retirados da obra de Luiz da Câmara Cascudo, História da cidade do Natal, foram extraídas as situações e um grupo de palavras-chave que se relacionam. Relacione as palavras com o texto de acordo com sua leitura e entendimento.

Observações: As palavras-chave podem se repetir; Palavras-chave de um agrupamento só podem ser utilizadas a tabela que se refere.

1 - Palavras chave: Fertilidade, produção, abundância, fartura, flora, natureza, mãe natureza, água, vida, casamento, sexualidade, misticismo, religiosidade, sinal divino, mãe natureza, produtos, frutos, alimento

SITUAÇÃO	PALAVRAS-CHAVE
Peixe salgado sendo a grande produção do Rio Grande	
Abundância de alimentos típicos e aperitivos alcoólicos, água como principal bebida nas refeições	
Caracterização da flora da cidade, suas dunas, cajueiros e manjeriobas, tabuleiros de cajuís, mangaba, ubaias, etc.	
Água doce encontrada com facilidade, ajudando a povoação e a prosperar a cidade	
Relação dos índios com a natureza, rios e caça	
Embora a religião cristã vinda de Portugal dominava, existiam “procedimentos” pagãos ligados a fecundação eram	

misturados.	
A coincidência das chuvas no dia de São José era o indicativo de que a colheita no interior seria próspera	
Grande variedade de alimentos disponíveis para o consumo, criação dos primeiros pontos de comércio	

Escreva uma palavra que lhe vier em mente que se relacione ao que foi lido, pode ser uma das palavras-chave, mas não é obrigatório. \_\_\_\_\_

2 - Palavras-chave: Toque de recolher, reclusão, vigilância, preocupação, dependência, isolamento, acumulação de alimentos, horários rígidos, dependência do sol

SITUAÇÃO	PALAVRAS-CHAVE
----------	----------------

Hábitos engessados e tradicionais devido a falta de luz	
Dificuldades pela falta de iluminação, reclusão forçada	
Reclusão forçada pois se acreditava que a noite não se teria assuntos a se resolver, e quem estivesse fora deste padrão estabelecido estaria fazendo algo de errado	

Escreva uma palavra que lhe vier em mente que se relacione ao que foi lido, pode ser uma das palavras-chave, mas não é obrigatório. \_\_\_\_\_

3 - Palavras-chave: Religião, cristianismo, devoção, festividades, sacrifício

SITUAÇÃO	PALAVRAS-CHAVE
----------	----------------

A vida social de Natal tinha forte ligação com a religião cristã, as festividades eram, em sua grande maioria, religiosas.	
--	--

Escreva uma palavra que lhe vier em mente que se relacione ao que foi lido, pode ser uma das palavras-chave, mas não é obrigatório. \_\_\_\_\_

4 - Palavras-chave: Morte, medo, expurgo dos pecados, representações do inferno,

SITUAÇÃO	PALAVRAS-CHAVE
----------	----------------

Homens fantasiados demonstrando o poder da igreja, da morte	
---	--

Escreva uma palavra que lhe vier em mente que se relacione ao que foi lido, pode ser uma das palavras-chave, mas não é obrigatório. \_\_\_\_\_

5 - Palavras-chave: Aparição, chegada, surgimento, fé, admiração, desígnio do divino.

SITUAÇÃO	PALAVRAS-CHAVE
----------	----------------

A chegada de Nossa Senhora d'Apresentação se deu de maneira misteriosa, chegando a cidade através do rio em um caixote, como se fosse mandada por alguma força externa para abençoar a cidade	
---	--

Escreva uma palavra que lhe vier em mente que se relacione ao que foi lido, pode ser uma das palavras-chave, mas não é obrigatório. \_\_\_\_\_

6 - Palavras-chave: Tensão, richa, proteção e ataque, apaziguamento, temperança, convencimento, calma,

SITUAÇÃO	PALAVRAS-CHAVE
----------	----------------

Barreira de afastamento dos conflitos entre os invasores e os nativos	
---	--

Mudança da estratégia bélica para uma estratégia de catequese, introdução aos jesuítas.	
---	--

Escreva uma palavra que lhe vier em mente que se relacione ao que foi lido, pode ser uma das palavras-chave, mas não é obrigatório. \_\_\_\_\_

**ANEXO E - RESPOSTAS DA TABELA DE AGRUPAMENTOS E  
PALAVRAS-CHAVE**

<b>AGRUPAMENTO</b>	<b>PALAVRAS-CHAVE</b>	<b>PALAVRA DE LIVRE ESCOLHA</b>
<b>AGRUPAMENTO 1</b>	Abundância, Água, Alimento, Fartura, Vida, Religiosidade, Produção, Sinal divino, Misticismo, Mãe Natureza, Frutos, Flora, Natureza, Casamento, Sexualidade e Produtos	Fertilidade, Ligação com a fauna, subsistência, Oxum, Mãe Natureza.
<b>AGRUPAMENTO 2</b>	Toque de recolher, Dependência do sol, Reclusão, Horários Rígidos, Vigilância	Dependência do sol, Medo do escuro, Tensão, Prisão, Enclausuramento
<b>AGRUPAMENTO 3</b>	Religião, Festividades, Devoção, Penitência, Expurgo dos pecados, Sacrifício, Cristianismo.	Religião, Agradecimento, Revés, Penitência, Cultura.
<b>AGRUPAMENTO 4</b>	Medo, Representações do inferno, Morte	Temor à morte, Medo, Controle,
<b>AGRUPAMENTO 5</b>	Surgimento, Aparição, Fé, Chegada, Desígnio do divino, Fé	Aparição, Bênção, Devoção, Religião, Bênção
<b>AGRUPAMENTO 6</b>	Apaziguamento, Proteção e ataque, Tensão, Rixa,	Imposição, Convencimento,

	Convencimento, Calmaria, Temperança	Dominação, Diplomacia, Imposição
--	--	-------------------------------------

Fonte - Autor (2017)